

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA LITERÁRIA

MARIANA BISAIO QUILLICI

EPÍSTOLAS DO AMOR E DA GUERRA:
O espaço biográfico nas cartas de Olga Benario

UBERLÂNDIA

2015

MARIANA BISAIO QUILLICI

EPÍSTOLAS DO AMOR E DA GUERRA:
O espaço biográfico nas cartas de Olga Benário

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, para a obtenção do título de Mestre em Teoria Literária.

Área de concentração: Teoria Literária

Linha de Pesquisa: Poéticas do Texto
Literário: Cultura e Representação

Tema para orientação: Literatura em diálogo com temáticas judaicas e da guerra

Orientadora: Profa. Dr. Kenia Maria de Almeida Pereira

UBERLÂNDIA
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

-
- Q6e
2015
- Quillici, Mariana Bisaio, 1990-
Epístolas do amor e da guerra: o espaço biográfico nas cartas de
Olga Benário / Mariana Bisaio Quillici. - 2015.
106 f. : il.
- Orientadora: Kênia Maria de Almeida Pereira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Letras.
Inclui bibliografia.
1. Literatura - Teses. 2. Literatura brasileira - História e crítica -
Teses. 3. Epístolas - Teses. 4. Prestes, Olga Benário, 1908-1942 -
Correspondência - Teses. I. Pereira, Kênia Maria de Almeida. II.
Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em
Letras. III. Título.

MARIANA BISAIO QUILLICI

EPÍSTOLAS DO AMOR E DA GUERRA:
O espaço biográfico nas cartas de Olga Benário

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras – Curso de Mestrado Acadêmico em Teoria Literária do Instituto de Letras da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Teoria Literária.

Linha de pesquisa: Poéticas do texto literário: cultura e representação.


Orientador (a): Kenia Maria de Almeida Pereira

Uberlândia, 25 de fevereiro de 2015

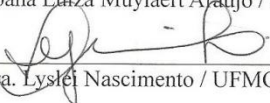
Banca Examinadora:



Profa. Dra. Kenia Maria de Almeida Pereira / UFU (Presidente)



Profa. Dra. Joana Luíza Muylaert Araújo / UFU



Profa. Dra. Lyslei Nascimento / UFMG

A meus pais e minha irmã, pelo exemplo, apoio, dedicação e amor
incondicional.

AGRADECIMENTOS

Registro, aqui, meus agradecimentos; afinal, trabalho algum existiria sem vocês.

A Deus, pela vida e esperança.

Aos meus pais, Armindo e Nilva, pela dedicação, amor, carinho e, principalmente, pelo exemplo.

À minha irmã, Maria Clara, pela paciência, companheirismo e pelas muitas risadas.

À FAPEMIG, pelo incentivo que garantiu que eu chegasse ao fim de meu trabalho.

Aos meus avós, tios, tias, primos e primas, pelos maravilhosos momentos.

À minha orientadora, Kenia Maria de Almeida Pereira, pela alegria, profissionalismo, pelos puxões de orelha e por não me deixar desanimar nunca, e, à minha coorientadora, Maria Luiza Tucci Carneiro, pelas leituras.

Às professoras Irley Machado, Joana Muylaert e Lyslei Nascimento, pelos preciosos apontamentos.

Aos queridos professores que tive durante toda a minha trajetória; em especial, ao professor Leonardo Soares, pelo profissionalismo, pelas conversas, orientações, maravilhosas aulas e pelo incentivo; à professora Edetilde Mendes, pelas riquíssimas aulas de alemão, conversas e conselhos.

À equipe do Colégio INEI Uberlândia; em especial, aos meus queridos Gabriel, Gabriela, Jacione, Juliano, Leonardo, Luiza, Pâmela e Patrícia.

Aos queridos amigos, em especial, Ana Paula, Cícero, Jacqueline, Mariana, Rodrigo, Taíssa, Tuanny e, principalmente, Jonas, companheiro inseparável nos estudos e na diversão, obrigada pelas risadas, pelo companheirismo e por tantos ensinamentos.

*Todo mundo tem que viver uma grande paixão e uma possibilidade
de revolução.*

Marilena Chauí

RESUMO

Esta dissertação apresenta a análise de três cartas, escritas por Olga Benario e endereçadas a Luiz Carlos Prestes, durante o período em que ela esteve presa na Alemanha nazista de Adolf Hitler, e ele no Brasil ditatorial de Getúlio Vargas. Compreendendo a importância da escrita epistolar, principalmente quando se torna a única forma de comunicação, buscamos encontrar marcas de um perfil de Olga que escapam à visão estereotipada existente no imaginário popular. Para isso, analisamos as cartas sob a perspectiva da guerra, do amor e das leituras de Benario, feitas ao longo de sua vida e registradas no espaço de reflexão que a epístola proporciona. A proposta é permitir, por meio da escrita da própria Olga Benario, encontrar suas reflexões, angústias e desejos. Para tanto, embasamo-nos em teóricos como Alfredo Bosi, Leonor Arfuch, Maria Luiza Tucci Carneiro, Martin Gilbert, Peter Gay, Primo Levi, Silvina Rodrigues Lopes, Tzvetan Todorov, entre outros.

Palavras-chave: Olga Benario, epístolas, amor, guerra, literatura.

ABSTRACT

This dissertation presents the analysis of three letters, written by Olga Benario and addressed to Luiz Carlos Prestes, during the period when she was imprisoned in Nazi Germany of Adolf Hitler, and he in dictatorial Brazil of Getúlio Vargas. Understanding the importance of epistolary writing, especially when it becomes the only form of communication, we seek to find Olga profile brands that escape existing stereotypical view in the popular imagination. For this, we analyzed the letters from the perspective of war, love, and readings that Benario did, alongside his life, and records in the space of reflection that the letter provides. The proposal is to allow, through writing own Olga Benario, find his reflections, anguish and desires. Therefore, base us in theoretical as Alfredo Bosi, Leonor Arfuch, Maria Luiza Tucci Carneiro, Martin Gilbert, Peter Gay, Primo Levi, Silvina Rodrigues Lopes, Tzvetan Todorov, among others.

Key words: Olga Benario, epistles, love, war, literature.

LISTA

Figura 1: Capa da biografia <i>Olga</i> , de Fernando Morais.....	p.16
Figura 2: Capa de <i>Olga, muitas paixões numa só vida</i>	p.17
Figura 3: Otto Braun.....	p.19
Figura 4: Luiz Carlos Prestes.....	p.27
Figura 5: Foto dos passaportes falsos.....	p.28
Figura 6: Olga presa no Rio de Janeiro.....	p.33
Figura 7: Olga por Portinari.....	p.36
Figura 8: Atestado médico entregue à Leocádia no dia em que pega a neta na prisão.....	p.38
Figura 9: Walter Dendy Sadler.....	p.44
Figura 10: Carl Spitzweg.....	p.44
Figura 11: Johannes Vermeer, <i>Girl Reading a Letter at an Open Window</i>	p.45
Figura 12: Frauengefängnis Barnimstraße (Prisão feminina Barnimstraße).....	p.59
Figura 13: Campo de concentração de Prettin.....	p.68
Figura 14: Campo de concentração de Ravensbrück.....	p.83

SUMÁRIO

Introdução.....	12
Capítulo I	
Olga Benario: uma história entre o amor e a guerra.....	16
Capítulo II	
A carta como gênero literário: reflexões sobre espaço biográfico.....	39
Capítulo III	
As epístolas de Olga Benario: entre o cotidiano da cela e as reflexões políticas e amorosas.....	56
Considerações Finais.....	89
Referências.....	93
Anexo	
Cartas de Luiz Carlos Prestes.....	99

INTRODUÇÃO

O interesse em estudar Olga Benario surgiu em 2004, quando assisti, pela primeira vez, *Olga, muitas paixões numa só vida*,¹ de Jaime Monjardim. O filme me deixou encantada com a história de uma mulher tão apaixonada por seus ideais e por seu companheiro. Até aquele momento, no entanto, não existia a pretensão de estudar qualquer fato relacionado ao tema.

Ao ingressar no curso de Letras, tive contato com o Laboratório de Estudos Judaicos (LEJ) e, nesse momento, surgiu a ideia de trabalhar com o livro *Olga*,² de Fernando Morais. Contudo, o avanço nas pesquisas me levou às cartas escritas por Olga Benario e endereçadas a Luiz Carlos Prestes, durante o período em que ela esteve presa na Alemanha. Resolvi, então, trabalhar com as epístolas, valorizando os relatos deixados pela própria Olga e, nesse aspecto, abordar duas grandes temáticas, que parecem ter sobressaído na história desta mulher: o amor e a guerra.

O amor, sentimento comum a todos os homens, e expresso de formas singulares por cada um, não poderia deixar de permear cartas trocadas entre um casal que viveu uma história de confiança e entrega tão intensa. Por sua vez, a guerra aparece como o fator responsável pela separação do casal, como a impossibilidade de uni-los novamente. Assim, dois grandes extremos caminharam juntos nessa troca de correspondência.

É oportuno ressaltar que o objeto de pesquisa aqui apresentado são cartas escritas por uma mulher apaixonada, que vive, em uma realidade de privação e censura, longe de seu amado; cartas de desabafo íntimo, sem a pretensão de serem publicadas, cartas que poderiam ser escritas por qualquer um na mesma situação; mas, sendo de Olga Benario, caracterizam-se como importantes documentos para a construção da história do Brasil e do séc. XX, já que ela foi uma grande militante integrada à tentativa de revolução comunista em nosso país.

O trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro faz um apanhado histórico sobre a vida de Olga Benario até o momento em que é enviada à prisão de mulheres em Berlim. Informações que não são encontradas em suas cartas, uma vez que a correspondência, aqui analisada, teve início quando Olga chega à prisão de mulheres em

¹ *Olga, muitas paixões numa só vida*. Direção: Jayme Monjardim. Brasil: Globo Filmes, Nexus Cinema e Vídeo, Europa Filmes e Lumière, 2004. 1 DVD (141 min.), son., color.

² MORAIS, Fernando. *Olga*. 16ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Berlim, depois de ser enviada, pelo presidente do Brasil, Getúlio Vargas, como presente aos nazistas. Em meio à descrição destes fatos, faremos uma reflexão sobre o nazismo na Alemanha e o antissemitismo, principalmente no Brasil.

Para tanto, apresentamos reflexões de Martin Gilbert (2010), que nos explicam como o nazismo se instaurou na Alemanha e foi capaz de tantas atrocidades. Como podemos observar a seguir:

Na Alemanha, logo após a Primeira Guerra Mundial, os judeus estavam entre os que se engajaram na reconstrução da nação alquebrada [...]. Mas na turbulência da derrota, vozes se elevavam acusando “os judeus” pela humilhação alemã [...]. Hitler se apresentava como o homem que havia visto e que evitaria, não somente a destruição da vida alemã, mas a destruição, pelos judeus, da vida na terra. Os perigos, conforme ele os via, relacionavam-se com a integridade racial do povo alemão, e com um ataque deliberado à sua integridade (GILBERT, 2010, p.25-28).

A Alemanha, fragilizada pela derrota na Primeira Guerra Mundial, permitiu que as ideias antissemitas, catalisadas pelo discurso de Hitler, dominassem o povo, como se fosse possível encontrar um grupo culpado por toda a humilhação da derrota e pela crise do pós-guerra. Dessa forma, traçamos, paralelamente à história de Olga Benario, a evolução da *Shoah* e o sentimento antissemita no Brasil, discutido por Maria Luiza Tucci Carneiro (2001), em *O Anti-semitismo na Era Vargas*. Segundo a autora, apenas podemos compreender a postura de discriminação aos judeus do presidente Getúlio Vargas, analisando-a em seu contexto mundial: o fato de Vargas entregar Olga à Alemanha nazista aponta para uma atitude antissemita.

Já no segundo capítulo, passamos a discutir a história do gênero epistolar, desde sua importância para os povos antigos, passando por Paulo, o apóstolo, e pelo filósofo Platão até Goethe, refletindo sobre sua importância para as artes plásticas, a literatura e a música, até chegar aos dias atuais, e ao declínio da escrita de cartas. Analisaremos, ainda, a importância para os estudos da escrita de si, o que nos leva à análise das epístolas como espaço biográfico.

Discutiremos, com Peter Gay (1999), acerca do gosto pela troca de cartas e da forma como elas foram se tornando cada vez mais sensíveis, francas e reveladoras, até atingir um nível de culto à figura do carteiro – o responsável por fazer com que as tão esperadas epístolas chegassem ao destino final –; também nos faremos atentos às discussões de Eliane Vasconcelos (2008), que nos levam a refletir sobre o caráter íntimo

e confidencial da carta. Com isso, traçamos um percurso que nos possibilita entender os estudos epistolares, sob a perspectiva das escritas de si, entendendo, segundo Leonor Arfuch (2010), que as cartas expressam “suma importância ao desdobramento da subjetividade” (ARFUCH, 2010, p.45). Assim, tomamos a escrita de Olga Benario e analisamos suas cartas revelação do eu e espaço de desabafo.

No último capítulo, faremos a análise de três cartas. A partir da primeira, escrita em 24 de setembro de 1937, da prisão feminina Barnimstraße, em Berlim, faremos uma pesquisa buscando discutir as questões da guerra que permeiam a descrição feita por Olga, de um dia na prisão. Aqui, contamos com as reflexões de Primo Levi (1988) sobre a desumanização do homem e o desrespeito à vida do outro em situações de guerras, e sobre a triste realidade das crianças que sofreram com o terror nazista. Além disso, discorreremos, com base em Rosani Ketzer Umbach (2012), sobre a ideia de memória de repressão e como essa pode ser identificada nas cartas de Olga.

Passando para a segunda carta, redigida no campo de concentração de Prettin, com data de 14 de maio de 1938, perceberemos a relevância das leituras de Olga e a forma como a literatura cumpre um importante papel aos que a usam como uma forma de escapar da realidade do cárcere, como nos apresenta Tzveten Todorov (2012), em *Literatura em perigo*: “A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo” (TODOROV, 2012, p.76). Examinaremos, ainda, a forma como o soneto “Ser mãe”, de Coelho Neto, e o poema “Velhas árvores”, de Olavo Bilac, enviados por Prestes à Olga na referida carta, estão ligados à realidade vivida por ela naquele momento. Essa análise se encerra com uma reflexão acerca da literatura e a visão de Alfredo Bosi (2002) sobre o testemunho.

Finalmente, a terceira carta, escrita em dezembro de 1940, enviada do campo de concentração de Ravensbrück, será lida sob a perspectiva do amor. Buscamos entender as marcas do cuidado do casal que resistia à distância e ao tempo que os separava. Lidamos com a ideia de amor pensada por Platão, procurando relacioná-la ao percurso amoroso de Olga e Prestes, considerando a ideia de que o amor surge da admiração da beleza, mas atinge o estado de contemplação que o liberta das deficiências humanas, como o ciúme. Analisamos, ainda, a forma do amor materno, que também se destaca na relação de Olga com a filha que lhe foi retirada dos braços e entregue à avó paterna. O capítulo se encerra com a reflexão sobre o perfil de Olga Benario, que pode ser encontrado nessas cartas e que difere daquele existente no imaginário popular.

Esperamos que este trabalho possa valorizar a história de uma mulher, exemplo de força e determinação, marcada pelos ideais de uma militante e pela tragédia por ser judia. Olga, que teve significativa atuação na história de nosso país, no entanto, tem recebido pouco destaque nos estudos literários. A proposta deste trabalho, portanto, é buscar essa valorização e análise mediante um estudo das palavras escritas por ela e endereçadas a Luiz Carlos Prestes.

CAPÍTULO I

OLGA BENARIO: ENTRE O AMOR E A GUERRA

Ein Fichtenbaum steht einsam
Im Norden auf kahler Höh'
Ihn schläfert; mit weißer Decke
Umhüllen ihn Eis and Schnee.
Er träumt von einer Palme,
Die fern im Morgenland
Einsam und schweigend trauert
Auf brennender Felsenwand (Heinrich Heine).³

A personagem Olga Benario é muito conhecida por sua importância na história política do Brasil e, principalmente, por seu envolvimento amoroso com Luiz Carlos Prestes. A Olga existente no imaginário popular ficou conhecida com o lançamento de *Olga*, biografia publicada por Fernando Moraes, em 1985, que hoje, já alcançou mais de 1 milhão de cópias vendidas no Brasil. O autor assegura, na apresentação da obra, que os fatos ali descritos aconteceram exatamente da forma como são narrados. Luciara Lourdes Silva de Assis, em *Retratos biográficos de Olga Benario: uma vida escrita*, discute que “a apreensão da exatidão dos fatos pela escrita revela-se sempre ilusória. Apesar disso, o discurso jornalístico caracteriza-se, essencialmente, pela pretensão de ser portador da verdade factual” (ASSIS, 2011, p.53); assim, Assis alerta-nos sobre a veracidade das informações ali encontradas.

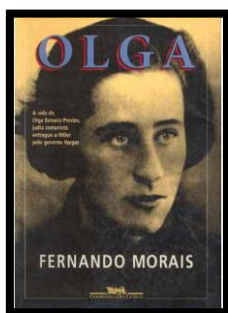


Figura 1: Capa do livro *Olga*, de Fernando Moraes.

³ “Um pinheiro encontra-se solitário,/ No norte, em altura erma/ Ele sente sono, sob coberta branca,/ Ao redor, gelo e neve/ Ele sonha com uma palmeira que,/ Distante no oriente/ Está triste e calada/ Sobre uma rocha ardente.” Trad. de Anita Leocádia Prestes.

No ano de 2004, essa biografia passou por uma adaptação e foi transformada no filme *Olga, muitas paixões numa só vida*, produzido por Jaime Monjardim e Rita Buzzart, que destaca a relação amorosa entre Olga e Prestes. Sobre essa produção, Assis observa que “o filme traz uma imagem plena de significado: a última carta da personagem no papel de fio condutor da trama” (ASSIS, 2011, p.108). Dessa forma, cria-se a ideia de que é a própria Olga quem escreve a história. O filme incentivou uma nova procura pelo livro e reforçou, no imaginário popular, a percepção de que a militante comunista era uma mulher que viveu por uma paixão, como, notadamente, aponta Assis, pela “ênfase dada à história de amor entre Olga e Prestes, em prejuízo dos acontecimentos históricos de que tomaram parte” (ASSIS, 2011, p.107). Essa produção desenvolveu, ainda, um interessante fenômeno que tornou a imagem de Olga superior à de Prestes.

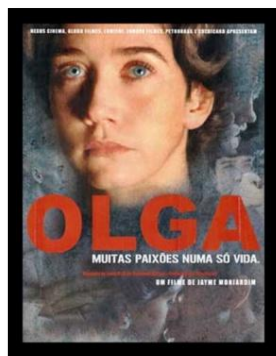


Figura 2: Capa do DVD *Olga, muitas paixões numa só vida*.

Matheus de Mesquita e Pontes aponta, em *Luiz Carlos Prestes e Olga Benário: construções identitárias através da história e da literatura*, o fato de que, atualmente, as imagens de Olga e Prestes são desvinculadas uma da outra: apesar de Olga ser a “mulher de Prestes”, “não existe dependência construtiva de um personagem em relação ao outro”. Tal fenômeno se deve à forma como foram construídas a biografia e o filme.

A partir do livro biográfico escrito por Fernando Morais, *Olga*, a biografada ganha uma imagem independente que foge do reducionismo de ser apenas a “mulher de Prestes”. A partir do lançamento do filme homônimo de Jayme Monjardim, que se baseia no livro de Morais, Olga passa a ter uma imagem de referência superior a Prestes, no que se refere aos imaginários coletivos (PONTES, 2008, p.20-21).

Olga aparece também no livro *Camaradas*, de William Waack (1993), mas, diferentemente da biografia e do filme, é abordada em seu aspecto revolucionário, guerrilheiro e militante. Aqui, a personagem é traçada de outra forma, distanciando-se das demais, mostrando o outro lado de sua vida: Waack usou, como base de seus argumentos, a autobiografia de Olga, que teria sido encontrada junto aos documentos secretos de Moscou. Trata-se de “um texto em alemão de cinco páginas, escrito à mão com letra feminina e firme, num estilo seco, simples, direto e sem adjetivos” (WAACK, 1993, p.95).

O mesmo perfil revolucionário é descrito por Leandro Narloch em *Guia politicamente incorreto da história do Brasil*. Neste livro, Olga é descrita como “uma típica comunista alemã dos anos 1930, dona de frieza suficiente para achar preferências pessoais, prazeres, crises de consciência e sentimentalismos, valores burgueses irrelevantes perto do ideal da revolução” (NARLOCH, 2011, p.311).

Em obra mais recente, intitulada *Luís Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos*, Daniel Aarão Reis refere-se à Olga como a primeira mulher e o primeiro amor de Prestes, “determinada e pronta para os sacrifícios decorrentes de suas opções. Formada na impiedosa escola dos bolcheviques e da III Internacional, endurecida e disciplinada, profissional da revolução, era uma aventureira” (REIS, 2014, p.211).

Faremos, então, um resgate de algumas informações sobre Olga Benario, com base nos estudiosos já citados, a fim de traçar, resumidamente, sua biografia até o momento em que foi enviada à Alemanha pelo governo brasileiro. Destacamos o fato de que não estará em discussão aqui a veracidade ou não das informações divulgadas sobre a vida de Olga, pois, apesar de nos contrapormos a algumas delas, nosso principal intuito é entender sua trajetória de vida, o que a levou aos rumos do comunismo e ao seu final trágico em um campo de concentração nazista. Em meio aos fatos de sua vida, discutiremos alguns fatores políticos e sociais do antissemitismo na Alemanha e no Brasil.

Olga Gutmann Benario nasceu em Munique, na Alemanha, no dia 12 de fevereiro de 1908. Filha de uma família de judeus tradicionais, seu pai, Leo Benario, era advogado e, apesar de ser social-democrata, defendia muitas causas de trabalhadores, mormente daqueles que não tinham condições de pagá-lo. Para esses, trabalhava de graça: “Pelo escritório do pai passavam diariamente, e discutiam à frente da

adolescente, os mais abastados e os mais miseráveis habitantes de Munique” (MORAIS, 1994, p.30).

Sua mãe, Eugénie Gutmann Benario, era uma elegante dama da alta sociedade, herdeira de uma abastada família judaica. Eugénie não via com bons olhos as ideias comunistas da filha, que, por sua vez, “em contraste com sua consideração pelo pai, nas poucas vezes em que se referia à mãe, o fazia com frieza e economia de palavras” (MORAIS, 1994, p.30).

Com quinze anos de idade, Olga passou a fazer parte da Juventude Comunista (que, nessa época, já havia sido proibida pela polícia e funcionava na clandestinidade). Ela se mostrava uma jovem decidida e corajosa, que se diferenciava dos filhos dos proletários pela excelente formação escolar que trazia do lar burguês.

Em 1923, trabalhou por um período como vendedora na livraria Georg Müller, e foi lá que Olga ouviu falar pela primeira vez em Otto Braun, um professor que atuava secretamente como agente dos soviéticos. Os dois são apresentados por uma amiga em comum. Braun, embora tivesse apenas 22 anos, já era um militante experiente. Em 1919, fora enviado pelo partido a uma missão secreta com o “objetivo de interceptar e desbaratar um comboio de tropas que o governo central enviara para tomar Munique” (MORAIS, 1994, p.31). Mesmo tendo perdido a guerra, gabava-se pelos feitos. O episódio terminou com sua primeira prisão.



Figura 3: Otto Braun.

Otto orientava Olga nas leituras e indicava-lhe revistas e jornais marxistas de Berlim; ela, por sua vez, surpreendia-o com a insistência com que pedia manuais de estratégia militar, depoimentos dos grandes generais e relatos de batalhas. Nas reuniões

da Juventude Comunista, a militante emergia cada vez mais: quanto mais Olga se dedicava às leituras e à militância, mais concreta era a ideia de mudar-se de Munique para Berlim e viver em Neukölln, o bairro operário, conhecido como a “Fortaleza Vermelha” da esquerda alemã.

Após muita insistência com Otto, eles conseguiram permissão para se mudar e, apenas na noite de sua partida, Olga comunicou a decisão aos pais. Segundo a biografia de Fernando Morais, sua mãe, Eugénie, teria, sequer, sentado à mesa do jantar junto à filha. Já seu pai, mesmo depois de uma longa discussão, despediu-se dela com um beijo, que revelava “que no fundo ele, em seu lugar, talvez fizesse o mesmo” (MORAIS, 1994, p.33).

A ida de Olga para Berlim foi um dos principais passos em sua vida militar; no entanto, os motivos que incentivaram sua ida são divergentes, de acordo com as falas de Fernando Morais e Willian Waack. Se Morais, como descrito acima, entende que não era apenas a política e seus ideais revolucionários que a levavam a Berlim, mas também a paixão que nutria por Otto, para Waack, essa visão romanceada dos fatos não é a real. Segundo o que estaria escrito na autobiografia de Olga, o motivo que a fez partir foi um grande conflito com o pai, causado pela sua insistência de que a filha fizesse parte da Juventude Socialista, e satisfizesse as vontades de toda a família que estava ligada ao Partido Social-Democrata. Sem fazer alusões à mãe, Olga relata sua relação com o pai de forma negativa. As discussões entre eles haviam assumido tal virulência que a levaram a fugir de casa e ir para Berlim.

Em Berlim, foi possível tomar consciência de que as mudanças pelas quais havia passado seriam mais profundas do que imaginava. Devido ao trabalho clandestino de Otto, o casal seria obrigado a tomar certos cuidados, a começar pela identidade. Otto tinha seus registros como Arthur Behrendt, nascido em Augsburg, em 28 de setembro de 1898, um homem que trabalhava como caixeiro-viajante. Olga assumiu a identidade de Frieda Wolf Behrendt, a mulher de Arthur Behrendt, nascida em 27 de setembro de 1903, em Erfurt.

O empenho pelas causas partidárias fez com que, em alguns meses, Olga se tornasse secretária de Agitação e Propaganda da mais importante base do Partido Alemão, o bairro vermelho de Neukölln. Ela passava os dias dedicando-se ao Partido, participava de passeatas, panfletagens e protestos. Com muita insistência, Olga tornou-se a secretária de Otto, o que fez com que ela pudesse aprender muito mais, especialmente sobre a estrutura do Partido Comunista Alemão.

As atividades políticas tomavam-lhes cada vez mais o tempo, e sempre que discutiam o motivo era o mesmo, a irritação de Olga pelo ciúme de Otto. O que podia ser justificado, afinal, “a cada dia Olga tornava-se mais atraente. Até o jeito meio desengonçado de andar dava-lhe um encanto especial. Além disso, uma característica aguçava ainda mais o desejo dos rapazes: sua independência” (MORAIS, 1994, p.35).

No início de 1926, por reconhecimento de seu trabalho e dedicação, o Partido Comunista promoveu Olga à secretária de Agitação e Propaganda de toda a capital alemã, não mais apenas de Neukölln. Olga passava as noites com outros líderes, organizando grupos de pichação, panfletagem e piquetes de apoio aos movimentos de operários nas portas das fábricas, sempre se destacando por ter ideias engenhosas.

A atividade política da esquerda crescia com a mesma proporção que a da direita. O *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*, conhecido como Partido Nazista, aumentava cada vez mais sua pregação junto à classe média e setores do operariado. Em *Nazismo e guerra*, o historiador Richard Bessel (2014) nos traz as seguintes informações sobre o Partido Nazista:

[O Partido Nazista] nasceu logo depois da Primeira Guerra Mundial. Foi fundado em 9 de janeiro de 1919, um dos muitos pequenos agrupamentos políticos de direita que surgiram em Munique nas condições caóticas que se seguiram à derrota e à revolução [...]. O nascente movimento nazista [...] se caracterizava por anticomunismo, antissemitismo, oposição ao Tratado de Versalhes e compromisso com a violência interna e externa. Cada uma dessas atitudes brotava da guerra que acabara de ser travada e perdida; cada uma delas indicava a guerra à qual o futuro regime nazista se dedicaria (BESSEL, 2014, p.23-25).

No entanto, o *Kommunistische Partei Deutschland*, Partido Comunista Alemão, fazia com que Berlim se tornasse referência na Europa. Sua estrutura e organização eram como a de um governo: contavam com correio próprio, grupos de espionagem, gráfica para a criação de documentos falsos, segurança das redes do partido, especialistas que acompanhavam a ação do Partido Social-Democrata e supervisionavam a própria Juventude Comunista.

No que se diz respeito à Juventude Comunista, o núcleo de Neukölln era tido como referência de dedicação à causa, e Olga era quem sobressaía nas ações. O grupo temia que a polícia desconfiasse da dupla identidade de Otto e pudesse usar Olga para atingi-lo, por isso, aumentaram a segurança em torno dela. Afinal, nesse momento, ela já havia se tornado a secretária política da direção da Juventude Comunista na Fortaleza

Vermelha: se a pegassem, além de conseguir atingir Otto, a polícia teria em mãos uma peça importantíssima.

No início de outubro de 1926, levaram Olga presa sob as acusações de preparação de empreendimento altamente traiçoeiro, tentativa de alteração pela violência da Constituição vigente e participação em associação clandestina e hostil ao Estado, para tentar minar a forma republicana de governo. O principal alvo da polícia era Otto Braun, que já havia sido preso como suspeito de alta traição à pátria.

Durante duas semanas, Olga foi mantida incomunicável. Passado esse período, recebeu uma carta do pai, que propunha ajudá-la: “Seu pai tentara defendê-la quando esteve presa em Berlim [...], mas a filha só voltou a lhe escrever cartas, já na União Soviética, apenas para regularizar seus documentos junto à embaixada alemã” (WAACK, 1993, p.99).

Meses depois, ela foi solta, mas continuava sem notícias de Braun, que permanecia preso. Tendo seus pedidos de visita regular recusados, Olga percebeu que Otto só sairia da prisão se fosse arrancado de lá. Com o passar dos dias, ela soube que a polícia já estava ciente das atuações políticas do companheiro e de sua dupla identidade.

Segundo Fernando Moraes, com apoio e orientação do corpo de segurança dos dirigentes do Departamento de Ordem da Juventude Comunista, Olga chefiou, no dia 11 de abril de 1928, o assalto armado que tirou Otto Braun da prisão Moabit. William Waack, no entanto, refere que o encarregado da ação foi Hans Kippenberger; Olga teria sido usada, apenas, como pretexto para a entrada do grupo na prisão.

No salão de audiências da prisão, estavam o guarda Gunnar Blemke, que segurava o preso pelo braço, o secretário superior de Justiça, Ernst Schmidt, que interrogaria Otto, o escrivão Rudolph Nekien e um pequeno público. No momento em que o guarda apresentou Otto às autoridades presentes, Olga, destemidamente, apontou-lhe uma arma na nuca e exigiu que soltasse o preso. Os jovens que ali estavam se dividiram em dois grupos, atiraram sobre Schmidt e Nekien, mas Schmidt ainda conseguiu tocar com o pé o botão de alarme no chão, nesse momento, foi acertado no rosto por uma coronhada. Olga desarmou o guarda e, protegendo Otto com o próprio corpo e sua arma, saíram do salão. Ao receber o sinal de retirada de Olga, os demais jovens também se retiraram e, correndo para lugares diferentes, dispersaram-se

rapidamente. Otto e a namorada entraram em um calhambeque que os levou até Neukölln, onde estariam em casa e em segurança.⁴

Depois do episódio, “uma edição extra do diário *Berliner Zeitung am Mittag* já dava detalhes, sob escandalosa manchete, do que chamava “ousada cena de faroeste” ocorrida de manhã em Moabit” (MORAIS, 1994, p.18). Os rostos de Olga e Otto estavam estampados em cada canto da cidade, até nas sessões de cinema e antes do filme começar, era exibido um slide que oferecia uma recompensa de cinco mil marcos para quem informasse o paradeiro do casal; mas, para a surpresa da polícia, ninguém se manifestou. Antes que pudesse ser pego, o casal decidiu partir para Moscou.

Enquanto o Partido Comunista continuava ganhando forças e Olga ganhando experiência, as ideias antisemitas de Adolf Hitler contaminavam os adeptos ao Partido Nazista. Segundo Gilbert, as seções antijudaicas do partido nazista eram regidas por três membros, entre eles, Hitler, o sétimo membro na hierarquia do partido. Em julho de 1925, ele publicou o primeiro volume de seu livro *Mein Kampf* (Minha Luta): “nele, Hitler deixava clara toda a fúria de seu ódio antijudaico: explicava que se baseava em suas experiências, como jovem em Viena antes da Primeira Guerra Mundial” (GILBERT, 2010, p.27-28); em dezembro de 1926, foi publicado o segundo volume de *Mein Kampf* e, mais uma vez, “o veneno antijudaico permeava suas páginas” (GILBERT, 2010, p.31). Até então, esses pareciam simples devaneios de um extremista sem perspectiva de influência.

Em 1926, o partido nazista contava com dezessete mil membros, além do apoio da *Schutzstaffeln* (Esquadrão de segurança), conhecida como SS, criada em 1925, com o intuito de fortalecer a segurança pessoal de Adolf Hitler e da liderança nazista. Um ano depois, esse número aumentou para quarenta mil e, em 1928, o partido nazista já ocupava doze cadeiras no *Reichstag* (Parlamento). Contudo:

A democracia europeia não parecia ameaçada por estes acontecimentos aparentemente insignificantes. A Alemanha, desarmada pelo Tratado de Versalhes, não representava ameaça a seus vizinhos. O Tratado de Locarno, assinado com tanta esperança, continuava a servir como aparente garantia de estabilidade. Os

⁴ Segundo informações encontradas no site alemão *Spiegel*, o episódio na prisão Moabit fez aumentar a influência de Otto Braun no Partido Comunista Alemão. Anos mais tarde, ele se tornaria um dos mais importantes membros do Partido Comunista Chinês, chegou ao cargo de conselheiro militar de Mao Tse-Tung. Em 1973, publicou suas memórias como o título *Chinesische Aufzeichnungen*, no entanto não faz menção à sua aliança com o Stalinismo durante seus 15 anos em Moscou.

pagamentos de reparações ainda pendentes estavam sendo rapidamente reduzidos, por meio de negociações (GILBERT, 2010, p.31).

Já nas eleições nacionais de 31 de julho de 1932, o partido nazista elegeu 230 cadeiras. Assim, Hitler tinha o poder de formar um governo de coalizão com os outros partidos. E finalmente, em 1933, tomou o poder na Alemanha:

Assim que Hitler consolidou sua posição no governo, foram baixadas medidas discriminatórias contra os judeus. Depois do boicote de empresas judias no começo de abril de 1933, aprovaram-se leis antissemitas para restringir o emprego de judeus. Em 7 de abril de 1933, o governo pôs em vigor a Lei de Reconstituição de Serviço Público Profissional, que estipulava que “funcionários públicos que não sejam de ascendência ariana devem ser aposentados” [...]. No outono de 1933, os judeus foram proibidos de trabalhar em palcos e meios de comunicação. A partir do verão de 1934, não tiveram mais permissão para obter qualificação como advogados. [...] em maio de 1935 foram proibidos de servir nas forças armadas alemãs. Então, em 15 de setembro de 1935 [...] a Lei de proteção de Sangue e da Honra Alemães [...] e a Lei da Cidadania no Reich [...] destruiu efetivamente as últimas bases liberais e iluministas do Estado alemão (BESSEL, 2014, p.78-79).

Feitas tais exposições sobre o partido nazista, retomemos a Olga Benário. Já instalada em Moscou, com Otto Braun, passaram a fazer parte do KIM, *Kommunisti Internationali Molodoi*.⁵ Lá já eram conhecidos pela atuação em Berlim, especialmente pelo resgate na prisão Moabit. Quando o casal chegou, “Olga já tinha uma aura de militante provada” (REIS, 2014, p.170) e, cada vez mais envolvida com o KIM, Olga, além de fazer vários cursos teóricos, inclusive, cursos de línguas estrangeiras, como francês e inglês, fez cursos paramilitares.

No final de 1931, foi convocada para sua primeira missão internacional: em nome do KIM, ela deveria intervir na Juventude Comunista Francesa e ajudá-los a escolher novos dirigentes para a Comissão Executiva da Juventude em Paris, de modo que a organização tivesse orientação menos sectária. Sua viagem a Paris, por tempo indeterminado, foi, para Otto, o estopim, e eles decidiram então se separar.

De volta a Moscou, depois de ter sido presa duas vezes na França e uma vez em Londres, Olga foi recebida com a notícia de que havia sido aclamada como membro de seu *Presidium*, o mais alto grau na hierarquia de uma organização comunista. Como

⁵ O *Kommunisti Internationali Molodoi* era uma versão do *Comintern* para a juventude comunista internacional.

premiação, foi enviada pelo *Comintern* para fazer um treinamento de paraquedismo e pilotagem de aviões na Academia Zhukovski da Força Aérea: “os informes do Departamento de Quadros sobre Olga sugerem que o treinamento estava associado ao seu trabalho no setor de espionagem militar, sem que fosse especificado para que tipo de missão estava sendo preparada” (WAACK, 1993, p.101).

No inverno de 1934, o secretário da Terceira Internacional, Dmitri Manuïlski, convocou Olga com urgência à sede do *Comintern*, e lhe falou sobre a perspectiva de uma revolução popular na América Latina, explicando-lhe que um corajoso comunista o convencera de que aquele era o momento de levar a revolução para além da Europa. No entanto, o *Comintern* só concordou com seus planos tendo como condição cuidar de sua segurança pessoal. Para tal missão, pensaram na melhor pessoa possível: a jovem Olga.

Conforme relata Waack:

A escolha de Olga para a operação do Komintern no Brasil prendia-se a fatores bastante objetivos e foi responsabilidade de Manuïlski, que mantinha excelentes contatos com “órgãos competentes” em Moscou. Com apenas duas exceções, os enviados à operação brasileira assumiriam a fachada de casais bem situados em viagens de prazer e negócios, daí a necessidade de fazer Prestes ser acompanhado de uma mulher. Era obrigatório encontrar alguém com suficiente experiência de trabalho no setor militar e que pudesse se entender com Prestes em francês, dois requisitos que Olga preenchia. A função era sobretudo “técnica” (proteção e organização da infraestrutura durante a viagem). Ela não foi ao Brasil por estar apaixonada por Prestes, o que parece ter ocorrido apenas na segunda metade de 1935, e sim para cumprir uma missão profissional que, a julgar pelos relatos do próprio líder da insurreição de novembro, Olga aceitou por princípio de obediência à hierarquia (WAACK, 1993, p.104).

Ao aceitar a missão, Olga soube de maiores detalhes e descobriu que partiria para o Brasil cuidando da segurança pessoal de Luiz Carlos Prestes, conhecido como Cavaleiro da Esperança: o jovem capitão brasileiro que comandara um batalhão de pouco mais de mil homens; a pé, haviam percorrido mais de 25 mil quilômetros, enfrentando as tropas do governo ditatorial no Brasil, sem nunca sofrer uma derrota.

Segundo Jorge Amado, em seu livro *O Cavaleiro da Esperança, vida de Luiz Carlos Prestes*, escrito em 1942, Prestes nasceu em Porto Alegre, no dia 3 de janeiro de 1898, filho do tenente Antônio Pereira e de dona Leocádia. Sua infância foi de privação econômica e sofrimento: o pai morreu antes que ele completasse dez anos, e foi o pequeno Luiz Carlos quem teve de consolar a mãe e as irmãs, assumindo a dianteira da

família. Seu objetivo de vida se tornou buscar a felicidade dos oprimidos e lutar em favor do povo.

O sentimento de injustiça falou cedo ao coração de Prestes que, em sua carreira militar, na juventude, deu início a uma das trajetórias mais singulares da política nacional: aos onze anos, ele entrou para a Escola Militar do Realengo; em 1922, acompanhou de perto a revolta dos Dezoito do Forte de Copacabana; em 1924, iniciou a marcha da Coluna Prestes, definida por Jorge Amado como o grande momento de um Brasil em busca de si mesmo. Segundo o historiador Pilagallo:

A marcha se iniciou em 27 de abril, depois de Prestes ter derrotado a posição de Isidoro,⁶ de abandonar a luta. A princípio responsável apenas pelas tropas gaúchas, ele em breve se tornaria o comandante do movimento, assumindo a posição do paulista Miguel Costa.⁷ No decorrer da marcha, nos dois anos seguintes, ficaria conhecido como Cavaleiro da Esperança, tornando-se um mito para grande parcela da população. [...] Os 1.500 homens que seguiam o líder estavam imbuídos do dever revolucionário de conscientizar a população rural e atraí-la para a luta contra a oligarquia (PILAGALLO, 2002, p.33).

De acordo com informações do livro *Coluna Prestes, análise e depoimentos*, as forças agrupadas na Coluna “praticaram extraordinários feitos, que constituíram episódios políticos e militares cuja épica grandeza permanecerá, imperecivelmente, em nossa História” (SODRÉ, 1985, p.4).

Anita Leocádia Prestes explica, ainda, em sua tese de doutorado:

A originalidade da Coluna Prestes reside no fato de ter sido um exército guerrilheiro, no qual a grande iniciativa e participação dos seus combatentes eram incentivadas e organizadas por um comando formado por militares profissionais – oficiais do Exército e da Força Pública de São Paulo, entre os quais Luiz Carlos Prestes exercia um papel decisivo. Na história das lutas populares no Brasil, a Coluna Prestes constituiu uma forma inédita de organização: em todos os movimentos de rebeldia de que se tem notícia, jamais se soube de algum que fosse dirigido por militares profissionais (PRESTES, 1997, p.298).

Em fevereiro de 1927, a Coluna fez sua última caminhada. Com pouco mais de 600 homens, Prestes cruzou a fronteira com a Bolívia e considerou encerrado esse trajeto revolucionário. Foi ali, exilado, que o Cavaleiro da Esperança passou a ter

⁶ Oficial gaúcho aposentado que se tornou o comandante supremo das operações da Revolução de 1924, também conhecida como Revolução do Isidoro (PILAGALLO, 2002, p.30).

⁷ Comandante da Força Pública do Estado em 1924 (PILAGALLO, 2002, p.30).

contato com as ideias comunistas. Prestes viveu ainda no Uruguai e na União Soviética. E, em 1935, fundou a Aliança Nacional Libertadora (ANL) e liderou a Intentona Comunista.



Figura 4: Luiz Carlos Prestes.

Conforme Reis, “Prestes encontrou-se com Olga nas vésperas da viagem” (REIS, 2014, p.170), e, na noite de 29 de dezembro de 1934, partiram de Moscou com as identidades falsas de Pedro Fernández e Olga Sinek. O caminho escolhido por eles não foi o mais curto, mas, sim, o mais seguro. Passaram por Leningrado, Helsinque, Amsterdam, Copenhague, Bruxelas até, finalmente, chegar a Paris e poder seguir viagem como um jovem casal rico em lua de mel, até conseguirem passaportes portugueses e se tornarem o casal Antônio Vilar e Maria Bergner. Eles partiram de Paris, com destino a Nova York, e o disfarce de casal apaixonado se tornou real.

De lá, seguiram para Miami, Santiago do Chile e Buenos Aires. Na capital argentina, conseguiram os vistos para chegar ao Brasil, mas antes resolveram ir até Montevideú, para discutir algumas questões com o *Comintern* no Uruguai. Na noite do dia 15 de abril, os dois embarcaram para o destino tão desejado, a pátria brasileira: desembarcaram em Florianópolis, no dia seguinte, foram para Curitiba e, depois, para São Paulo.



Figura 5: Foto dos passaportes falsos.

Na capital paulista, contaram com a ajuda do milionário Celestino Paraventi, dono do café Paraventi, “um homem de negócios, ligado ao Partido, que os hospedou numa fazendola de sua propriedade em Santo Amaro” (REIS, 2014, p.173). Posteriormente, foram para o Rio de Janeiro, onde estavam os demais revolucionários:

De Xangai, na China, após rápida passagem por Moscou, partiram os alemães Arthur Ernst Ewert e sua mulher, Elise, assessores políticos [...]. De Buenos Aires, via Montevidéu, vieram Rodolfo Ghioldi e sua mulher, Carmem, assessores políticos [...]. Dos Estados Unidos e com documentação autêntica chegara o jovem Victor Allen Barron, radiotelegrafista e técnico em radiocomunicações [...]. Veio da Europa o casal belga Alphonsine e Léon-Jules Vallée, responsável pelas finanças e assessores políticos. Da Alemanha viriam os misteriosos Franz Paul Gruber e Erika, sua mulher, ele especialista em explosivos e sabotagem, ela datilógrafa e motorista (MORAIS, 1994, p. 67-68).

Segundo Maria Luiza Tucci Carneiro (2001, p.11), no Brasil, os grandes centros urbanos, Rio de Janeiro e São Paulo, eram importantes núcleos de tomada de decisões políticas do regime Vargas, mas eram também dois grandes centros comerciais e industriais em desenvolvimento, ou seja, um ponderável atrativo para os imigrantes judeus, fugitivos das perseguições nazifascistas na Europa, que buscavam novas oportunidades para recomeçar. Assim, percebemos que figuras como Celestino Paraventi se faziam necessárias para que tais imigrantes fugitivos tivessem condições de conseguir construir uma nova vida neste novo país.

Enquanto os revolucionários se organizavam, a direção do *Comintern* negociava a aprovação imediata da insurreição no Brasil, mesmo com os vários informes que recebiam de Miranda, secretário-geral do partido, consideravam esta uma atitude muito

arriscada. Mas o otimismo de Miranda era tão grande que Dmitri Manuïlski acabou por aceitar, principalmente sabendo que a equipe enviada ao Brasil tinha grande experiência.

Para despistar o governo brasileiro, sob a presidência de Getúlio Vargas, que já desconfiava de que Prestes havia voltado ao Brasil, nos primeiros dias de maio, no Salão das Classes Laboriosas, uma multidão se reunia para a sessão solene da recém-fundada Aliança Nacional Libertadora (ANL). Durante a cerimônia, o tenente Timótheo Ribeiro da Silva leu um importante documento: tratava-se de uma carta datada de 25 de abril, escrita em Barcelona, em que Luiz Carlos Prestes anunciava sua adesão à ANL. Embora a data e a origem da carta fossem falsas, seu conteúdo era verdadeiro.

Conforme Tucci Carneiro (2001, p.57), a Revolução de 30 havia marcado uma fase de reorganização econômica, com o intuito de recuperação da grande depressão de 1929. Foi necessário que Vargas ampliasse a participação do Estado na economia, o que se tornou o marco de uma nova etapa de relações entre o Estado e o sistema político-econômico.

Com o decreto de novembro de 1930, inicia-se um jogo político, em que, entre avanços e recuos, o presidente procurava atender a todos. Paralelamente, assistia-se ao princípio da luta contra a influência anarquista e comunista entre os sindicatos, fazendo com que estas organizações sindicais se transformassem em apolíticas.

Na mesma época, Getúlio criou os Ministérios do Trabalho, da Indústria e do Comércio; juntamente, foram criadas Juntas de Conciliação e Julgamento, como uma forma de controlar o operariado. Os ideais do então presidente lhe permitiam a manipulação das forças emergentes.

Com relação à postura antissemita do Estado Novo, adotada por Getúlio, podemos asseverar que ela foi política, servindo aos interesses do governo. O presidente se mostrava simpático aos países do Eixo, sobretudo à Alemanha, sem, contudo, declarar oposição aos Estados Unidos:

Por esta razão, se alguma atitude legal foi tomada contra os judeus, ou se de alguma forma o governo Vargas endossou a ideologia anti-semita pregada por Adolf Hitler, isto se deu camufladamente. Entretanto, podemos afirmar que, por trás do hibridismo político de Vargas estiveram homens cujas imagens democráticas podem ser questionadas. [...] Cabe, portanto, repensarmos ante a situação da política internacional e nacional, a posição assumida por estes políticos frente à questão judaica e até que ponto foram portadores de valores anti-semitas, ou colaboraram para amenizar e solucionar os

problemas enfrentados por este grupo que desorientado e espoliado, procurava um país receptor (CARNEIRO, 2001, p.183-185).

Considerando tal panorama político, Vargas precisava conter o movimento popular que surgia contra seu governo e que crescia mais que o esperado. Como pretexto para tal, usou o manifesto redigido por Prestes, em 1935, e lido nas ruas em torno da Câmara dos Deputados, que propunha a organização das massas contra um governo imperialista e fascista. Cerca de uma semana após a leitura do manifesto, o presidente, pautado pela Lei de Segurança Nacional,⁸ decretou a ilegalidade da Aliança Nacional Libertadora: a ANL seguiu, então, ilegalmente. Como explica Daniel Aarão Reis, “o responsável político pelo fechamento da ANL foi o governo de Getúlio Vargas, numa decisão repressiva e antidemocrática” (REIS, 2014, p.178).

Mesmo na clandestinidade, existia a certeza de que a revolução aconteceria: eles estavam muito bem organizados, esperando o momento certo de agir, mas não imaginavam que a insurreição explodiria tão inesperadamente:

Ao meio-dia de 23 de novembro, os soldados e sargentos de 21º Batalhão de Caçadores de Natal, capital do Rio Grande do Norte, tomaram a guarnição da cidade, prenderam os poucos oficiais que ali se encontravam, já que era sábado, e entregaram o comando da unidade ao sargento Dinis Henriques e ao cabo Estevão [...]. Uma única edição feita às pressas do jornal Liberdade anunciava que o poder estava nas mãos da Aliança Nacional Libertadora, que acabara de instalar o Governo Popular Revolucionário [...]. Mas a revolução durou apenas cinco dias. Na quarta-feira, tropas federais e de estados vizinhos retomaram a capital e as cidades ocupadas, reempossaram o governador e prenderam centenas de revoltosos. [...]. Durante aqueles cinco dias, o governo tivera que sufocar outro levante militar feito em nome da Aliança Nacional Libertadora. No domingo, dia 24, os tenentes Lamartine Coutinho e Sylo Meirelles tomaram o 29º Batalhão de Caçadores de Recife, em Pernambuco, e resistiram durante 48 horas, no quartel e nas ruas da cidade, até serem cercados e dominados por tropas oficiais (MORAIS, 1994, p.88).

Quando souberam da notícia, os militantes do Rio de Janeiro se reuniram às pressas para decidir o que fazer, pois não podiam abandonar os demais companheiros. Depois de uma longa reunião, seguros do triunfo da revolução, resolveram convocar

⁸ A Lei de Segurança Nacional, promulgada em 4 de abril de 1935, definia crimes contra a ordem política e social. Sua principal finalidade era transferir para uma legislação especial os crimes contra a segurança do Estado, submetendo-os a um regime mais rigoroso, com o abandono das garantias processuais. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas/1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/LeiSegurancaNacional>>. Acesso em 15 mai. 2014.

uma greve geral em apoio à revolta. Rapidamente organizaram-se, e a revolução começou às três horas da madrugada e acabou a uma e meia da tarde.

Nenhuma das guarnições se levantou, não houve rebelião, os mensageiros sequer conseguiram levar os recados de Prestes, pois foram alcançados pela polícia. A greve geral não conseguiu paralisar ninguém. A revolta ficou restrita à Escola de Aviação Militar e foi sufocada à força em poucas horas.

Conforme explica Reis, Luiz Carlos Prestes, sempre confiante, teria defendido a ideia de agir: eles poderiam vencer, mas, se perdessem, o seria lutando.

Houve aqui e ali gestos de audácia e coragem. No conjunto, entretanto, foi uma sucessão de desconchavos, evidenciando a imensa fragilidade – real – do Partido Comunista, de suas lideranças e dos dispositivos em que se apoiavam e nos quais acreditavam (REIS, 2014, p.186).

No dia 26 de dezembro Olga, ao se aproximar da casa de Ewert e Sabo,⁹ viu-os sendo jogados dentro de um camburão da polícia de Filinto Müller¹⁰, “percebendo o que acontecia, correu em casa, preveniu Prestes, e os dois partiram deixando inúmeros documentos no cofre” (REIS, 2014, p.192), que continha explosivos de segurança. Às pressas, foram para a casa de Victor Barron, e lá puderam entrar em contato com a direção do partido e encontrar um novo esconderijo, onde ficariam pelos próximos quinze dias.

Os jornais do dia seguinte não comentavam nada sobre as prisões. Temiam que a verdadeira identidade de Ewert e Sabo fosse descoberta pela polícia que os estaria torturando para descobrir mais informações. De fato, começaram no camburão da polícia. Filinto Müller contava com a ajuda dos nazistas para conter os comunistas instalados no Brasil: conforme escreve Daniel Aarão Reis, o casal foi submetido a intensas sessões de tortura, mas não disseram uma palavra sequer.

Segundo Fernando Moraes, com essa prisão, a polícia teve livre acesso aos documentos que ficaram na casa, além do depoimento da empregada, que passou o endereço de dois casais de amigos que participavam de reuniões noturnas ali: eram eles Alphonsine e Léon-Jules Vallée, e Olga e Prestes. Os investigadores invadiram as casas, arrombaram os cofres que, para a surpresa dos militantes, não explodira, o que

⁹ Sabo era o apelido de Elise, esposa de Arthur Ewert.

¹⁰ Chefe da polícia política do governo Vargas. Acusado por prisões arbitrárias e torturas intensivas.

confirmou algumas suspeitas de que Franz Paul Gruber, especialista em explosivos, era, na verdade, um espião do *Intelligence Service*. O fato é que a polícia teve, naquele momento, acesso ao dinheiro do partido, documentos, mapas, anotações e panfletos. Filinto foi pessoalmente checar a papelada e percebeu que tinha em mãos um verdadeiro tesouro.

O próximo casal a ser preso foi Miranda, o secretário-geral do Partido Comunista, e Elza, sua esposa. Esta notícia deixou Prestes e Olga ainda mais apreensivos, e decidiram mudar de casa outra vez: saíram do Copacabana e foram para o Méier, bairro operário do Rio de Janeiro. Em pouco tempo, foram presos Rodolfo Ghioldi, sua mulher Carmem, e o casal belga Alphonsine e Léon-Jules Vallée, responsáveis pelas finanças. Todos colaboraram com os interrogatórios. Ghioldi, inclusive, deu o endereço do último apartamento de Prestes, mas completou dizendo que já havia saído de lá. Forneceu ainda uma informação, nova aos policiais, Prestes estava casado com Olga, uma estrangeira.

Com a ajuda da *Gestapo*¹¹ e do *Intelligence Service*, a polícia de Getúlio Vargas e Filinto Müller começava a cercar Prestes, que tinha a consciência de que, mesmo vivendo em absoluta clandestinidade, não estava protegido. O casal recebia notícias sobre as prisões e os interrogatórios por intermédio de espiões do partido comunista infiltrados nas prisões, nas delegacias e até no gabinete de Filinto.

Prestes soube que Getúlio havia dado ordens para que a polícia vasculhasse toda a cidade até que ele e Olga fossem encontrados e mortos. Filinto resolveu começar pela região da Boca do Mato, bairro onde Prestes havia passado parte da infância, não tendo encontrado nada. Na mesma madrugada, a polícia deveria procurar no Méier, e assim fizeram, às cinco da manhã chegando à casa onde o casal estava.

Para Reis, é possível que a relação amorosa entre Olga e Prestes tenha acontecido, de fato, durante o período em que viveram no Méier, tendo em vista que, em junho do ano anterior, Olga solicitara permissão para retornar a Moscou. É improvável que a solicitação tivesse sido feita, se o casal estivesse, já, apaixonado.

O pedido de permissão para voltar, também foi comentado por Leandro Narloch. Segundo ele,

Olga insistiu com seu chefe, Dimitri Manuiski, para voltar à União Soviética o mais rápido possível. Num telegrama de 22 de junho de

¹¹ Do alemão *Geheime Staatspolizei*, era a polícia secreta do estado nazista.

1935, o único que mandou a Moscou durante os dezessete meses no Brasil, ela disse: “Como Prestes já está aqui e em seis meses termina minha missão, peço confirmação do meu direito de voltar aos estudos e ao término desse período”. Manuïlski, que tinha apresentado Olga ao brasileiro um ano antes, negou a proposta (NARLOCH, 2011, p.305).

No dia 5 de março de 1936, o casal foi preso. Prestes, ao ver que a polícia estava na porta, tentou fugir, mas a casa estava cercada. Reis conta que, “graças a seu sangue-frio, Olga teria lhe salvado a vida [de Prestes], postando-se na frente dele quando um policial se preparava para matá-lo” (REIS, 2014, p.197). Os dois foram conduzidos para a sede da Polícia Central, lá se viram pela última vez, e cada um foi levado para uma sala para prestar depoimentos, sendo, posteriormente, encaminhados à prisão. Olga temia ser deportada, mesmo sabendo que a polícia não sabia nada sobre sua verdadeira identidade além de seu primeiro nome, mas o contato com a *Gestapo* possibilitou que descobrissem, além de seu nome, todas as acusações que constavam em sua ficha, na Alemanha. Olga ficou detida no presídio da Rua Frei Caneca, em uma cela, junto a outras presas políticas. Entre elas, estavam Sabo e Carmem.

No mesmo período e no mesmo presídio, esteve preso o escritor Graciliano Ramos. Anos mais tarde, Graciliano publicou seu livro *Memórias do cárcere*, onde narra a ocasião em que esteve preso. Lá, faz menção à figura de Olga como uma mulher “branca e serena”, comenta também sobre os “cantos aspirados de Olga Prestes” (RAMOS, 1962, p.317) e a forma como “a linguagem gutural de Elisa Berger e Olga Prestes adoçavam-se nas estrofes da *Bandeira Vermelha*” (RAMOS, 1962, p. 354).



Figura 6: Olga presa no Rio de Janeiro.

Sem provas suficientes para condenar Olga, Sabo e Carmem, a polícia brasileira não se conformava em libertar as esposas de três chefes comunistas; no entanto, como nenhuma delas era brasileira, a decisão foi a de deportá-las. Olga tinha esperanças de ter seu filho no Brasil, uma vez que, o pai era brasileiro e a lei lhe garantia esse direito, mas reconhecia a existência da possibilidade de ser enviada para a Alemanha nazista: sendo judia e comunista, não teria chances de sobreviver no governo antissemita de Hitler.

Maria Luiza Tucci Carneiro (2001, p.3-4) afirma que o antissemitismo foi utilizado como instrumento de poder pelos regimes totalitários. Getúlio, de forma camuflada, como já foi dito, também o fez, e uma de suas vítimas foi Olga Benario. Os atos de discriminação contra os judeus durante este governo podem ser compreendidos em função do contexto mundial.

Segundo Gilbert, Hitler argumentava sobre a existência de dois grandes perigos que ameaçavam os alemães, o marxismo e o judaísmo:

Hitler se apresentava como o homem que havia visto, e que evitaria, não somente a destruição da vida alemã, mas a destruição, pelos judeus, da vida na terra. Os perigos, conforme ele os via, relacionavam-se com a integridade racial do povo alemão, e com um ataque deliberado a sua integridade (GILBERT, 2010, p. 28).

Para Eric Hobsbawm, a crise dos antigos regimes foi responsável por possibilitar que as ideias fascistas ganhassem força:

Ainda assim é preciso explicar por que a reação da direita após a Primeira Grande Guerra conseguiu vitórias cruciais na forma do fascismo. Antes de 1914 já existiam movimentos extremistas da ultradireita – histericamente nacionalistas e xenofóbicos, promotores dos ideais da guerra e da violência, intolerantes e dados a atos violentamente coercivos, totalmente antiliberais, antidemocráticos, antiproletários, anti-socialistas e antinacionalistas, defensores do sangue e do solo e dos valores antigos que a modernidade estava destruindo. Eles tinham alguma influência dentro da direita política e em alguns círculos intelectuais, mas em lugar algum chegaram a dominar ou controlar. O que deu ao fascismo sua oportunidade após a Primeira Guerra Mundial foi o colapso dos velhos regimes, e com eles das velhas classes dominantes e seu maquinário de poder, influência e hegemonia. Onde estas permaneceram em boa ordem de funcionamento, não houve necessidade de fascismo (HOBSBAWM, 1995, p.729).

No contexto específico da Alemanha, Hitler se fortalecia cada vez mais. Para aterrorizar, não somente os judeus, como também oponentes políticos, clérigos,

comunistas e homossexuais, o governo de Hitler criou os campos de concentração, onde a regra eram as surras diárias e os tratamentos severos.

Conforme o descreve o livro *Memória da barbárie: a história do genocídio dos judeus na Segunda Guerra Mundial*, “pela primeira vez na história da humanidade, milhões de seres humanos foram assassinados num processo industrial, numa linha de produção da morte” (CYTRYNOWICZ, 1990, p.87): os nazistas racionalizaram as formas de matar, procurando eliminar o maior número de pessoas no menor espaço de tempo, de forma a “aproveitar ao máximo os corpos como matéria-prima [...] e para acelerar o próprio processo de extermínio (a gordura dos corpos era aproveitada como combustível na sua incineração)” (CYTRYNOWICZ, 1990, p.87).

Segundo Fernando Morais, Olga soube, em um dos dias de visita na prisão, que Vargas havia decidido de fato deportá-la. Sem um advogado para defendê-la, ela pode ao menos enviar uma carta a Prestes contando sobre a gravidez, após passar por exames médicos que comprovassem seu estado. Em resposta a sua carta, Prestes lhe recomendou que procurasse o advogado Heitor Lima. Assim o fez, e a resposta de Lima foi positiva; no entanto todos os pedidos de *habeas corpus* foram negados, tomando como justificativa o estado de sítio em que se encontrava o país. Olga, a partir disso, estava condenada à morte.

Reis discute a questão, refletindo sobre o fato de que não apenas o presidente Getúlio teve responsabilidade pela deportação de Olga, mas também Vicente Rao, o ministro da Justiça, e o chefe da Polícia, Filinto Müller, além dos demais ministros que aprovaram a atitude, os delegados e promotores que a acusaram, e “os juízes do Supremo Tribunal Federal, que, por unanimidade, não concederam a proteção da justiça, baseados em pareceres de não menos excelentes jurisconsultos” (REIS, 2014, p.201).

Os detentos organizaram uma rebelião para o caso de Olga ser levada da prisão. Mas não apenas eles e Prestes se preocupavam com isso, dona Leocádia e Lígia, mãe e irmã de Prestes, prepararam uma campanha internacional desde o dia da prisão do casal:

Envolveram-se na campanha comunistas franceses e espanhóis, e a imprensa comunista um pouco por toda parte, em particular na América Latina, além de personalidades de diversos partidos e intelectuais sem filiação partidária, na Inglaterra, nos EUA, na Bélgica, entre outros países [...]. Na França e na Espanha, republicana na época, houve alguns grandes comícios, com ampla distribuição de cartazes e material de propaganda. Telegramas e abaixo-assinados de

intelectuais ilustres eram enviados aos governos brasileiro e alemão, na tentativa de sensibilizá-los. (REIS, 2014, p.204).

Quando souberam da gravidez de Olga, a prioridade passou a ser tirar a criança da cadeia, afinal, a “questão humanitária de uma recém-nascida na prisão e de sua mãe, presas e separadas do pai e marido” (REIS, 2014, 204) despertou sentimentos de solidariedade, permitindo que a criança fosse entregue à avó paterna.



Figura 7: Olga, por Portinari.

Willian Waack menciona, em *Camaradas*, um fato que poderia ter complicado a situação de Olga: um marido, o russo B. P. Nikitin, que ela teria deixado em Moscou quando foi enviada ao Brasil; “Prestes confidenciou esse fato, e o de que conhecera o marido de Olga (a quem prometera enviar informações regulares sobre a esposa), apenas à segunda mulher, Maria Ribeiro” (WAACK, 1993, p.100). Daniel Aarão Reis completa a informação, dizendo, ainda, que, além do marido, Olga tinha, também, um filho. Esta situação teria gerado complicação na regularização dos documentos de sua filha e reconhecimento do casamento de Olga e Prestes e da paternidade da menina. “Willard, francesa, uma de suas destacadas dirigentes [do Estado-Maior], que se comprazia, [...] em dizer que o histórico de Olga era o de uma ‘mulher de muitos homens’ e que não havia provas de que Anita fosse realmente filha de Prestes” (REIS, 2014, p.205). Tais comentários teriam dificultado os tramites da documentação de paternidade, que teria se resolvido com um uma declaração que Prestes conseguiu assinar atestando ser o pai da filha de Olga.

Conforme descreve Moraes, na noite do dia 23 de setembro de 1936, Carlos Brandes, com a desculpa de que levaria Olga a um hospital, para que tivesse os

cuidados necessários com a gravidez, e de que ela poderia ser acompanhada por uma das detentas, levou-a para o navio *La Coruña*, fretado pela companhia navegadora alemã *Hanburg-Südamerikanische Dampfschiffahrts-Gesellschaft*, que rumaria diretamente para Hamburgo, norte da Alemanha. Quando embarcou, Olga soube que Elise Ewert, conhecida como Sabo, também seria deportada. Prestes teve conhecimento do fato dias depois por meio de um bilhete que Olga enviara, já a bordo do navio.

No dia 18 de outubro, o navio atracou em Hamburgo. Olga e Sabo foram entregues aos policiais da SS que estavam ali à sua espera. Cada uma foi levada para um carro de presos, cercado de guardas armados. O carro de Olga seguiu em direção a Berlim. Após cerca de sete horas de viagem, estava no prédio de número 15 da Barnimstrasse, a prisão de mulheres da *Gestapo*. Logo que chegou, já algemada, entregaram-lhe seu uniforme listrado. Ela permaneceria ali, presa, por algum tempo. Logo, um capitão-médico examinou-a e lhe comunicou que dentro de quatro semanas seria feito seu parto.

Em 27 de novembro de 1936, nasceu Anita Leocádia. A criança pôde ficar com a mãe até o dia 21 de janeiro de 1938, quando “foi entregue em Berlim a d. Leocádia pelas autoridades carcerárias alemãs que, por pura e humana maldade, arrancando a meninas dos braços da mãe, [...] não informaram para onde estavam levando a criança” (REIS, 2014, p.205). Olga soube, apenas anos mais tarde, por meio de correspondências, o que de fato havia acontecido. Durante o período em que Anita esteve com Olga, Prestes acompanhou o crescimento da filha por intermédio das cartas. O mesmo aconteceu quando a garota foi entregue à dona Leocádia, que enviava cartas aos pais da menina.



Figura 8: Atestado médico entregue à Leocádia no dia em que recebeu a neta na prisão.

A correspondência passiva e ativa de Luiz Carlos Prestes, durante os anos de 1936 e 1945, período em que esteve preso, foi reunida, organizada e publicada na coleção de três volumes intitulada *Anos Tormentosos: Luiz Carlos Prestes: correspondência da prisão (1936-1945)*. Em meio às cartas trocadas com os advogados, a mãe e os amigos, estão as de Olga Benário.

Para os capítulos seguintes desta dissertação, interessam-nos as epístolas enviadas por Olga à Prestes, no período de 1937 a 1941. Trabalhando com três eixos temáticos: amor, guerra e leitura, pretendemos analisá-las, considerando, também, seu contexto histórico.

CAPÍTULO II

A CARTA COMO GÊNERO LITERÁRIO: REFLEXÕES SOBRE ESPAÇO BIOGRÁFICO

É sabido que, muito antes das primeiras palavras, é a letra pessoal que desenha todos os significados essenciais, aqueles que os olhos recolhem diretamente, sem precisão de idioma ou dicionário (Alcides Villaça).¹²

Faremos, neste capítulo, um estudo do percurso histórico das epístolas destacando desde seu importante papel de elo entre os amantes até sua relevância documental.

Eliane Vasconcellos, em seu artigo “Intimidade das confidências”, nos apresenta informações e reflexões sobre a etimologia do vocábulo carta:

Provém do latim *charta, ae* ou *carta, ae*: “folha de papiro preparada para receber a escrita; folha de papel (feito antigamente da entrecasca do papiro)”, empréstimo antigo e latinizado do grego *khártēs*, ou folha de papiro ou de papel, por extensão, escrita, obra”. Interessa-nos a carta na sua acepção mais usual: a de mensagem, manuscrita ou impressa, a uma pessoa ou a uma organização, para comunicar-lhe algo. Por extensão, mensagem, “fechada num envelope, geralmente endereçado e frequentemente selado”, segundo o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (VASCONCELOS, 2008, p.273).

A “mensagem manuscrita”, a carta, foi, por muitos anos, a única forma de comunicação para algumas pessoas, em especial aquelas separadas pela distância. Atualmente, as cartas foram substituídas pelos e *emails*, mensagens de celular e até mesmo pelas redes sociais.

Ainda segundo Vasconcelos (2008), a missiva já existia entre os povos antigos, sendo privilégio das altas classes sociais e dos comerciantes. Escritas por escravos, havia, nelas, apenas uma pequena “inscrição final de próprio punho” daquele que a ditava. Entre gregos e romanos as epístolas eram talhadas com uma lâmina em uma espécie de placa de cera e, depois de prontas, eram enlaçadas por uma fita que continha um carimbo com o endereço. Mais tarde, o papiro foi adotado; composto por duas

¹² VILAÇA, Alcides. Carta de amor. *Teresa revista de Literatura Brasileira* nº 8/9. São Paulo, 2008, 226-231.

folhas “atravessadas por um cordão, que terminava em nó, com um carimbo” (VASCONCELOS, 2008, p.274).

A história das epístolas não é nada recente, portanto é necessário remetermo-nos ao passado para traçar seus principais passos. Peter Gay, em *O coração desvelado* (1999), apresenta informações referentes à história da carta que nos levam a refletir sobre as transformações pelas quais este importante meio de comunicação passou através dos séculos.

Considerando as cartas escritas por filósofos e apóstolos, percebemos que, inicialmente, as missivas eram utilizadas com o objetivo de disseminar uma ideia, destinadas a um público específico, interessado no assunto discutido. Muitas vezes, esse público era as gerações que estavam por vir. Segundo Peter Gay:

Platão escreveu cartas memoráveis, assim como Cícero e São Paulo. Essas epístolas, porém, diferiam radicalmente das cartas contemporâneas. Não que lhes faltasse sentimento; eram, no entanto, mais documentos sociais do que comunicações pessoais (GAY, 1999, p.338).

No que se refere às missivas bíblicas, Mauro Pesce (1996) esclarece que as epístolas de São Paulo não são simplesmente fruto da reflexão e da atividade de um indivíduo dirigida a outros indivíduos, mas sim o testemunho de uma atividade oficial endereçada a comunidades crentes. Dessa forma, o trabalho com estas cartas deve ser ponderado, não devemos lê-las como algo prevalentemente romântico ou autobiográfico, assim como sua experiência religiosa não deve constituir o primeiro ponto referencial para a compreensão das missivas.

A atividade apostólica de Paulo aconteceu em duas fases: a primeira foi a da evangelização e fundação de uma igreja; a segunda seria a orientação da comunidade. Para o estudo epistolar, é a segunda fase que nos interessa, pois é aí que se dá o trabalho com as cartas. Elas não são, de fato, o anúncio do evangelho, mas algo destinado à comunidade por ele já fundada. Isso se torna claro ao percebermos que tais missivas “pressupõem nos destinatários o conhecimento, a acolhida e a prática dos princípios fundamentais do anúncio do evangelho” (PESCE, 1996, p.14).

As epístolas de Paulo são documentos que marcam o intercâmbio de mensagens entre o apóstolo e as comunidades. Essa troca de cartas era de extrema importância, uma vez que, após fundar uma comunidade, Paulo a deixava, tornando a escrita uma das

formas de comunicação com aquelas pessoas; o que nos mostra, então, o aspecto fundamental de suas epístolas.

Com relação a Platão, Jean Brun (1985) e Gaston Maire (1966) nos revelam a autenticidade questionável de suas missivas (no entanto, Brun ressalta que, devido à riqueza de detalhes, é possível que a Carta VII seja autêntica). Aqui, não levantaremos discussões acerca de tal autenticidade, pois não temos como objetivo comprovar se tais cartas são ou não de Platão, mas, sim, reforçar a relevância de sua escrita.

A Carta VII, como explica Inácio Valentim (2012), é uma reflexão de Platão obre os “efeitos infrutíferos” do dizer filosófico para o homem. Segundo Valentim:

Na Carta VII, Platão vai não só explicar as razões deste estado infrutífero do dizer filosófico e da filosofia, mas também, vai explicitar o porquê da incompatibilidade do ato filosófico como certa ideia do fazer político. [...] O próprio Platão reconhecerá que se deixou enganar sobre a política pelo entusiasmo da sua juventude (VALENTIM, 2012, p.61).

Assim, percebemos como as cartas de Platão mostram um “aprofundamento do contato vivo através da palavra” (BRUN, 1985, p.20). Suas discussões, nelas presentes, são sempre atuais, o que nos mostra que, apesar de serem destinadas aos cidadãos de sua época, ainda hoje provocam inquietude naqueles que a leem.

De acordo com Peter Gay (1999), Cícero escrevia usando a linguagem coloquial e, desse modo, dava às cartas um estilo menos rígido; com isso, soavam como uma conversa informal. Seu intuito era divulgá-las, por isso, deveriam ter uma linguagem mais acessível. As cartas de amor de Abelardo e Heloísa, por exemplo, originalmente não foram escritas para acesso público, mas, com o interesse em sua publicação, provavelmente passaram por uma revisão e adaptação de linguagem para que pudessem ser lidas por um público mais amplo.

Esse ponto nos leva a refletir sobre um tema polêmico e delicado desse gênero: o questionável sigilo das cartas. Gay (1999) menciona o fato de que era comum, no século XIX, as missivas virem com indicações de que deveriam ser queimadas para que não pudessem chegar às mãos de outra pessoa que não o seu destinatário, mas essa indicação era mais presente em despachos diplomáticos. Já os casais enamorados, diferente dos diplomatas que tinham interesses mais imediatos nas missivas, preferiam guardar suas epístolas em locais secretos como uma lembrança da pessoa amada.

No século XVII, Madame de Sévigné enviava cartas a sua filha distante; tais cartas eram copiadas e divulgadas entre outras pessoas, com o objetivo de divulgar, entre um pequeno grupo, as intrigas do momento: “publicadas pela primeira vez em 1720 e republicadas em edições escolares cem anos mais tarde, essas cartas eram extraordinariamente francas, vivas, inteligentes, variadas e cheias de informações interessantes; além de tudo eram pessoais” (GAY, 1999, p. 339). Em contrapartida, alguns missivistas do século XVIII, como Voltaire e Lord Chesterfield, não escreviam de forma espontânea, seguiam um estilo formal, o que tirava das epístolas a “intimidade autêntica”.

Mas isso muda em meados do século XVIII com o culto à sensibilidade, canonizado pelos românticos no século XIX, que aprenderam e resgataram a prática da escrita como forma de confissão, que era muito utilizada pelas gerações dos séculos anteriores:

Na ficção como na correspondência, a cultura da classe média fazia experiências com atitudes mais suaves, mais humanas, e por vezes mais lacrimosas. Esse era o espírito que os popularíssimos romances epistolares da época, de Richardson até Rousseau e Goethe, ao mesmo tempo exibiam e promoviam e que, como era inevitável, estimulou o gosto pelas trocas mais francas, menos baseadas em fórmulas. Por toda a Europa, os criadores da moda substituíam o estilo formal pela linguagem baseada na fala. Em 1751, Christoph Gellert, acadêmico, dramaturgo e romancista, famoso por suas fábulas em versos, publicou um catálogo muito apreciado de cartas que exemplificavam o evangelho da naturalidade no escrever e do desprezo pela afetação, e que se tornaria o receituário-padrão para a correspondência (GAY, 1999, p.339).

Essa forma de escrita da correspondência não foi aceita por todos. O escritor alemão Adolph Freiherr von Knigge indicava a seus leitores que a correspondência deveria ter limites, o número de missivistas com o qual se comunicavam deveria ser reduzido e, principalmente, deveriam ter cautela, afinal, as palavras ali escritas de forma imprudente jamais seriam apagadas, o que poderia causar problemas a quem as escreveu. Mas as ideias de Knigge não eram suficientemente fortes para combater a tendência.

Tomemos Goethe como exemplo da força que a intimidade e a revelação do eu refletidas na carta ganham no século XVIII. Segundo Peter Gay (1999), em suas correspondências com a irmã, é possível perceber que Goethe escrevia às pressas, utilizando exclamações livremente, usando frases em inglês ou francês, conforme sua

agitação no momento, quebrando frases, comprometendo a sintaxe, como se tudo isso o levasse a compartilhar seu *eu* de forma mais viva. Em sua obra *Os sofrimentos do jovem Werther*, temos a continuação de suas cartas com um formato diferente.

Na literatura, existem outros nomes importantes no que diz respeito às cartas. Entre eles, vale ressaltar o de Mariana Alcoforado, a freira portuguesa, nascida em Beja em 1640, que se apaixonou pelo Marquês De Chamilly, um oficial da França que teria servido em Portugal durante as guerras de Restauração. Publicadas como *Cartas Portuguesas*, pela primeira vez, em 1669, elas vêm encantando os casais apaixonados até os dias de hoje, revelando uma mulher que sofre por amar, mas que só abrirá mão deste amor diante da certeza da ausência do amor do outro.

Outro exemplo importante é o romance epistolar de Choderlos de Laclos, *As relações perigosas*. O livro, publicado pela primeira vez em 1782, traz-nos as cartas trocadas entre nobres da aristocracia parisiense que, perante a sociedade, se apresentam com posturas e comportamentos impecáveis, mas por detrás do papel, ao escreverem as cartas, admitem a revelação de seus desejos. Desta forma, ao se permitirem, no momento da escrita, mostrar quem realmente eram e o que realmente queriam, temos uma crítica à sociedade francesa daquele momento.

Seguindo com a história epistolar, descobrimos que o século XVIII ficou conhecido como “o século da correspondência”. Os contemporâneos de Goethe dedicavam aos poderes da palavra escrita uma série de tributos emotivos. A carta era conhecida como “uma cópia da alma” ou a “linguagem do coração”. O culto à missiva foi comparado ao culto da amizade por Georg Steinhäusen, em 1891. No século XIX, havia, entre os missivistas, um conselho comum de como escrever cartas, e ele dizia que a melhor forma era se expressar como se fala, como se o remetente estivesse ali presente.

O fato de as cartas serem uma das poucas formas de comunicação íntima, ou seja, o espaço possível para que muitas revelações pessoais pudessem ser ditas, tanto para os que estavam próximos, quanto para os distantes, fez com que elas se tornassem algo mágico e inspirador. Nesse sentido, o transporte das epístolas também passou a ser cultuado pelos missivistas.

Artistas populares inseriam em seu repertório a figura do correio e, principalmente, a do carteiro, aumentando, ainda mais, a mística em se imaginar as situações difíceis, muitas vezes, climáticas, enfrentadas por aquele que era responsável por levar as cartas. Assim, tais artistas pintaram e desenharam o carteiro lutando contra

tempestades de neve, o caminhão postal correndo pelas estradas, e as jovens à espera de suas cartas de amor. Os casais apaixonados, em especial, transformavam o carteiro no mensageiro portador de sua felicidade, ou tristeza, segundo uma posição de espera ansiosa, como vemos abaixo.



Figura 9: Walter Dendy Sadler.



Figura 10: Carl Spitzweg.

Observamos, na pintura do britânico Walter Dendy Sadler, uma jovem mulher segurando às mãos junto ao colo, demonstrando uma postura de quem não consegue conter a ansiedade. A casa parece estar localizada em uma região campestre, o que nos leva a imaginar que a correspondência demorava certo tempo para chegar. Com relação ao carteiro, é um homem de idade mais avançada, observa com cuidado as cartas que tem à mão, possivelmente para garantir que entregará a carta ao destinatário correto.

Já no quadro do alemão Carl Spitzweg, temos uma mulher que vai ao encontro do carteiro, ela parece ter subido às escadas aflita, segurando o vestido para não tropeçar e cair; sua ansiedade parece ser tão grande que não esperou o carteiro chegar até ela, foi ao encontro dele que, por sua vez, parece cansado, apoiando-se em uma bengala e olhando fixamente. Existem algumas pessoas ao redor, todas extáticas a olhar a mulher que receberá a carta. Nessa tela, a ansiedade parece ter contagiado todos ao redor. É como se todos aguardassem aquela epístola, pois ela significaria a continuação ou o início de um possível diálogo:

A troca de correspondência, inclusive de cartões-postais, passou a ser prioritária na economia emocional dos vitorianos. Mais do que nunca, as cartas criavam e sustentavam o desejo de reciprocidade. Até mesmo a carta que não pedia explicitamente uma resposta representava a demanda implícita de uma conversação à distância (GAY, 1999, p.345).

Vasconcelos (2008) nos mostra que não apenas o carteiro era inspiração para as artes plásticas, a escrita e a leitura da carta acabam sendo transformadas em obra de arte. O pintor Johannes Vermeer, por exemplo, foi um dos grandes nomes que, no século XVII, transformou as jovens moças que escreviam e liam cartas em belíssimos quadros. Vemos, logo a baixo, a pintura *Girl Reading a Letter at an Open Window*. A jovem, muito concentrada, parece ter se esquecido de tudo, a única coisa que importa no momento é a carta que tem em mãos.



Figura 11: Johannes Vermeer, *Girl Reading a Letter at an Open Window*.

Escrever cartas era tão instigante quanto recebê-las. O compromisso de dedicar determinado tempo do seu dia, para compartilhá-lo com o outro, era como uma prova de carinho e entrega, era ocupar-se do outro, assim, criou-se, entre os missivistas, particularmente os apaixonados, a rigidez de se corresponderem diariamente. Os casais que não podiam cumprir com essa escrita epistolar diária esforçavam-se para manter a

maior assiduidade possível. De fato, a carta era “o penhor da afeição verdadeira”, e a falta de notícias gerava silêncio entre os missivistas, o que causava irritação ou angústia.

Na escrita de Olga Benario, ressaltamos que sua correspondência com Luiz Carlos Prestes também contava com o esforço de se corresponder com frequência, como podemos observar no seguinte trecho da epístola escrita por Olga em 11 de abril de 1937: “Se for possível, escreve-me! Podes imaginar o quanto estou inquieta de encontrar-me inteiramente sem notícias tuas e que alegria me trariam algumas linhas tuas!” (BENARIO. [Carta] abril 1937). Identificamos também solicitações de que fossem descritos maiores detalhes do cotidiano, como lemos na carta de 22 de novembro de 1937: “Tuas últimas cartas eram um pouco curtas. Deverias me falar um pouco de tuas leituras, mas falta-me também a descrição de tua vida atual” (BENARIO. [Carta] nov. 1937). Dessa forma o casal dava à troca de correspondência um caráter dialogal.

Seguindo com o percurso do gênero epistolar, é-nos interessante pensar no ideal de privacidade, tão cultuado pela sociedade moderna que já era a garantia, no século XIX, de que os casais poderiam abandonar as descrições comuns de seu cotidiano e ir além, sendo tênue a fronteira que podia, ou não, ser ultrapassada. Mas era preciso cuidado, principalmente no círculo familiar, pois não se sabia se as cartas eram realmente respeitadas e mantidas em sigilo. Os pais, escondidos, não raro, liam as correspondências como forma de se inteirar dos segredos e da vida pessoal dos filhos.

Para o casal Olga o Prestes, o que desrespeitava o sigilo das cartas era a censura à qual estavam submetidos. Tanto a polícia alemã, quanto a brasileira, certificava-se de que não fossem enviadas quaisquer informações que pudessem descrever as condições do cárcere ou estimular qualquer tipo de revolta ou conspiração.

Vasconcelos (2008) também discute o “caráter íntimo e/ou confidencial” da carta. As informações contidas naquelas linhas ocupam um espaço privado, sendo assim, devem ser invioláveis. Na escrita da missiva, os interessados em seu conteúdo devem ser apenas o remetente e o destinatário, e mesmo que, na maioria das vezes, exista uma terceira pessoa, ou seja, aquela de quem se fala no espaço em questão, seu conteúdo deve ser mantido em sigilo. Como afirma Gay: “logo, para os homens e mulheres de classe média, a ameaça de que suas cartas fossem expostas não vinha da polícia ou de qualquer autoridade, e sim da espionagem familiar” (GAY, 1999, p.349). Mas, assim como temos descrito nos romances, existiam formas de escapar de tal espionagem, e era com a ajuda de confidentes discretos que os amantes alugavam caixas

postais para receber as cartas de amor, ou ainda, mensagens codificadas para evitar possíveis surpresas. Acreditamos que Olga e Prestes procuravam despistar a censura e garantir que a correspondência fosse enviada fazendo uso de códigos que camuflavam as verdadeiras mensagens.

No século XIX, a literatura era tida como inspiração para os missivistas que abandonavam a escrita corriqueira em detrimento de algo mais elegante, como a escrita literária. Em alguns casos, eram utilizadas, como modelo, cartas como as de Madame de Sévigné, Alexander Pope, Voltaire, Byron, Balzac, Goethe e Schiller. No entanto, existiam aqueles que acreditavam que ter como modelo alguns desses missivistas era problemático, uma vez que tais epístolas poderiam ser um tipo de inspiração a comportamentos imorais, como o cinismo ou a promiscuidade.

Para os missivistas que não tinham acesso às cartas citadas foram criados alguns recursos para que a ela se transformasse em algo mais aprimorado. Eram espécies de enciclopédias, que continham modelos de cartas que eram imaginárias, e criavam situações corriqueiras, fazendo uso da linguagem correta e dos limites morais que deveriam existir.

Desde o século XIX até meados do século XX, o Brasil foi marcado pela existência de manuais que continham exemplos prontos de mensagens para diversas situações. Como nos explica o trecho abaixo:

O Novo manual epistolar ou secretário de cartas particulares e Cartas de preditórios matrimoniais, com modelos de declarações de amor com o objetivo honesto de matrimônio. Sob o pseudônimo D. Juan de Botafogo, Figueiredo Pimentel publica, em 1897, o *Manual do Namorado*, com o longo subtítulo “contendo a maneira de agradar as moças; fazer declarações de amor; vestir com elegância; estar à mesa; em bailes, em passeios e tudo quanto se usa na alta sociedade”, que revela o objetivo e a intenção do livro (VASCONCELOS, 2008, p.377).

O Brasil do século XIX, apesar de não ter a tradição de produzir romances epistolares, contou com a produção de alguns escritores românticos e realistas. Os livros *A correspondência de uma estação de Cura*, de João do Rio, *Correio da roça*, de Júlia Lopes de Almeida, chegam a ser, de fato, romances por cartas, como bem lembra Eurídice Figueiredo (2013). Mas há outras obras literárias que recorreram à carta, não como estrutura do romance, mas como um artefato literário. Alguns textos de José de Alencar, mesmo não sendo romances epistolares, atestam o sucesso das cartas na

literatura, por exemplo, “em *Cinco Minutos* (1856) e *Viuvinha* (1857), ou com muito mais requinte, *Lucíola* (1862), bilhetes e missivas transformam-se em fator de estruturação do texto” (Lajolo, 2002, p.64).

O trabalho com as cartas no campo literário tem importância não apenas como instrumento em certos romances, mas também na compreensão e análise de determinadas obras; afinal, muitos escritores eram missivistas assíduos e, por meio da correspondência, discutiam sua produção literária com os colegas. Entre eles, destacamos nomes como Mário de Andrade, Fernando Sabino, Clarice Lispector, Luiz Gama, Manuel Bandeira, entre outros.

A publicação das coletâneas de cartas tem se tornado um novo objeto de estudo literário. Como afirma Jeanne Bem (1999), esse objeto é criado por quem o reúne, edita e organiza:

É provável que haja uma literariedade virtual em toda carta. É sempre uma coisa escrita com toda a ambiguidade que isso supõe: com efeito, a escritura garante o dizer (“*littera scripta manet*”); a menor carta tem uma fixidez fascinante; mas ao mesmo tempo, a carta não diz tudo e, nesse sentido, diz sempre menos e mais do que aparenta (BEM, 1999, p.113).

É lidando com esse excesso, ou falta de dizer proporcionado pela carta, que algumas obras literárias vêm sendo analisadas. Nesse caso, na ficção, o autor está travestido de personagem ou narrador, fabulando o quanto achar necessário e contando com a segurança de que seus leitores não poderão lhe cobrar a veracidade dos fatos. No entanto, quando se trata de uma missiva, seu destinatário ou, no caso das coletâneas publicadas, seus leitores as tomarão como verdade indiscutível.

Segundo os apontamentos de Jeanne Bem (1999), as correspondências têm um polo de atração que é o romance. O romance é o modelo que pesa sobre a escrita das epístolas: entendemos que a reunião das epístolas trocadas por um casal, por exemplo, pode ser lida como uma obra, mas tal obra se escreve, de certa forma, sozinha, afinal, essa obra acontece de forma não proposital.

Tendo o romance como polo de atração, as cartas se tornaram inspiração para produções cinematográficas e musicais. Do cinema, citamos três filmes interessantes: *The Letter* (A carta), lançado em 1940, drama policial que conta a história de Leslie Crosbie, interpretada por Bette Davis. Leslie assassina um homem do qual é amante, e se defende dizendo que aquele foi um crime de legítima defesa, no entanto a viúva a

chantageia dizendo ter cartas que provam a relação amorosa entre a assassina e a vítima. Sob direção de Willian Wyler, o filme foi indicado a sete categorias do Oscar de 1941, ganhando o prêmio de melhor montagem.¹³

Ressalto também o filme, de 1948, *Letter from an Unknown Woman* (Carta de uma desconhecida). O romance, dirigido por Max Ophüls, se passa em Viena, e narra a história de um famoso pianista, Stephan Brand, interpretado por Louis Jourdan, que recebe a carta de uma mulher desconhecida e, ao lê-la, se recorda da antiga e tumultuada história de amor que viveu com Lisa, interpretada por Joan Fontaine.¹⁴

Por fim, vale lembrar, de um filme mais recente, lançado em 1987, direção de David Hugh Jones, *84 Charing Cross Road* (Nunca te vi... Sempre te amei). Nele, a escritora americana Helene Hanff (Anne Bancroft), amante de livros raros, começa a trocar correspondências com Frank Doel (Anthony Hopkins), o dono de uma livraria britânica, especializada em edições limitadas; no entanto, eles não poderiam imaginar que a troca de cartas duraria vinte anos, e dela nasceria uma grande amizade.¹⁵

Com relação à música, destacamos letras que consistem em uma carta e letras que representam a reação do amado ao recebê-la. Como na música *Amor por correspondência*, em que Nuno Roland conta uma bela história de amor em que o *eu-lírico* recebe cartas de uma mulher desconhecida e apaixonada, e ele sonha que tais epístolas sejam da musa de seus sonhos.¹⁶

Temos também duas letras que narram a relação dos correspondentes com a figura do carteiro. A primeira delas, *O carteiro*, de Sérgio Godinho, descreve a caminhada daquele que é responsável por entregar as missivas e, principalmente, a ansiedade daqueles que esperam por elas.¹⁷ A segunda música, *Carteiro*, de Tião Carreiro e Pardinho, tratam do recebimento da carta e o sentimento despertado por ela,

¹³ Filme *A Carta*: Disponível em: <<http://www.cineplayers.com/filme/a-carta/3282>>. Acesso em 28 mai. 2014.

¹⁴ Filme *Carta de uma desconhecida*: Disponível em: <<http://www.cineplayers.com/filme/carta-de-uma-desconhecida/7357>>. Acesso em 28 mai. 2014.

¹⁵ Filme *Nunca te vi... Sempre te amei*: Disponível em: <<http://www.cineplayers.com/filme/nunca-te-vi-sempre-te-amei/6170>>. Acesso em 28 mai. 2014.

¹⁶ ROLAND, Nuno. *Amor por correspondência*: Disponível em: <<http://musica.com.br/artistas/nuno-roland/m/amor-por-correspondencia/letra.html>>. Acesso em 29 mai. 2014.

¹⁷ GODINHO, Sérgio. *O carteiro*: Disponível em: <<http://musica.com.br/artistas/sergio-godinho/m/o-carteiro/letra.html>>. Acesso em 29 mai. 2014.

tendo o carteiro, mais uma vez, como o importante portador da mensagem.¹⁸ Por fim, temos a música de Renato Russo, conhecida por muitos na voz de Erasmo Carlos, *A carta*. A música fez tanto sucesso que teve a produção de um vídeo clipe com a participação destes dois grandes nomes da música brasileira. A canção incorpora, em seus versos, uma carta de amor não correspondido, onde, mesmo ciente de sua frustração amorosa, o remetente se declara.¹⁹

Descrevemos, até aqui, o interessante percurso das epístolas desde os povos antigos; no entanto, com a chegada do século XXI e o avanço da tecnologia, a escrita de cartas parece ter perdido o destaque que lhe foi concedido até o século XX. O *e-mail* assume o papel de mensageiro imediato, desconstruindo a imagem do carteiro endeusado pelos amantes, responsável por trazer notícias daqueles que estavam tão longe. Além disso, o espaço virtual, com o caráter de imediaticidade, acaba também com a espera e as fantasias de imaginar o percurso da carta e, sobretudo, o que ela trará.

O curioso é que a sensação de se abrir um envelope é insubstituível. A virtualidade configura certa frieza às notícias; mesmo sendo uma forma mais rápida de comunicação, certas mensagens são sedentas de uma maior entrega e dedicação. Por exemplo, em uma carta de amor, a ideia de que o remetente se dispôs a passar certo tempo diante do papel cria a ilusão de um cenário romântico, destruído pela certeza de que um *e-mail* é, quase sempre, escrito às presas. Além disso, a escrita manual representa marcas de quem escreve: a letra é o verdadeiro rastro do missivista, já no espaço virtual, encontramos apenas letras produzidas pela máquina.

Como nos diz Marcelo Coelho, colunista da *Folha de São Paulo*, em seu artigo “O fim do mundo epistolar: O que perdemos ao abrir mão das cartas?”:²⁰

Declarações de amor, conselhos paternais, enunciados de intenção artística ou existencial sem dúvida exigem outro tipo de preparo psicológico – e receber um envelope selado em casa sempre despertou emoções que nenhuma tela do Outlook pode reproduzir (COELHO, 2014).

¹⁸ CARREIRO, Tião; PARDINHO. *Carteiro*: Disponível em: <<http://letras.mus.br/tiao-carreiro-e-pardinho/589538/>>. Acesso em 29 mai. 2014.

¹⁹ RUSSO, Renato. *A carta*: Disponível em: <<http://letras.mus.br/renato-russo/1199100/>>. Acesso em 29 mai. 2014.

²⁰ COELHO, Marcelo. *O fim do mundo epistolar: o que perdemos ao abrir mão das cartas*: Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/05/1451590-o-fim-do-mundo-epistolar-o-que-perdemos-ao-abrir-mao-das-cartas.shtml>> Acesso em 29 de maio de 2014.

O fenômeno do fim das cartas fez com que os estudos epistolares passassem a entender as missivas de outra forma. Criam-se, então, interesses específicos em seus estudos. Para a literatura, segundo Carlos Hernán Sosa (2008), tanto na área de crítica literária, quanto no âmbito da pesquisa teórica, suas leituras proporcionam a focalização das estratégias discursivas de “um gênero situado entre a oralidade e a escrita, entre o prosaico e a literatura, entre o público e privado” (SOSA, 2008, p.419). O valor documental da carta ganha força, e passa a ser peça importante para estudos históricos, políticos e memorialísticos.

Os escritos memorialísticos estão separados das autobiografias por uma linha muito tênue. Segundo Eurídice Figueiredo (2013), a memória seria a recriação de um mundo social, já a autobiografia, a reconstrução e narração da vida de quem escreve. Dessa forma, é difícil classificar as obras que caminham misturando a autobiografia clássica com a memória social e familiar, traçando perfis de amigos e ancestrais, descrevendo o ambiente em que viveram.

Acreditamos na relevância de se entender que, apesar de não ser exatamente a mesma coisa, podemos encontrar na autobiografia aspectos memorialísticos, pois “vivemos sobre o signo da memória” (FIGUEIREDO, 2013, p.149). Daí, a importância de se perceber as cartas como escritas do eu, conseqüentemente, espaços autobiográficos, já que é dessa forma que as epístolas podem ser consideradas documentos memorialísticos.

A consolidação do capitalismo e a afirmação cada vez maior do mundo burguês colaboraram para o surgimento de um eu como garantia de uma biografia. Para Leonor Arfuch, foi no século XVIII que a autobiografia, como gênero literário, começou a se delinear, em função dos questionamentos do mundo privado em decorrência da consciência histórica moderna, que havia se tornado motivo de inquietude no novo espaço social.

Dessa forma, textos como confissões, autobiografias, memórias, diários íntimos e correspondências, marcariam o espaço autorreflexivo determinante para a concretização do “individualismo como um dos traços típicos do Ocidente” (ARFUCH, 2010, p.36). Assim, tínhamos os primeiros passos da sensibilidade característica do mundo burguês, que vivenciava um eu ligado a uma divergência dualista, que estava entre o público e o privado, o sentimento e a razão, o corpo e o espírito.

Percebemos então o espaço biográfico na escrita epistolar de Olga Benario entendendo que o papel se tornasse, para essa mulher, um lugar onde suas reflexões

passariam a existir e a se materializar através das palavras, como, talvez, o único espaço possível de reflexão – se pensarmos que na prisão, ou nos campos de concentração, a livre expressão não era permitida. Lembrando sempre que, mesmo sendo a carta o espaço possível de desabafo e expressão, era necessário que certas informações fossem codificadas. Encontramos, então, nas cartas de Olga, questionamentos e reflexões, como, por exemplo: “Por que os homens chegam a separar assim uma família como fizeram conosco?” (BENARIO. [Carta] maio 1937) ou ainda, “é lindo que tenhamos, ao menos, a lembrança de um tempo melhor – isso ajuda a aguentar mais facilmente o momento atual e reforça a esperança em dias melhores. Ninguém nos pode tirar isso” (BENARIO. [Carta] março 1938).

A prática da escrita de cartas, segundo Arfuch, é a esfera do íntimo privado que passa a se delinear com certa autonomia, permitindo relações diferentes entre as pessoas. Isso acontece pelo fato de que toda auto-observação requer uma conexão com as condições anímicas do eu de seu remetente.

Percebemos, em Santiago (2006), que, ao se entregar ao remetente, o missivista não se distancia de si mesmo. Seu texto é semelhante a um *alter ego* em busca de diálogo consigo e com o outro. É uma abertura que o sujeito oferece ao outro sobre si. Assim, é possível permitir que o sujeito reflita sobre ele próprio no momento em que se revela para o outro.

O trabalho com as cartas, de transmitir os sentimentos do missivista ao outro, possibilita a inclusão deste no relato. Para Arfuch, o outro deixa de ser um espectador e passa a ser copartícipe envolvido em aventuras e segredos. Nos relatos epistolares, existe a impressão de imediaticidade, pois os fatos parecem estar sendo narrados em tempo real e isso leva o leitor a “olhar pelo buraco da fechadura com a impunidade de uma leitura solitária” (ARFUCH, 2010, p. 47). A missiva, na condição de espaço biográfico, apresenta, a quem é remetida, as descrições mais “próximas” do cotidiano de quem a escreve, uma vez que, diferentemente dos demais espaços, ela é enviada com certa frequência, como se fosse uma autobiografia diária, semanal ou mensal, mas que tem certa regularidade de tempo. Assim, dando à troca de correspondência um caráter dialogal, Olga descrevia o que pensava como se pudesse de imediato ter uma resposta. Como ela escreve, “há todo um oceano entre nós e, entretanto, estamos tão próximos um do outro” (BENARIO. [Carta] maio 1937), dando-nos a ver que o espaço autobiográfico possibilitava, então, a aproximação do casal Olga e Prestes.

Lemos, em Cláudio Ribeiro da Silva (2014), que:

o homem busca formas de se dizer, de se mostrar ou de se produzir [...] na autobiografia, ele diz de si mesmo – embora devemos reconhecer que pela escrita autobiográfica se produz um tipo de texto que, supostamente, garante a aferição da verdade sobre o que se fala. Entretanto, tudo o que é dito, mesmo tomado como verdade, pode ser invenção à medida que o autor opta, algumas vezes, por transformar a sua vida numa ficção através de suas memórias. Compreendemos que ficcionalizar não é necessariamente mentir, mas sim expor a versão de um ou mais fatos, num ato de recriação, a partir da verdade (SILVA, 2014, p.21).

Assim, entendemos o processo, desde a escrita até a leitura de uma carta, como um ritual que tem início no momento em que o missivista se coloca diante do papel e escolhe o que dizer; mesmo que tais escolhas possam ser inconscientes, de alguma forma elas relacionam a intenção da escrita à recepção do leitor, afinal, o que queremos que o leitor saiba? De que forma? Também estas questões fazem parte do processo de tomar aquilo que é escrito como verdade, possibilitando a construção do diálogo epistolar.

Nesse aspecto percebemos que Olga sempre apresenta, nas cartas, palavras que tranquilizam seu remetente como: “Querido, tu te preocupas demais com a minha saúde. Eu vou muito bem” (BENARIO. [Carta] abril 1938), ou ainda, “não precisas te preocupares a respeito da minha saúde. Eu não vou mal. Durmo bem e como com apetite” (BENARIO. [Carta] outubro 1938). Sempre se mostrando bem, parecendo não querer preocupar Prestes.

Retomando as reflexões de Arfuch, o caráter dialogal da correspondência adquire um peso determinante, e específico das epístolas, na medida em que toda auto-observação requer um posicionamento do *outro eu*, por qualquer motivo que seja, curiosidade ou comoção, a posição do outro se faz necessária. E dizemos, específico das epístolas, pois são elas capazes que manter a resposta direta do outro a quem se remete. Diferentemente dos diários, em que o outro é, na verdade, o próprio eu.

Segundo Lejeune (1975, p. 14), citado por Arfuch (2010, p. 52), a autobiografia seria o relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, acentuando sua vida individual. Deslocamos esta definição para o gênero carta, como espaço biográfico, retomando o fato de que a escrita epistolar é o diálogo consigo e com o outro. Isso nos leva a refletir sobre outro importante aspecto da escrita autobiográfica, o fato de ser usada para manter-se vivo:

Quem escreve sobre a própria vida demonstra o desejo de perpetuação, além de reforçar o mito da história que nunca acaba, pois o “ser” que escreve já viveu parte de sua própria vida, mas parece conservar, pela escrita, o tempo que ainda lhe resta para desfrutar. Além disso, quando sua vida se inscreve discursivamente, há mais possibilidades de perpetuação (SILVA, 2014, p.21-22).

Relacionando o fato de que, na escrita epistolar, o missivista reflete sobre o que quer expor ao outro e, ao mesmo tempo, como quer manter-se vivo nela, entendemos que ele optará por registrar-se, por meio da escrita, da forma como gostaria de ser lembrado, em especial, pelo seu remetente.

Vale ainda refletir sobre as questões apresentadas por Silvina Rodrigues Lopes (2003), em seu texto “Na margem do desaparecimento”. A autora discute o fato de que “todos os textos literários se constituem como cartas” (LOPES, 2003, p.138). Assim, percebe-se que a literatura “põe em causa a estrutura intersubjectiva da destinação epistolar” (LOPES, 2003, p.138), ou seja, o texto literário se constitui como cartas sem um destinatário específico, configurando-se como impulso, movimento de dissipação, que envolve as formas comuns e altera os modos no nosso reconhecimento.

Não é possível demarcar os limites do literário, identificar o que, em um texto, é ou não literário, mas é preciso entender que, “no fundamental, um texto literário não tem destinatário” (LOPES, 2003, p.139), sendo assim, torna-se um texto aberto de sentido, possibilitando que aquele que tiver contato, por qualquer motivo que seja, com a mensagem ali escrita, crie seu próprio sentido, construindo seu próprio eu.

Para a autora,

Não é fácil, ou se quer possível, distinguir o literário enquanto tal por referência a um qualquer padrão discursivo, isso quer dizer que há nele, em maior ou menor grau, um efeito de destinação – aquilo que na leitura desencadeia o diálogo por permitir ao leitor colocar-se no lugar de destinatário. Esse efeito de destinação pressupõe por conseguinte que algo de estruturalmente característico do gênero epistolar existia na literatura e em todos os tipos de discurso. Como o que aqui interessa é a relação entre literatura e correspondência, procurar-se-á perceber que lugar é que a carta ocupa num processo que, como foi dito, se entende ser o da perda da destinação.

Assim, o destinatário, ausente da cena de escrita, que pode nunca ler a carta que lhe é dirigida, por circunstâncias desconhecidas, e a própria epístola, que pode chegar a outro destino e ser lida por outra pessoa, transforma esta escrita em um potencial “devir-literatura”.

Diante desses comentários sobre a carta, como gênero epistolar e espaço biográfico das escritas do eu, passaremos a analisar três cartas de Olga Benário, buscando traçar seu perfil de missivista, desconsiderando os pré-conceitos já existentes a respeito dessa figura que, ora aparece como a mulher que é só amor, ora como a mulher que é só a frieza da revolução.

CAPÍTULO III

AS EPÍSTOLAS DE OLGA BENARIO: ENTRE O COTIDIANO DA CELA, AS REFLEXÕES POLÍTICAS E AMOROSAS

Que a cera derramada sobre as tabuinhas polidas
preveja as dificuldades do negócio, que o lacre seja
o primeiro confidente de suas intenções. Que ele
traga cumprimentos, palavras que respirem o amor.
(Ovídio)²¹

Neste capítulo, trabalharemos com três cartas escritas por Olga Benario endereçadas a Luiz Carlos Prestes, cada qual sob uma perspectiva diferente: o amor, a guerra e as leituras feitas por Olga, inclusive durante o tempo em que esteve presa. Ressaltamos que, apesar de analisar cada carta sob uma dessas perspectivas, não existe de fato uma divisão, ou seja, as temáticas amor e guerra perpassam todas elas, e a importância das leituras também não se restringe a um relato específico, pois aflora em vários momentos.

Tais cartas foram publicadas em uma coletânea de três volumes, intitulada *Anos tormentosos: Luiz Carlos Prestes: correspondência da prisão (1936-1945)*. A obra conta com a organização de Anita Leocádia Prestes e Lygia Prestes. Nela, está toda a correspondência, passiva e ativa, do militante comunista durante os anos em que esteve preso no Brasil.

Inicialmente, as epístolas se encontravam em poder de Lygia Prestes, a irmã mais nova de Luiz Carlos Prestes, que as guardou durante anos, até resolver, juntamente com a sobrinha, publicá-las. Segundo informações encontradas no prefácio de *Anos tormentosos*, atualmente, algumas dessas cartas estão em poder do arquivo público do Rio de Janeiro, mas outras ainda continuam com a família.

A importância da organização dessas cartas vai além de simplesmente tornar documentos privados em algo público, visto que chega a atingir um fenômeno contemporâneo no que diz respeito ao trabalho com a memória: a responsabilidade dos herdeiros das vítimas da *Shoah*.²² Larissa Silva Nascimento e Michelle dos Santos

²¹ OVÍDIO. A arte de amar. Tradução de Dúnia Marinho da Silva. Porto Alegre: L&PM, 2013, p.34.

²² Termo da língua iídiche que significa calamidade, catástrofe. A palavra “Shoah” substitui “holocausto”, uma vez que este vem carregado de significados que tentam justificar o genocídio

discutem, em seu artigo, “Questões sobre (auto)biografia: as modernas representações do holocausto em Maus, de Art Spiegelman, e em Os emigrantes, de W. G. Sebald”, como as representações da memória da *Shoah* passam a ser responsabilidade dos filhos das vítimas:

Com a morte de grande parte dos sobreviventes e das testemunhas oculares, com o distanciamento do ocorrido, com as comemorações pelos 70 anos do início da Segunda Guerra Mundial e, ainda, com o Holocausto se tornando um explícito objeto da cultura de massa, as formas de representações literárias e artísticas foram expandidas. Nesse momento, por exemplo, quem passa a representar a *Shoah* é a segunda geração (NASCIMENTO; SANTOS, 2012, p.98).

No caso de Olga, que foi morta em campo de concentração e, conseqüentemente, não pode testemunhar seus dias enquanto prisioneira, qualquer tipo de fala ou organização de documentos, como é o caso das cartas, devem vir de sua filha, Anita, que contou ainda com a ajuda de sua tia Lygia.

Sobre a obra, João Luiz Duboc Pinaud (2000)²³ destaca sua importância para um país como o Brasil, que sofre com a falta de memória. Segundo ele, a publicação da correspondência de Prestes abre “possibilidades ao brasileiro de conhecer o seu presente mediante a História [...] genuinamente nossa e sem nenhum compromisso com esquemas de exploração das nossas riquezas e mutilação de nossa potencialidade” (PINAUD, 2000, p.13).

De fato, tais cartas, apesar de apresentarem o ideal político de Prestes e seus correspondentes, entre eles, Olga, não tem a intenção de persuadir o leitor, visto que demonstra o diálogo entre pessoas que já estavam convencidas de seus ideais. A proposta da publicação é revelar, por meio das epístolas, o que havia por detrás dos militantes que ali aparecem e que, até então, eram vistos apenas sob a perspectiva de sua atuação política.

Como já dito no capítulo anterior, desde o século XVIII, as epístolas desenvolvem um papel que vai além de transmitir informações corriqueiras, pois elas cumprem a função de espaço possível para a revelação do eu: “e as missivas não

sem justificativa, ou seja, provém da inconsciente exigência de “atribuir um sentido ao que parece não ter sentido” (AGAMBEN, 2008, p.37).

²³ Pinaud é ex-secretário da justiça do Rio de Janeiro. Em 2000, enquanto ainda exercia o cargo, foi convidado a escrever um pequeno texto, intitulado “Palavras prévias”, para a coleção *Anos Tormentosos*. Seu texto precede a apresentação do livro e explica a importância da publicação da correspondência de Prestes.

continham apenas expressões de amor, boletins médicos ou comunicados sobre assuntos de negócios; revelavam ainda a apreensão, a indignação, e mesmo a raiva” (GAY, 1999, p.354). As cartas encontradas em *Anos tormentosos* não são diferentes.

Existem grandes interrupções nas correspondências. Na apresentação de *Anos tormentosos*, Anita Leocádia e Lygia explicam que havia grandes dificuldades com relação à censura brasileira:

Nas condições de censura constante das cartas trocadas tanto com a família quanto com os companheiros e amigos – por vezes, algumas cartas eram apreendidas ou tinham parágrafos inteiros literalmente cortados à tesoura –, Prestes não poderia ser informado sobre grande parte dos problemas enfrentados pela família, para não falar da situação no mundo e no próprio Brasil (PRESTES; PRESTES, 2000, p.19).

Sobre a censura sofrida pela correspondência de Olga e Prestes, Daniel Aarão Reis comenta que “as cartas postadas [por Prestes] continuavam a ser bloqueadas por forças anônimas” (REIS, 2014, p.208). Também William Waack se remete a isso, dizendo que “a correspondência [de Olga] da prisão era censurada pelos nazistas e podia abordar apenas assuntos pessoais” (WAACK, 1993, p.104).

Esse apontamento evidencia a dificuldade de se corresponder em um contexto de guerra e censura. Dessa forma, as cartas de Olga devem ser vistas com muita delicadeza, pois, cientes de tais condições, os correspondentes poderiam, por exemplo, fazer uso de códigos para transmitir determinadas mensagens. Afinal, como apontamos no primeiro capítulo, Olga fez cursos paramilitares e, certamente, estava preparada para escrever mensagens codificadas.

Passemos, finalmente, à leitura da primeira carta, que abordará a temática da guerra. Ela foi escrita antes de Olga ser enviada ao campo de concentração, enquanto ainda se encontrava na prisão de mulheres em Berlim, durante o período em que pôde estar com sua filha, Anita.

Embora a carta seja um tanto longa, consideramos, por bem, reproduzi-la por completo, já que ela vai revelar muitos detalhes no cotidiano da prisão e a relação entre mãe e filha.



Figura 12: Frauengefängnis Barnimstraße (Prisão feminina Barnimstraße).

Berlim, 24/09/1937

Meu querido Carli!

Há alguns dias recebi tua carta de 18 de agosto e estou muito triste porque tua carta de 31 de julho não me chegou às mãos. Quem sabe se ainda a receberei. Um pedaço de papel pode trazer tanta felicidade! Tuas queridas palavras me aquecem o coração. Espero que entrementes tenhas recebido as minhas cartas de 28 de julho, 9 de agosto, 22 de agosto e 7 de setembro, contendo grande quantidade de notícias da nossa filhinha.

Felizmente a Anita ainda pode permanecer comigo. Ainda recentemente, o médico da prisão desaconselhou a separação, tendo em vista que ainda estou em condições de amamentá-la. Jamais pensei possuir tal faculdade de “vaca leiteira”. Podemos nos felicitar com isso, pois até agora a pequenina não teve um resfriado. Alegra-me saber que segues a curva do peso da pequenina. Atualmente ela pesa 9.600 gramas. No que diz respeito ao aumento de cada semana, imagina que, durante um trimestre, o bebê aumentou 200 gramas por semana e, em três trimestres, 100 a 150 gramas, e agora ela aumentará menos. As crianças devem pesar 10 quilos com um ano. Como vês, ela terá mesmo mais do que isso. Podes, portanto, estar tranquilo a esse respeito.

Eu estava menos tranquila quanto aos seus ossos, pois ela pôde sentar-se bastante tarde. Mas agora o seu desenvolvimento transcorre muito depressa. Ela fica em pé sozinha em sua caminha e corre (evidentemente de quatro). Quer sempre estar de pé e, assim que tento fazê-la deitar, se levanta. Não se pode mais tirar os olhos dela um minuto. Engatinha pelo chão por todos os lados e ontem tentou seus primeiros passos segurando-me pela mão. Eu chorei de alegria. A fim de sustentar seus pés, comprei um par de sapatos de couro, seus primeiros sapatos de verdade.

No que diz respeito à sua linguagem, o “gugel-gugel” desempenha agora um grande papel. Então ela faz uma boquinha pontiaguda e sopra como se quisesse assobiar. Quando quer ser carinhosa, diz os “ai-daí-daí” e põe seus braços em volta do meu pescoço. Não estão certo que ela te chame “Ba-ba”, mas não sabemos dizer “p”. Sobretudo, isto demanda tempo. A Lyginha quisera, por exemplo, que ela dissesse “Titia”; ela deve também conhecer o teu retrato. Mas é ainda muito cedo; e, além disso, te direi que sou contra

tais métodos de adestramento, com os quais, por exemplo, faz-se sofrer o cachorro “Stroblim” – lembra-te?

Quanto a cor de seus cabelos, eu mesmo não sei direito qual virá a ser. Recebestes a ultima mecha, mas, quando todos os cabelos estão juntos, mais parecem castanhos, mas mais claros que os meus! De resto, tem no meio da cabeça um grande cacho e sobre as orelhas também cachinhos. Como durante muito tempo não conseguia manter-se sentada, os cabelos da nuca não cresceram e ela tem uma nuca rala; às vezes a chamo também de “Affenpapo”. Mas agora os cabelos começam também a nascer aí.

Tu perguntas como vivemos. O melhor é que eu te descreva um dia na prisão. De manhã, às 5 ou 6 horas, a Anita se acorda e começa a brincar. Até as 6 horas não me ocupo dela, pois não quereria mais ficar em sua cama. Às 6 horas, dou-lhe de mamar. Depois disso tenho muito que fazer, pois às 7 horas devo estar pronta e ter lavado o chão de minha cela. Às sete e meia tomo o café e, nesse momento, a Anita dorme durante uma meia hora ou uma hora. Aproveito esse repouso para ler os jornais, a menos que tenha roupa para lavar ou outra coisa para fazer. Às 9 e meia a pequenina já tomou banho e come uma segunda vez. Às dez e meia vamos ao pátio. Se faz bom tempo, a Anita fica lá fora até as 11 e meia e dorme, enquanto eu devo voltar para a minha cela ao cabo de 45 minutos. Então almoço e, até a hora de receber de volta a pequenina, leio ou faço um trabalho manual. Às 2 horas, a Anita almoça e brinca. Às vezes, ela ainda dorme uma meia hora.

Às 5 e meia, recebo minha refeição da tarde e, entretimentos, dou ainda de mamar à pequenina. Fico me distraíndo com ela até às 7 horas e a ponho na cama para dormir. Como já é noite a essa hora e não disponho de iluminação, não me resta outra coisa a fazer do que “fazer bons sonhos” e adormecer. Às 10 horas dou ainda de mamar à pequenina (sempre no escuro) e as duas adormecemos até o dia seguinte pela manhã. Posso assegurar-te que a pequenina me ocupa de tal maneira que tirando os jornais não consigo ler mais nada. Além disso, enviaram-me uma lã tão bonita, que emprego muito tempo tricotando. É uma ocupação muito repousante: fica-se sentada, tricota-se e pensa-se em todo o tipo de coisas ou em nada, e faço lindas coisas para a pequenina. Já lhe fiz um *pullover* e um longo vestido combinando com ele.

Tu me perguntas se já pensei no que seria a nossa vida a três. Imaginas bem, meu querido, que esse é o tema principal de meus “lindos sonhos” noturnos. Nós teríamos sido muito felizes, mas isso não devia ser. Tu pensas que a Mamãe me teria cuidado e que, em retribuição eu também me teria ocupado dela, pois ela teria realmente merecido um pouco de repouso e de felicidade.

É uma grande tranquilidade para mim saber que a tua situação relativamente melhorou. Para mim será o contrário, se me tirarem a pequenina, pois algumas considerações, de que me benefico, na medida em que amamento minha filha, não terão mais razão de ser.

Mas não te preocupes com minha saúde; tirando uns pequenos achaques, não vou mal. No que se refere às tuas leituras sobre Napoleão, recordo-me das cartas à sua mulher, que lemos juntos. Quando li as cartas de Goethe à Mme. Von Stein, pensei muito naquele tempo. Quanta gentileza de sua parte enviar-me a tradução de “Heidröschens”! está bem feita e, ainda que a língua portuguesa seja mais sonora de que a nossa, esses poemas de Goethe, que são também

canções, ao menos para mim, soam melhor em alemão. Mas foi uma boa ideia para enriquecer meu vocabulário em português e, após tanto tempo, foi a primeira vez que vi tua letra. De resto ficarias admirado com os meus progressos em português que fiz na prisão no Brasil. No final, eu falava quase correntemente. Para teus estudos de alemão, estou te mandando uma canção infantil que, segundo penso é tão antiga quanto a época a partir da qual as mães cantam para seus filhos, e que a pequenina também ouve com prazer. Tu me dirás se a compreendeste!

A Lygia escreva que tomas mate. Na “Casa de Detenção”, eu também era uma grande tomadora de mate. O Agildo Barata fez o possível para isso e me mandou utensílios necessários. Lamentavelmente, Carmen Guioldi ficou com tudo isso, quando fui transferida para o hospital. Quisera saber de ti se tens te barbeado ou estás usando barba. Quanto aos meus cabelos, estão tão compridos, que os uso amarrados. Mas devo terminar. Abracei a Anita por ti, mas penso que gostaríamos muito mais de receber os beijos pessoalmente, pois o papel é bem seco.

A pequenina te diz “ai-dai-dai” no ouvido e eu te abraço de todo o coração. Tua

Olga.

P.S. – A cabo de descobrir que os dentes começam a aparecer no maxilar superior da Anita. Já se vêem duas pontinhas!²⁴

Aqui, temos uma das poucas alusões de Olga sobre a vida na prisão. É curioso pensar em como ela escreve suas cartas. De forma geral, não se nota que sua escrita esteja inserida em um contexto de guerra, ela parece estar alheia ao fato de ser uma judia, comunista, presa pelos nazistas. Um leitor, sem estas informações, que tivesse acesso à carta em questão, poderia entender que Olga era uma mulher livre que estava passando um tempo em uma colônia de férias. Sua escrita, tão desgarrada da realidade, chega a incomodar, pois sabemos que a realidade era completamente diferente. Mesmo ciente de que permaneceria na prisão apenas durante o tempo de amamentação da filha e, depois, seria levada aos campos de concentração, sua postura nas cartas é de indiferença a isso.

Primo Levi (1988), em *É isto um homem?*, relata sua experiência no campo de concentração de Auschwitz, desde o dia em que foi preso pelos alemães até o fim da Guerra e sua libertação. Aqui, Levi, narra:

Tudo era silêncio, como num aquário e como em certas cenas de sonhos. Teríamos esperado algo mais apocalíptico, mas eles pareciam simples guardas. Isso deixava-nos desconcertados, desarmados. Alguém ousou perguntar pela bagagem; responderam: “Bagagem

²⁴ BENARIO. [Carta] 24 set. 1937, Berlim [para] Prestes.

depois”; outros não queriam separar-se da mulher; responderam: “Depois de novo juntos”; muitas mães não queriam separar-se dos filhos; responderam: “Está bem, ficar junto com o filho”. Sempre com a pacata segurança de quem apenas cumpre com sua tarefa diária (LEVI, 1988, p.21).

Ora, estaria Olga tão acostumada a realidades mais violentas de confronto armado que chegou a pensar que esta “pacata segurança de quem apenas cumpre com sua tarefa” (LEVI, 1988, p.21) fosse a real situação? Ou suas regalias na prisão, em função da campanha internacional de libertação dela e da filha, promovida pela sogra, não lhe permitiam entender o que acontecia de fato? Teria ela optado por não acreditar na realidade e lidar com a situação da forma mais natural possível, como se fosse algo passageiro? Não se pode saber ao certo, o fato é que a tendência da situação era, a cada dia, piorar, no sentido da violência e do desrespeito à vida do outro que, por sua vez, era sempre aquele rotulado como diferente de um padrão pré-estipulado por um único discurso, aquele que tinha em Hitler seu catalisador; discurso, além disso, aceito por um grupo que detinha as forças armada e psíquica.

Passemos a análise mais pontual dessa carta de Olga. No primeiro parágrafo, deparamo-nos com a realidade da censura, no seguinte trecho: “Há alguns dias recebi tua carta de 18 de agosto e estou muito triste porque tua carta de 31 de julho não me chegou às mãos. Quem sabe se ainda a receberei” (BENARIO. [Carta] 24 set. 1937). Olga faz menção a uma carta de Prestes que não recebeu e a outras 4 que lhe enviou, mas não sabe se ele as recebeu. De fato, as cartas mencionadas não foram publicadas na coletânea organizada por Lígia e Anita Leocádia, o que nos leva a entender que estas cartas também se perderam pelo caminho. A correspondência do casal estava sujeita a duas grandes censuras, a brasileira e a nazista, sendo assim, torna-se complicado imaginar quem censurou as cartas que nunca chegaram ao destino final. Como já mencionado, a correspondência de Prestes sofria um censura anônima e a de Olga sofria a evidente censura nazista.

Nesse mesmo parágrafo, Olga ressalta o valor da escrita da carta: “Um pedaço de papel pode trazer tanta felicidade! Tuas queridas palavras me aquecem o coração”. (BENARIO [Carta] 24 set. 1937). Para aqueles que vivem a realidade da privação da presença física do outro, por quem tem afeto, qualquer possibilidade de manifestação afetiva desenvolve um valor muito maior do que pode parecer. Um simples pedaço de papel vem carregado de significados tão importantes que proporciona felicidade e aquece o coração, mesmo o coração de uma mulher que está a milhares de quilômetros

do marido, vivendo sob o intenso frio da Alemanha, que aqui interpretamos não apenas como circunstância climática, mas também a frieza nas relações interpessoais, em razão da filosofia nazista de purificação da “raça” alemã.

A carta segue com apontamentos sobre a filha do casal, o fato de ainda permanecer com a mãe, sua saúde e seu desenvolvimento. Sigmund Freud (1996) diria, em “sexualidade feminina”, que “encontramos a criança ternamente ligada ao genitor do sexo oposto, ao passo que seu relacionamento com o do seu próprio sexo é predominantemente hostil” (FREUD, 1996, p. 239). No caso de Anita, é interessante observar que essa relação se estabeleceu de forma diferente. Nosso objetivo não é desenvolver uma discussão que perpassasse a psicologia, mas, sim, refletir sobre o desenvolvimento de uma criança que, até os dois anos de idade, só conviveu com a mãe, dentro de um cárcere nazista, portanto, tinha apenas a ela como ideia de outro. É possível que isso justifique a insistente referência de Olga em relação à filha, além do mais, Anita representava a união de um casal que não podia mais estar junto.

A carta também descreve a rotina de Olga e sua filha na prisão. A forma como o dia delas é sistematizado nos leva a refletir sobre a desumanização das pessoas. Primo Levi escreve:

Estamos convencidos de que nenhuma experiência humana é vazia de conteúdo, de que todas merecem ser analisadas; de que se podem extrair valores fundamentais (ainda que nem sempre positivos) desse mundo particular que estamos descrevendo. Desejaríamos chamar a atenção sobre o fato de que o campo foi também (e marcadamente) uma notável experiência biológica e social. Fechem-se entre cercas de arame farpado milhares de indivíduos, diferentes quanto à idade, condição, origem, língua, cultura e hábitos, e ali submetam-nos a uma rotina constante, controlada, idêntica para todos e aquém de todas as necessidades; nenhum pesquisador poderia estabelecer um sistema mais rígido para verificar o que é congênito e o que é adquirido no comportamento, do animal-homem frente à luta pela vida (LEVI, 1988, p.127-128).

A sistematização dos dias, mesclada à privação das atitudes de vontade própria, processo natural de qualquer realidade de cárcere, minimiza o ser humano à condição de objeto controlado por outro ser humano considerado superior. Quando Primo Levi nos propõe refletir sobre o processo de submissão de um indivíduo “a uma rotina constante, controlada, idêntica para todos e aquém de todas as necessidades” (1988, p.127), realidade que testa, física e psiquicamente, a resistência de quem a ela está submetido.

A rotina sistematizada de Olga é descrita de forma muito tranquila. Entre cinco e seis da manhã, sua única preocupação é a filha e o cuidado para que não se levante da cama tão cedo. Até as sete, já deve estar pronta e ter lavado o chão de sua cela. Às sete e meia toma o café da manhã, enquanto Anita dorme; depois disso, repousa, lê jornais ou lava a roupa. Às nove e meia, Anita já tomou banho e come novamente; às dez e meia, têm um momento no pátio, e até às onze e meia, Anita dorme e Olga volta à cela, depois almoça, lê ou faz algum trabalho manual. Às duas horas, Anita almoça e ainda dorme mais um pouco. Até aqui, vemos uma rotina tranquila, comum a muitas mães, que se ocupam de seus filhos e, enquanto eles dormem, cuidam da casa e aproveitam o tempo para descansar, ler ou fazer seus trabalhos. Seguindo com a rotina, às cinco e meia, Olga faz a refeição da tarde e amamenta a filha, distrai-se com ela até às sete horas, quando a põe para dormir e, como nesse horário já lhe falta iluminação, ela também dorme, e se refere a isto da seguinte forma: “Como já é noite a essa hora e não disponho de iluminação, não me resta outra coisa a fazer do que ‘fazer bons sonhos’ e adormecer” (BENARIO. [Carta] 24 set. 1937). Às dez horas, amamenta Anita mais uma vez e dormem até o dia seguinte. Seria mesmo possível fazer bons sonhos estando ciente de sua situação de cárcere? Desconhecendo o destino que a filha terá? Mesmo estando na prisão, sua maior ocupação era a filha? Olga parece tratar sua rotina com muita tranquilidade e distanciamento da realidade.

No caso aqui analisado, estamos cientes de que uma criança também era submetida a isso. Anita deu seus primeiros passos e pronunciou os primeiros sons nesse espaço de privação: nasceu submetida à dura realidade de desumanização. Não contou com o direito à liberdade em seus primeiros anos de vida e o espaço que conhecia era o que existia entre os muros da prisão.

Pensar sobre as crianças nos campos de concentração não é tarefa simples. Aceitar que crianças, privadas de sua liberdade, com a inocência ignorada, foram mortas simplesmente por não serem filhos e filhas de alemães de “raça pura”, o que fazia delas tão impuras quanto os pais, dificulta ainda mais as reflexões. Primo Levi, ao narrar o caso de uma menina de 3 anos, Emília, que conheceu no vagão do trem que os levava para Auschwitz, ressaltava o fato de que “aos alemães configurava-se evidente a necessidade histórica de mandar à morte as crianças judias” (1988, p.22). A menina, de Milão, era filha do engenheiro judeu, Aldo Levi, “uma criança curiosa, ambiciosa, alegre e inteligente” (1988, p.22); durante a longa viagem à Auschwitz, em meio ao vagão lotado, seus pais tinham conseguido dar-lhe apenas um banho, “em água morna

que o degenerado maquinista alemão consentira em tirar da locomotiva que nos arrastava para a morte” (1988, p.22). Emília foi morta na câmara de gás simplesmente por descer do vagão pelo lado errado. Segundo Primo Levi, chegando ao destino final, as portas dos dois lados dos vagões eram abertas, sem qualquer tipo de orientação, aqueles que desciam por determinado lado eram levados aos campos para trabalhar, os outros, como Emília, eram levados diretamente à câmara de gás.

Anita foi uma das crianças, filhas de judeus, que teve a sorte de escapar viva. No seu caso, isso aconteceu graças à campanha de mobilização internacional, promovida por Leocádia, mãe de Prestes, para tentar garantir o direito da nora de ter a filha no Brasil, visto que o pai era brasileiro. Tendo esse direito negado, a reivindicação passou a ser a de que Olga permanecesse com a filha durante o tempo de amamentação e, depois, a criança fosse entregue à avó: algo que, por sorte, conseguiram.

Outras crianças tiveram que ser entregues, não nas mesmas circunstâncias. No livro em quadrinhos *Maus*, Art Spiegelman (2009) dá vida a animais que narram a história real de sua família, desde o início da perseguição nazista aos judeus até a libertação dos campos de concentração. Durante essa longa trajetória, o personagem Vladek, pai de Art, conta que filhos de judeus foram entregues a famílias não judias para tentar garantir a vida de seus filhos, uma vez que pressupunham, diante da realidade de perseguição que viviam, que seriam presos a qualquer momento. O próprio Richieu, filho mais velho de Vladek, foi levado por um judeu influente para Zawiercie; no entanto, anos mais tarde, a *Gestapo* acabou invadindo o gueto e quando a nova mãe de Richieu percebeu que seriam levados para o campo de concentração, matou as crianças que estavam com ela e depois se matou.

Tendo feito tais ponderações, retomemos a carta. Acreditamos que um dos motivos que levavam Olga a tratar tudo com muita tranquilidade foi a esperança de um futuro e provável reencontro com Prestes e a possibilidade de, junto dele e da filha, formar uma família. Esses, talvez, seriam o tema de seus sonhos, como comenta no trecho: “Tu me perguntas se já pensei no que seria a nossa vida a três. Imaginas bem, meu querido, que esse é o tema principal de meus ‘lindos sonhos’ noturnos” (BENARIO. [Carta] 24 set. 1937). Eram tais sonhos que lhe davam ainda esperança. Sobre esperança, Maurice Blanchot comenta:

A esperança é esperança verdadeira pelo fato de pretender dar-nos, no futuro de uma promessa, aquilo que é. Aquilo que é, é a presença. Mas

a esperança é tão somente esperança. Existe esperança se ela se relaciona longe de toda a apreensão presente, de toda a possessão imediata com aquilo que está sempre por vir, e que talvez não virá jamais; e a esperança proclama a vinda esperada daquilo que não existe ainda senão como esperança (BLANCHOT, 2010, p.84).

Era, ao que parece, o sentimento daquilo que está por vir que movia o coração dessa mulher que, abruptamente, se viu sozinha, apenas com a filha que lhe seria retirada muito em breve, em uma realidade de cárcere. Sonhar esperançosamente com o futuro, esperar aquilo que não virá, era a situação de Olga ao escrever, não somente esta primeira carta que estamos analisando, como todas as suas outras correspondências que, a cada dia, mostram-se mais carregadas da certeza de que seus sonhos não passam de esperança.

É interessante refletirmos, ainda, sobre a forma como Olga escreve, valorizando o fato de que Prestes apresenta progressos em sua situação no cárcere, e consciente de que a situação dela própria, ao contrário, tendia a piorar. Como lemos no seguinte trecho:

É uma grande tranquilidade para mim saber que a tua situação relativamente melhorou. Para mim será o contrário, se me tirarem a pequenina, pois algumas considerações, de que me benefico, na medida em que amamento minha filha, não terão mais razão de ser (BENARIO. [Carta] 24 set. 1937).

Olga sabia que, muito em breve, seria separada da filha, no entanto não conhecia o destino que as duas tomariam quando isso acontecesse. Ainda assim, a forma como escreve parece ser despreocupada. Em sequência, ela tranquiliza Prestes sobre sua saúde e passa a falar sobre algumas leituras. Faz referência às cartas que Napoleão escreveu a sua mulher e às cartas que Goethe enviou à sua amante, Madame Charlotte Von Stein, uma de suas grandes paixões; existe, parece-nos, certa ligação nesse relacionamento de Goethe e na história de Olga e Prestes: percebemos que ambos os amores estavam fadados ao fracasso. Charlotte Von Stein era uma mulher casada, mãe de sete filhos e sete anos mais velha que o escritor; eles trocaram cerca de mil e quinhentas cartas durante os doze anos em que se relacionaram, mantendo um contato nesse amor proibido,²⁵ pois Goethe não poderia assumir um caso com uma mulher casada em pleno século dezoito. No caso de Olga e Prestes, o amor era proibido pela distância, mas

²⁵ Informações retiradas do site <http://www.spectrumgothic.com.br/literatura/autores/goethe.htm>

também resistiu a este obstáculo e aconteceu devido aos quatro anos de correspondência. Por esta ligação, presumimos que ela tenha se remetido ao tempo em que esteve com Prestes lendo as cartas de Napoleão.

O estudo das epístolas de Olga Benario, no contexto de guerra no qual estão inseridas, faz-nos pensar sobre a importância do que Rosani Ketzer Umbach (2012) chama de “A escrita como imortalização da memória” (UMBACH, 2012, p.217). A autora assinala que, no antigo Egito, a escrita era considerada “o meio mais seguro de conservação da memória” (2012, p.217), por meio dos estudos que faziam das escrituras do papiro, perceberam que, mesmo que suas grandes construções fossem arruinadas pelo tempo, o papiro resistiria e continuaria sendo estudado, de modo que ele imortalizaria a memória. Entretanto, posteriormente, passaram a considerar a escrita suporte da memória, uma espécie de veículo, que acabou se tornando, também, destruidora da memória, uma vez que, “fixada pela escrita, não necessitava mais ser ativada, operacionalizada” (2012, p.217).

O fato é que, quando transformamos a memória em algo escrito, como a carta, que estabelece o princípio da troca, passamos a lidar com a memória como transmissão de experiências; e tal transmissão implica uma série de fatores que nos levam a refletir sobre a real veracidade das memórias narradas, como nos apresenta Umbach:

No processo da escrita de memórias relacionadas a experiências de repressão, especialmente em casos de testemunhos, é indispensável pensar a fronteira a partir da qual a narrativa se torna ficção. [...] Memórias da repressão como os termos sugerem, estão intrinsecamente associadas a experiências individuais de violência. E estão ligadas também à memória coletiva, localizando-se na transição entre literatura, cultura e história (UMBACH, 2012, p.218).

Estando a memória de repressão ligada à memória coletiva, ressaltamos que as cartas de Olga Benario não podem ser analisadas fora de seu contexto. Sendo assim, esbarramos novamente em questionamentos como: Olga, de fato, escreveu tudo o que estava vivendo? Até que ponto o contexto de guerra, a censura e as privações interferiram em sua escrita? Por mais que as respostas possam parecer óbvias, a realidade nos leva a inúmeras reflexões. É possível que Olga tenha escrito muito pouco do que realmente vivia, para evitar que suas cartas fossem censuradas, ou para que Prestes não se preocupasse com sua situação, ou ainda, para que ela própria não tivesse

consciência de sua situação, na tentativa de recriar a realidade para que fosse mais fácil lidar com ela mesma.

Nesse sentido, Umbach ensina que, no intervalo de tempo entre a lembrança e a escrita, existe um processo de transformação, “sendo inerente à psicomotricidade do rememorar que lembrança e esquecimento sempre ficam inseparavelmente engrenados” (2012, p.220). Assim, não se consegue fazer a ligação entre experiências vivenciadas e a sua narração, o que nos leva a perceber que os conteúdos da memória são transformados. Pensando o caso de Olga, as cartas eram, possivelmente, escritas à noite, depois de cumprir com todas as obrigações rotineiras da prisão; dessa forma, ao resgatar o que passou, não somente naquele dia, mas nos últimos dias, desde suas condições de saúde, o desenvolvimento da filha, até as obrigações do dia a dia, alguns acontecimentos foram de fato esquecidos. Lembrando, mais uma vez, que devemos ligar a escrita de Olga à memória de repressão, o que intensifica o fato de que alguns acontecimentos sejam esquecidos, quase como um mecanismo de defesa que a livraria de sofrer com determinadas lembranças.

Passaremos à análise da segunda carta, que trabalhará as leituras de Olga Benário. A relevância de abordar este assunto é o fato de que sua preparação militar sempre esteve diretamente ligada aos livros, jornais e revistas que lia. Como já dito, o fato de ter nascido em uma família rica possibilitou que ela se destacasse por sua formação acadêmica, e vemos claramente em suas cartas o quanto os estudos eram valorizados, tanto por ela, quanto por Prestes.



Figura 13: Campo de concentração de Prettin.

A próxima carta foi escrita no campo de concentração de Prettin; é uma epístola muito interessante, pois faz menção a dois poemas brasileiros que dizem muito sobre a vida do casal e, mostra ainda, o quanto a leitura era preciosa para Olga. Aqui também optamos por transcerver a carta na íntegra, considerando o grande valor das informações que apresenta. Vejamos:

Prettin 14/05/1938.

Meu bom e querido Carlos.

Tenho diante de mim tuas duas cartas de 28 de fevereiro e 14 de março. Quanta felicidade e quanta força pode irradiar um simples pedaço de papel só o pode compreender aquele que está preso e longe dos seres que lhe são mais caros. Como são maravilhosos também os dois poemas brasileiros que me enviaste! Compreendo perfeitamente que os escolheste expressamente para mim, assim como o que queres dizer por esse meio. Como é maravilhoso pensar que, no fundo, os melhores e os mais sagrados sentimentos são comuns a todos os povos da terra e que apenas os expressam através de suas culturas e temperamentos diferentes. De resto, traduzi esses dois poemas para o alemão. O da “velha árvore” coincide com muitos pensamentos que tive nestes últimos meses. As circunstâncias do tão difícil último ano são de tal ordem, que sobrou pouca coisa da tua travessa pequena. É por isso que acredito ter atingido um grau de maturidade interior que permite te dizer: “wollen wir lachend alt werden, so wie die starken Bäume altern”.²⁶

Quanto ao teu comentário sobre o romance de Alencar, sobre Peri e o julgamento de Humboldt a respeito do homem brasileiro, como não considerar errônea a opinião de que, num meio grandioso e poderoso, pudessem existir seres débeis? Eles estariam condenados ao fracasso na simples luta pela vida. O quanto julgas corretamente semelhante concepção pude perceber durante os meses que passei presa no Brasil. Tive a oportunidade de aprender a conhecer o homem brasileiro de diferentes classes, seus aspectos positivos e suas debilidades. Jamais esquecerei a comemoração da libertação da escravidão, festejada pelos operários, soldados e marinheiros presos. Tais lembranças fazem-me concordar mais com o teu otimismo na avaliação do homem brasileiro.

Tu me pedes para fazer um trabalho manual para ti. Querido, já fiz varias coisas lindas para ti, mas não sei como fazer para que cheguem às tuas mãos.

Tuas observações sobre as tuas leituras me provocam a maior satisfação. Lamentavelmente, não te posso dizer outro tanto, pois o pacote de livros de Mamãe ainda não chegou às minhas mãos.

Aqui a primavera afinal chegou definitivamente; as folhinhas verdes das árvores olham com nostalgia por cima dos muros do pátio. Tu sabes como a primavera europeia é bela. Com mais força do que nunca, a gente sente, então, o desejo de um pouco de sol, de beleza, de felicidade. Ah, Karli, que possa chegar ainda o dia em que estejamos

²⁶ “Envelheçamos rindo, assim como as árvores fortes envelhecem”.

junto com nossa pequena Anita Leocadia e possamos os três ser felizes! Perdoa-me estes pensamentos, sei perfeitamente que devo ter muita paciência.

Soube recentemente pelos jornais dos últimos acontecimentos do Brasil. Minha inquietação e minha preocupação por ti são enormes. Espero receber logo notícias que me tranquilizarão a respeito da tua sorte.

Quanto a mim, posso dizer-te que a minha saúde é boa. Desde que recebi uma longa carta de Lygia com detalhes maravilhosos sobre a nossa querida pequerrucha, estou ao menos tranquila a seu respeito. Durmo muito bem e lamento somente que não se possa passar desta maneira agradável todo o tempo da prisão: passá-lo dormindo. E tu? Cuida da tua saúde. Tu és necessário a nós todos!

É preciso que eu termine. Como quisera segurar tuas mãos com as minhas. Abraço-te de todo o coração. Tua

Olga.²⁷

Assim como na epístola anterior, Olga destaca a importância da correspondência em uma realidade de privações. Assim como já foi salientado, ao missivista é muito caro saber que aquele com quem se corresponde dedica parte de seu tempo a expressar seus sentimentos, contar seu cotidiano, dar-lhe qualquer notícia que demonstre seu cuidado e preocupação com o outro. Podemos tomar esta carta como um estereótipo de epístola romântica, trocada entre os casais mais apaixonados, cheia de afeto. Sendo assim, é interessante refletir sobre o que nos diz o narrador do conto *Carta de amor*, de Alcides Vilaça:

As palavras desenhavam-se para mim, tanto quanto a letra era inteiramente dela, espelho fidedigno onde com método ela se arrumava e se enxergava a cada vez que escrevia. Seus dedos, que adquiriram instrução própria, queriam mais saber e dizer, e faziam propondo linhas e sinuosidades incontáveis, num desenho que corria com aquela força e aquela autonomia que falam e assinam por si (VILAÇA, 2008, p.227).

A sensação do remetente de que as palavras são desenhadas a ele é a sensação da certeza da entrega do outro. A letra de quem escreve é sua marca e representa um pedacinho do ser amado registrado no papel que, indiscutivelmente, é seu, pois lhe foi destinado. Também Peter Gay descreve que “as cartas substituíam a presença física desejada” (GAY, 1999, p.347); esse sentimento, capaz de comover a qualquer um que se disponha a trocar cartas de amor, parece ser mais forte no caso daqueles que, como Olga e Prestes, não têm alternativas e não se encontrarão nunca mais.

²⁷ BENARIO. [Carta] 14 mai. 1938, Prettin [para] Prestes.

Nesta carta, Olga fala sobre dois poemas que recebeu de Prestes, “As velhas árvores”, de Olavo Bilac, e “Ser mãe”, soneto de Coelho Neto. Expomo-los a seguir; primeiro, de Olavo Bilac:

Velhas Árvores

Olha estas velhas árvores, – mais belas,
Do que as árvores moças, mais amigas,
Tanto mais belas quanto mais antigas.
Vencedoras da idade e das procelas...
O homem, a fera e o inseto, à sombra delas
Vivem, livres da fome e de fadigas;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E alegria das aves tagarelas.
Não choremos jamais a mocidade,
Envelheçamos rindo, envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem.
Na glória de alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!²⁸

E de Coelho Neto:

Ser mãe

Ser mãe é desdobrar fibra por fibra
o coração; Ser mãe é ter no alheio
lábio que suga o pedestal do seio,
A vida onde o amor, cantando, vibra.

Ser mãe é ser um anjo que se libra
sobre um berço dormindo; É ser anseio,
é ser temeridade, é ser receio,
é ser força que os males equilibra.

Todo o bem que a mãe goza é bem do filho,
espelho em que se mira afortunada,
Luz que lhe põe nos olhos novo brilho.

Ser mãe é andar chorando num sorriso,
Ser mãe é ter um mundo e não ter nada,
Ser mãe é padecer num paraíso.²⁹

Os dois poemas estão carregados de um significado especial para o casal que se correspondia. O primeiro, de Olavo Bilac, trabalha com a temática do tempo, que parece

²⁸ BILAC. Velhas árvores. In: Prestes, Luiz Carlos. [Carta] 14 mar. 1938, Rio de Janeiro [para] Benario.

²⁹ NETO. Ser mãe. In: Prestes, Luiz Carlos. [Carta] 14 mar. 1938, Rio de Janeiro [para] Benario.

ser uma das principais reflexões de quem vive encarcerado, vendo que os dias, os meses, os anos passam e, com eles, se vão também seus sonhos e desejos. Comparando Olga e Prestes às “Velhas árvores”, percebemos uma conformidade deles com o tempo que se vai, tempo que, para o casal, parece perdido; no entanto, esse tempo lhes é caro pela experiência. São vencedores das procelas, resistiram, até então, a todas as tempestades que têm passado e, assim como as árvores, permanecem firmes; como as árvores que abrigam a alegria e o canto dos pássaros, eles abrigam, no coração, a memória de um tempo em que foram livres e felizes, em que resistiram e lutaram a ponto de se tornarem exemplo aos que compartilhavam da mesma ideia. Sendo assim, podem envelhecer na alegria, tendo a sensação do dever cumprido, cientes de que fizeram o que lhes foi possível, não apenas em causas políticas, mas também pessoais.

O segundo poema, de Coelho Neto, reflete sobre a condição de ser mãe, o fato de ter nos braços algo que faz parte de você, desdobrar-se dia a dia por alguém cuja vida depende de você, alimentá-lo do leite que produz, demonstrar, na alegria do seu canto, o quanto aquele alguém lhe é caro. Transformar-se em anjo e saber equilibrar suas próprias inseguranças, temores e receios para garantir proteção e tranquilidade ao filho. Ver nele a expressão de toda a sua felicidade, o motivo do seu brilho no olhar. É sofrer, chorar e padecer, mas tudo isso no amor que sente por aquele a quem deu à luz.

Parece-nos necessário lembrar que, quando Olga recebeu este poema, Anita Leocadia já havia sido entregue à avó paterna. O que seria, afinal, ser mãe para uma mulher que teve a filha retirada de seus braços e passara a conviver somente com a figura que sobrevive em sua memória, com as poucas fotos que recebe e com as notícias que lhe chegam por meio das cartas? Não podemos responder a essa pergunta, mas vale refletir sobre a condição de ser mãe sem ter efetivamente a presença do filho. Embora saibamos que esse poema é idealizado e ingênuo na visão da mãe, expressa bem a dor e a tragédia de Olga, pois, como diz o poeta – ao qual nos reportamos de forma irônica –, “ser mãe é padecer no paraíso”: Olga padecia, na verdade, em um espaço que mais se aproximava do inferno.

Curiosamente, Olga deixa de comentar o soneto de Coelho Neto, faz menção apenas ao poema de Olavo Bilac. Propomo-nos imaginar que ler “Ser mãe” não tenha lhe transmitido sentimentos tão positivos a ponto de conseguir discuti-los em uma carta. Se o soneto diz: “Todo o bem que a mãe goza é bem do filho,/espelho em que se mira afortunada”, Olga já não tinha mais o espelho para se olhar ou como gozar do bem da filha; assim, nada, além das cartas, lhe garantia o bem de Anita. Presumimos que o fato

de não poder mais vê-la, tocá-la, protegê-la, tenha sido a maior tortura à qual foi submetida. Roland Barthes, em *Fragmentos de um discurso amoroso*, nos diz sobre a lembrança – em apontamento que, parece-nos, pode ser aproximado da experiência de Olga: “Reminiscência feliz e/ou dolorosa de um objeto, de um gesto, de uma cena, ligados ao ser amado, e marcada pela inclusão do imperfeito na gramática do discurso amoroso” (BARTHES, 1981, p.140). Entendemos que Olga tenha vivido a reminiscência dolorosa de sua filha a partir da leitura do soneto de Coelho Neto.

Quanto ao poema “Velhas árvores”, ela destaca, justamente, a maturidade que adquiriu no último ano, em que foi presa no Brasil, separada do marido, entregue aos alemães nazistas e, por fim, separada da filha: mesmo nesse contexto, percebe que o melhor a se fazer é envelhecer sorrindo como as árvores fortes, ou seja, acima de tudo resistir e seguir sem lamentações. Olga ainda assinala o fato de os mais maravilhosos sentimentos serem comuns a todos os povos, apenas expressos de forma diferente. É essa uma ponderação interessante de ser feita por uma mulher que está vivendo, no campo de concentração, a realidade dos piores sentimentos, que também são comuns a todos os povos: o sentimento de ódio e desprezo, que levou à morte tantas pessoas. Mais uma vez, deparamo-nos com sua postura otimista perante a realidade.

Tendo feito tais reflexões, Olga passa a falar sobre algumas leituras; ela dialoga com Prestes, em resposta aos apontamentos feitos por ele. A discussão gira em torno de Peri e Humboldt. Para que possamos compreender melhor, é necessário conhecer um pouco mais sobre as figuras mencionadas. Para Fabrizia de Souza Carrijo, em *A busca da adequação entre formas literárias e momento histórico: um estudo comparativo entre O guarani de José de Alencar e o escravo de José Evaristo de Almeida*, o personagem Peri, índio protagonista de *O Guarani*, de José de Alencar, obra clássica do romantismo brasileiro, apresenta características inerentes ao herói épico; contudo, “enquanto personificação de herói, encarna sobretudo os elementos do universo romântico, pois Peri apresenta superioridade moral, e não de classe” (CARRIJO, 2008, p.23). Mesmo sendo caracterizado como um selvagem, pode ocupar o lugar de herói, tendo em vista o fato de ser um homem puro, que age de acordo com seus impulsos, sendo inserido na teoria do bom selvagem, que propõe “a supremacia da natureza e de homens puros e destituídos de hábitos e de qualquer gênero de vida moldado pela sociedade” (CARRIJO, 2008, p.25). Já Alexander Humboldt, segundo informações do livro *O Cosmos de Humboldt: Alexander von Humboldt e a viagem à América Latina que mudou a forma como vemos o mundo* (2005), de Gerald Helferich, foi um homem

conhecido mundialmente pela viagem que fez entre os anos de 1799 e 1804: conduzindo a “primeira expedição científica profunda pela Bacia Amazônica e pelos Andes, ele abriu um continente inteiro ao estudo científico e geográfico” (HELFERICH, 2005, p.357). Além do mais, Humboldt defendia a colaboração científica internacional e, sendo humanista e liberal, foi um dos pioneiros “no estudo das culturas americanas indígenas, incluindo a incaica e a asteca, e empenhou-se ao máximo para colocar a ciência ao alcance do leigo” (HELFERICH, 2005, p.357-358).

A discussão entre Olga e Prestes aparenta ter um tom ideológico com relação à forma como viam o homem brasileiro. Ele, sendo brasileiro, interpreta as exposições de Humboldt e o personagem Peri de uma forma; ela, como estrangeira que teve um maior contato com os brasileiros durante o tempo que esteve presa, parece entender de outra, mas, em comum acordo, veem com otimismo a figura do brasileiro. Percebemos que o curto período em que Olga esteve na prisão do Rio de Janeiro fez com que ela valorizasse a postura daquele povo, baseada naqueles que eram, de forma geral, marginalizados pela sociedade, mas que viviam ali a mesma situação que ela e, muitos deles, na mesma condição de presos políticos. Essa discussão nos faz pensar sobre o quanto a leitura, que levava a reflexões como esta, cumpriu um papel fundamental na vida de Olga, colaborando para que pudesse refletir e sonhar, escapando, de certa forma, das grades que a cercavam. A literatura, na verdade, impediu que as grades físicas se tornassem também imaginárias, cercando seus próprios pensamentos e rendendo-a à agonia dos longos dias reclusão.

Enfatizando a importância da literatura no que diz respeito à realidade do cárcere, Tzveten Todorov (2012) escreve, em *Literatura em perigo*:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver (TODOROV, 2012, p.76).

As lembranças dos livros literários também foram imprescindíveis para a salvação de Primo Levi da loucura. Em *É isto um homem?*, ele descreve a forma como *A Divina Comédia*, de Dante, foi capaz de levá-lo a intensas reflexões no campo. Além dele, o próprio Luiz Carlos Prestes, segundo Reis, conseguiu aguentar os longos dias na prisão com a ajuda dos livros.

Observamos que, para Olga, discutir sobre o personagem Peri, recordar-se das cartas de Napoleão ou Goethe, era muito mais uma atividade de distração e fuga da dura realidade que tinha que encarar diariamente do que um simples passatempo. De fato, suas leituras a aproximavam de Prestes, pois esse foi um dos pontos que sempre aparece nas correspondências.

As leituras parecem ter sido uma forma de refúgio para as pessoas presas nos campos de concentração, sendo uma maneira de sair daquele espaço de censura e privações. Todorov apresenta-nos casos de pessoas que conseguiram sobreviver à prisão e, mais que isso, conseguiram retomar sua vida já em liberdade com a ajuda das leituras a que tiveram acesso. Foi o caso, por exemplo, de Charlotte Delbo, como podemos observar na citação abaixo:

No campo, outros heróis sedentos do absoluto lhe fazem visita: Electra, Don Juan, Antígona. Uma eternidade mais tarde, de volta à França, Delbo sofre para voltar à vida: a luz cegante de Auschwitz varreu toda a ilusão, proibiu toda a imaginação, declarou falsos os rostos e os livros... até o dia em que Alceste retorna e a arrebatava com sua palavra. Em face do extremo, Charlotte Delbo descobre que as personagens dos livros podem se tornar companheiras confiáveis. “As criaturas do poeta”, ela escreve, “são mais verdadeiras que as criaturas de carne e osso, porque são inesgotáveis. É por essa razão que elas são minhas amigas, minhas companheiras, aquelas graças às quais estamos ligados a outros seres humanos, na cadeia dos seres e na cadeia da história”³⁰ (TODOROV, 2012, p.75).

Em um contexto onde não se conhece o outro e o horror das torturas prevalece, as personagens literárias parecem realmente se tornar mais confiáveis; daí, sua fundamental importância.

Olga segue falando sobre seus trabalhos manuais: as peças de tricô que fazia. Prestes solicita que ela envie algo para que ele possa guardar, mesmo que apenas como recordação, pedido ao qual ela se justifica, explicando que não sabe como enviar-lhe. Parece-nos que, para Prestes, mais importante que usar a peça era ter algo feito pela amada: seria mais que um presente, significaria, assim como ter uma carta, ter por perto um pequeno pedaço daquela a quem se quer tão bem. Algo que representaria a dedicação de Olga para com ele. No entanto as circunstâncias não permitiam tal regalia.

A epístola continua com informações sobre a chegada da primavera, o que nos leva a refletir, conseqüentemente, sobre o fim do inverno. Um dos maiores inimigos

³⁰ Trecho citado: Ch. Delbo, *Spectres, mes compagnons*, Paris, Berg International, 1995, p.5.

daqueles que estão isolados no campo é o frio e contra ele não havia formas de lutar, visto que as pessoas não tinham sequer direito a roupas que lhes servissem devidamente. Em *Maus*, o personagem Vladek conta que, ao chegar ao campo de concentração de Auschwitz, os soldados nazistas pegaram todas as suas roupas e documentos, ordenaram que ele e todos os outros entrassem para o banho na sauna gelada e, por fim, que saíssem de lá correndo na neve onde seus uniformes eram jogados, sem se preocupar se serviriam ou não. Por motivos como esse, os prisioneiros sempre esperavam ansiosamente pela chegada da primavera que traria os primeiros raios de sol. Sobre isso, Levi narra:

O nosso objetivo é aguentarmos até a primavera. No momento, não pensamos em outra coisa [...]. Hoje, pela primeira vez, o sol nasceu vivo e nítido por cima do horizonte de lama. É um sol polonês, frio, branco e longínquo, esquenta apenas a pele, mas quando se libertou das últimas brumas, um sussurro correu pela nossa pálida multidão, e quando eu também senti sua tepidez através da roupa, compreendi como é que se pode adorar o sol [...]. Pela primeira vez, nos demos conta de que, para os lados da estrada, aqui também a campina é verde. Quando não há sol, onde está o verde dos campos? (LEVI, 1988, p.102-104).

Olga também faz referência à chegada da primavera e, assim como Levi, se remete ao verde que se pode ver com a chegada do sol: “Aqui a primavera afinal chegou definitivamente; as folhinhas verdes das árvores olham com nostalgia por cima dos muros do pátio” (BENARIO. [Carta] 14 maio 1938). Em meio ao cinzento campo, ver surgir o verde representa muito mais que a aparição da natureza. Sobre esta cor, o *Dicionário de símbolos* nos traz o seguinte:

É uma cor tranquilizadora, refrescante, humana. A cada primavera, depois do inverno provar ao homem de sua solidão e sua precariedade, desnudando e gelando a terra que ele habita, esta se reveste de um novo manto verde que traz de volta a esperança e ao mesmo tempo volta a ser nutriz. O verde é cálido, e a chegada da primavera manifesta-se através do derretimento dos gelos e das quedas de chuvas fertilizadoras (CHEVALIER, 2009, p.939).

Estamos diante de uma definição que consegue dar uma imagem, ao menos em parte, da sensação de Olga, e de tantos outros presos nos campos de concentração: ao ver o verde surgir com o sol da primavera, representando a esperança que aquelas pessoas poderiam ter, no derretimento do gelo, das relações, do sofrimento, dos

trabalhos pesados, do próprio frio intenso, com a ideia de fertilidade, daquilo que ainda poderia se transformar em uma nova vida. A alegria que contagiava Olga parece ser tão intensa que a faz sonhar com o dia em que estará junto do marido e da filha; no entanto, logo em seguida, parece ser tomada por um lapso de consciência que a faz lembrar que é preciso ter calma para continuar enfrentando a situação, a terrível e cinzenta realidade de que não sairia viva do campo.

Após essa triste ponderação, Olga faz um comentário sobre acontecimentos no Brasil que a deixaram preocupada com relação ao marido. Tendo em vista a data da epístola, depreende-se que ela possa se referir ao golpe do presidente Getúlio Vargas, para instalar o regime do Estado Novo, anulando a eleição presidencial, que aconteceria no dia 3 de janeiro de 1938. Dessa forma, Getúlio permaneceu como presidente até 1945, retornado ao poder em 1951, eleito por voto direto, até agosto de 1954, quando cometeu suicídio.

Cláudio Roberto da Silva, estudioso do diário de Vargas, nos apresenta a seguinte informação:

O Estado Novo foi implantado no estilo autoritário, sem grandes mobilizações, pois os maiores opositores de Vargas, o movimento popular e os comunistas, já tinham sido abatidos e não poderiam reagir; a classe dominante via no golpe algo benéfico e inevitável para o Brasil. Os integralistas, que apoiaram o golpe e esperavam retribuições, tiveram suas esperanças extintas [...]. A implantação do Estado Novo, em 1937, mudou o cenário político brasileiro [...]. Com o regime autoritário instituído, [Vargas] busca a formação de uma ampla opinião pública a seu favor, usando, para isso, a censura aos meios de comunicação e a elaboração de versão própria da fase histórica que o país vivia. Busca os mais diferentes mecanismos para se manter no poder: persegue, prende, tortura e força ao exílio intelectuais e políticos, sobretudo os de esquerda (SILVA, 2014, p.73-74).

Ora, Olga tinha sim motivos para se preocupar. Com a permanência de Vargas na presidência do Brasil, assumindo uma postura tão autoritária, as chances de Prestes sair da prisão eram nulas. Com o controle dos meios de comunicação, usando do poder para inibir os opositores, era necessário também manter Prestes, um de seus principais inimigos políticos, preso e sob as vistas da polícia dia e noite, para evitar qualquer tipo de resistência ou mobilização da esquerda. Certamente, a liberdade de Luiz Carlos Prestes implicaria em resistência à repressão de sua forma de governo.

Tendo expressado sua preocupação com o cenário político brasileiro e suas implicações na situação de Prestes, Olga comenta sobre uma carta que recebeu de Lygia, sua cunhada, com informações sobre sua filha: conta que está com boa saúde e que tem dormido muito bem, pondera ainda que seria melhor poder dormir o tempo todo na prisão. Como se pode ler no trecho: “Durmo muito bem e lamento somente que não se possa passar desta maneira agradável todo o tempo da prisão: passá-lo dormindo” (BENARIO. [Carta] 14 maio 1938).

Sobre o sono, perguntamo-nos, seria possível dormir muito bem no campo de concentração? E mais uma vez, Primo Levi nos leva a refletir ao descrever:

O meu sono é leve, leve como um véu; posso rasgá-lo quando quero. [...] o sofrimento do dia, feito de fome, pancadas, frio, cansaço, medo e promiscuidade, transforma-se, à noite, em pesadelos disformes de inaudita violência, como, na vida livre, só acontecem nas noites de febre. Despertamos a cada instante, paralisados pelo terror, num estremecimento de todos os membros, sob a impressão de uma ordem berrada por uma voz furiosa, numa língua incompreensível (LEVI, 1988, p.84-88).

Não é possível garantir que Olga tinha, ou não, boas noites de sono, no entanto vale refletir sobre as condições de se conseguir dormir. Com a exaustão do longo dia de trabalho e a fraqueza causada pela fome, dormir deveria sim ser a melhor coisa a se fazer. Fechar os olhos e estar alheio àquela triste realidade deveria ser um verdadeiro alívio a quem conseguisse. Não foi, por exemplo, o caso de Levi. O interessante, aqui, é pensar que tanto para os que conseguiam dormir, quanto para os que não conseguiam, o sono parece ter um caráter de delírio. Utilizando a metáfora de Primo Levi, o véu que pode ser rasgado a qualquer momento, e que certamente o será, leva-nos a refletir sobre imagens disformes que são vistas se olhadas através dele, imagens que podem remeter ao inatingível ou ao esperado, que podem remeter ao passado que jamais voltará, imagens quaisquer, que serão destruídas ao despertar, podendo se confrontar com a realidade de forma díspar e negativa, ou, simplesmente, como uma triste continuação do que se vive diariamente, como parece ser o caso de Levi.

Ao assinalar que lamenta não poder passar os dias na prisão de maneira agradável, dormindo, Olga nos faz pensar, inevitavelmente, na morte. Para Chevalier (2009), a morte representa “revelação e introdução. Todas as iniciações atravessam uma fase de morte, antes de abrir o acesso a uma vida nova. Nesse sentido ela tem um valor psicológico: ela liberta das forças negativas” (CHEVALIER, 2009, p.621). Seria esse,

mesmo que de forma inconsciente, seu desejo? O sono eterno? Afinal, essa poderia ser a única forma de se libertar da dura realidade em que estava inserida.

Ao finalizar a carta, como de costume, Olga pergunta pela saúde de Prestes e declara que ele é necessário a todos. Considerando sua insegurança com relação ao cenário político brasileiro, ela poderia estar preocupada com o destino de seu marido e, conseqüentemente, com o seu, imaginando que sua única chance de conseguir sair viva do campo fosse por intermédio das relações políticas de Luiz Carlos Prestes. Além disso, o fim do exílio de dona Leocádia, Lygia e Anita, no México, também dependia da situação de Prestes e sua relação com os governantes brasileiros. Dessa forma, percebemos que ele era, de fato, necessário a todos.

Olga não escreveu suas cartas para narrar o que vivia nos campos, o que aconteceu apenas de forma circunstancial. Estas missivas eram para se comunicar com a família, pois, caso a realidade dos campos fosse descrita de forma objetiva e minuciosa, as cartas seriam censuradas e sua única forma de comunicação seria interrompida. No entanto, como suas cartas têm a capacidade de nos fazer perceber e refletir sobre o que viveu, nós as podemos tomar como testemunho. Em meio a tais reflexões, voltamos a discutir a ideia de testemunho em diálogo apresentado pelo Primo Levi em *Os afogados e os sobreviventes* (2004). Para ele, as verdadeiras testemunhas da *Shoah* não são os sobreviventes, mas, sim, quem “fitou a górgona” (LEVI, 2004, p.72), e não voltou para narrar. Pensando sobre a figura da górgona, que era capaz de transformar em pedra aqueles que a olhassem, e relacionando-a a realidade dos judeus que eram colocados em câmaras de gás e só saíam de lá mortos, transformados em pedra, sem vida, chocamos-nos com a triste sensação desta realidade de horror que parece ser a concretização do mito grego.

Em *Literatura e resistência*, Alfredo Bosi (2002) nos faz o seguinte questionamento: “como a memória de fatos históricos se fez construção literária pessoal sem descartar o seu compromisso com o que vulgarmente se entende por *realidade objetiva*?” (BOSI, 2002, p. 221). Como resposta, orienta-nos que “uma palavra ajuda a avançar na solução do problema acima formulado. Essa palavra é *testemunho*” (BOSI, 2002, p. 221): para Bosi, o testemunho é a obra de uma testemunha, sendo sempre foco único de visão e elocução, portanto, é subjetivo e se aparenta com a narrativa literária em primeira pessoa. Acontece entre uma “zona de fronteiras” e cumpre duas delicadas tarefas:

Ora fazer a mimese de coisas e atos apresentando-os “tais como realmente aconteceram” (conforme a frase exigente de Ranke), e construindo, para tanto, um ponto de vista confiável ao suposto leitor médio; ora exprimir determinados estados de alma ou juízos de valor que se associam, na mente do autor, às situações evocadas (BOSI, 2002, p.222).

Mácio Seligmann-Silva, em *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*, defende que a relação de afirmação e negação da literatura com o real também está presente no testemunho, o que nos leva a entender que tanto a literatura, quanto o testemunho só existem no espaço entre as palavras e os acontecimentos: “ora, é justamente essa relação com as ações e com o mundo extraliterário que a literatura de testemunho vai reivindicar. Nesse sentido, é muito mais correto aceitar [...] o fato de que é o leitor que cria a mensagem literária” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.375).

Percebemos que Olga cumpre com as tarefas da testemunha ao descrever sua rotina na prisão, contar sobre suas leituras, refletir sobre a chegada da primavera ou a vontade de dormir durante todo o tempo no campo. Não podemos deixar de considerar que ela escreve para um leitor em específico e o que narra é o que lhe convém saber. Dessa forma, refletimos sobre o que ainda nos apresenta Bosi com relação à sua análise da obra *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos:

Chega o momento-limite em que o narrador tem de enfrentar o buraco negro de toda reexumação do passado: a queda no vazio do esquecimento. Quando falha até mesmo o concurso das lembranças de outras testemunhas, a saída razoável é admitir que os fatos olvidados por todos carecem provavelmente de valor [...]. O problema crucial não estaria nem nas coisas esquecidas por todos, nem nas que são por todos lembradas. Mas naquelas de que só a testemunha tem memória. Embora não recebam confirmação da memória alheia, integram uma verdade superior, “uma verdade expressa de relance nas fisionomias”, que o narrador percebeu e atesta mesmo sob pena de contradizer a versão majoritária e corrente (BOSI, 2002, p.236).

Defendemos a ideia de que, para a análise das cartas de Olga, além do esquecimento, tratamos da impossibilidade de falar; mais uma vez, retomamos o fato de que se nem tudo poderia ser dito, é imprescindível ler as cartas com delicadeza suficiente para perceber o que poderia ser escrito, perceber a importância do que não pode ser dito, do que foi calado, mas que faz parte do que só a testemunha tem ou, no caso, constrói como memória. Faz parte da “verdade superior” de Olga aquilo que teve que calar.

Por fim, tratemos do último tema destas análises, o amor. Para tanto, comecemos refletindo sobre a forma como Platão entende a temática. Sobre o nascimento do amor, o filósofo se refere ao mito da origem de Eros:

Quando nasceu Afrodite (deusa do amor), os deuses celebraram o acontecimento com um lauto banquete. Entre os deuses estava *Poros* (Expediente), que ao terminar o jantar se foi deitar no jardim de Zeus. Como se embriagara com néctar, depressa adormeceu. *Pénia* (Pobreza), com intuito de mendigar algumas migalhas da mesa farta dos deuses, introduziu-se sub-repticiamente no recinto sagrado, e da união de Poros (Expediente) e de Pénia (Pobreza) nasceu Eros (amor). O amor herda as características dos seus progenitores: de seu pai Poros vem-lhe a coragem, a persistência, o expediente e a arte de conseguir a realização dos seus intentos. Como Pénia, sua mãe, é pobre, feio, esqualido, sem abrigo nem conforto (FREIRE, 1954, p.112-113).

Assim, António Freire, em *Platão, aspectos da sua filosofia* (1954), explica-nos que, para Platão, a noção do amor se encaixa na ideia de amor humano, cujas manifestações revelam o complexo da contradição entre pobreza e riqueza, dignidade e baixeza, visão rápida e intuitiva e ignorância e cegueira, alegria e bem-estar, tristeza e desconforto. Dessa forma, o amor é algo filosófico, é indigente, tende para um bem que ainda não se possui. Segundo Freire, Platão traça o seguinte percurso feito pelo amor até atingir seu estado pleno e definitivo: começando pelo “amor dos corpos belos – amor sexual” avançando ao “amor das almas belas – amizade”, e atingindo, finalmente, o “amor da ciência – amor intelectual”. Uma vez completo o percurso “correm-se de súbito as cortinas, que encobriram o mundo misterioso das Ideias, e apresenta-se o olhar extasiado e ávido de contemplação” (FREIRE, 1954, p.117), e depara-se com um surpreendente espetáculo de beleza eterna, sem princípio nem fim.

Simon May (2012) considera que Platão é, então, responsável pela concepção de que o amor tem início em um belo corpo e que, a partir dele, chegamos ao paraíso. Os amantes devem superar as condições da própria vida, transformando o desejo erótico, que surge da ideia de um belo corpo, em beleza divina, libertando-se, assim, das deficiências de Eros (ciúme, ira, carência) e transformando o mais cego dos desejos em algo cristalino.

Trouxemos à tona a discussão sobre o amor pensado por Platão no intento de analisar a relação de Olga e Prestes, uma relação que parece cumprir o percurso de Platão, não por que quiseram, mas, sim, pelas circunstâncias a que estavam submetidos.

Observemos o percurso de Platão se inicia pelo amor dos corpos: não temos nenhum registro em cartas, mas é possível que o casal tenha se sentido atraído desde o primeiro momento em que se viram, abrindo caminho para que algo, de fato, acontecesse. Seguidamente, temos o amor das almas belas, que podemos afirmar com base na escrita de cada carta, que de fato aconteceu; o casal atingiu o nível da amizade, que os aproximou cada vez mais, numa mescla de carinho e respeito. Por fim, o amor intelectual, aquele que é atingido, quando se chega ao nível da contemplação da beleza eterna do outro: Olga e Prestes foram forçados a nunca mais se encontrar, mas sua insistência em manter um relacionamento sem qualquer tipo de contato físico os leva ao nível da contemplação do outro, não apenas da beleza física, pois, uma vez que já não se viam, apreciavam a imagem que ainda permanecia em suas mentes, do tempo que passaram juntos, e a qualidade da força, resistência, inteligência, preocupação com o outro. Enfim, a distância os libertou das deficiências de Eros.

Passemos, então, à leitura da última carta aqui analisada.

Ravensbrück, dezembro/1940.

Meu caro Carlos.

Tenho à minha frente tua carta de 3/9. Como conseguem algumas palavras fazer um tão grande bem? Infelizmente não posso passar de novo para o papel uma parte sequer dos pensamentos e sentimentos que tuas linhas me trouxeram. Melhor, porém, será dizer-te que jamais nos deveremos queixar da sorte, porque, enfim, temos igualmente sentido todo o seu rigor, para que sejamos um do outro juntamente com a nossa Anita. Tuas palavras sobre nossa filha me comoveram profundamente. Contemplo seu retrato cheia de admiração – uma carinha completamente diferente da do bebê que conhecia. Mas, às vezes perco a paciência e pergunto: quando enfim a ideia de “pai e mãe” será para essa criança algo vivo, em vez de simples retratos na parede?

Quanto à tua “ideia fixa”, devo confessar-te que agora acabei – o que me admira – por resignar-me e desejar somente chegar, o quanto antes, ao fim do inverno. Quanto à minha saúde, não tenhas cuidado. Durmo dez horas, como uma pedra, e também, no que diz respeito à falta de apetite de que falas, é coisa que não conheço. Este ano meu velho defluxo e resfriado incomodou-me menos, de maneira que podes ficar tranquilo – mesmo sem “vitamina D” que, como sempre “pícara”, me fez rir. Acompanho igualmente os acontecimentos pelo jornal, se bem que muito pouco possa ler.

Bem, meu caro, imagina à tua frente um ramo de lindas rosas; ou preferes tulipas (!!)? sabes por quê? Pelo dia 3 próximo. Possa este ano de vida trazer a realização de teus desejos. Como sempre, abraça-te com amor, de todo o coração, tua

Esta carta foi escrita no campo de concentração de Ravensbrück.



Figura 14: Campo de concentração de Ravensbrück (1940/41).

A distância que existia entre Olga e Prestes não era suficiente para romper o laço amoroso que havia sido construído durante o tempo em que estiveram juntos; laço que teve como fruto o nascimento de Anita, o outro grande amor de sua vida. As cartas demonstram uma relação de carinho e cuidado que persistiu até a última palavra que pôde ser escrita e enviada.

A leitura da epístola nos dá a sensação de ler os sentimentos de uma mulher que, apesar de estar vivendo uma dura realidade, ainda é capaz de manter vivo o sentimento de esperança que surge justamente do amor que tem por Prestes e Anita. Esse sentimento parece ser capaz de afastar a realidade do campo de concentração, ao menos enquanto escreve e divaga sobre um possível reencontro.

Luiz Carlos Prestes, em suas cartas, sempre insiste que Olga escreva, com maior riqueza de detalhes, sobre sua vida, que lhe conte tudo sobre sua rotina e vida no campo, como podemos identificar no exemplo: “peço-te que, em retribuição às informações que te dou acima da minha vida, me digas sempre algo de concreto sobre a tua situação e a tua saúde” (PRESTES. [Carta] 03 set. 1940). Mas sabemos, e reforçamos novamente, que ela não poderia escrever nada tão concreto ou detalhado. Logo no início de epístola em questão, Olga, de forma sutil, revela que não pode responder da forma que lhe é solicitado, dizendo: “Infelizmente não posso passar de novo para o papel uma parte sequer dos pensamentos e sentimentos que tuas linhas me trouxeram” (BENARIO.

³¹ BENARIO. [Carta] dez. 1940, Ravensbrück [para] Prestes.

[Carta] dez. 1940). Prestes parecia não ter total consciência da verdadeira realidade que vivia Olga, e ela própria parecia não permitir que ele soubesse.

A carta segue, e Olga passa a falar da filha. Vamos, então, tratar de outra forma de amor, o amor maternal, aquele dito incondicional e infinito. Em citação de Agatha Christie, sobre este tipo de amor, retirada do texto “Atividade antinociceptiva e avaliação histomorfológica da fotobiomodulação laser na articulação temporomandibular de ratos”, de Sandra Regina Barretto (2013), lemos que “o amor de mãe por seu filho é diferente de qualquer outra coisa no mundo. Ele não obedece lei ou piedade, ele ousa todas as coisas e extermina sem remorso tudo o que ficar em seu caminho”. É este o amor que não espera nada em troca, que surge mesmo sem se saber como. Esqueceremo-nos, neste momento, dos estereótipos extremistas da ideia de mãe, entendendo-os como as mães-Medeias, que matam os próprios filhos, e as mães superprotetoras que acompanham cada passo de seus filhos. Pensemos na realidade da mãe Olga, que acompanhou os primeiros passos desequilibrados da filha, ouviu suas primeiras tentativas de fala, fez-lhe os primeiros carinhos, deu-lhe os primeiros beijos, mas, passados dois anos, sofreu a dor da separação: não pode mais acompanhar o desenvolvimento da filha, não pode mais acarinhá-la, ouvir sua voz, orientar seus passos. Percebemos, em todas as suas cartas, que apesar de todo esse doloroso processo, o amor que sentia por Anita não mudou ou diminuiu, permaneceu o mesmo, foi apenas recoberto pela dor da saudade e da tristeza de não tê-la.

É interessante pensarmos a história de Olga, com relação ao amor materno, sobre dois aspectos apontados em *O amor conquistado: o mito do amor materno*. O primeiro deles é em relação à morte do filho:

Temos hoje a convicção profunda de que a morte de um filho deixa uma marca indelével no coração da mãe. Mesmo aquela que perde prematuramente seu feto conserva a lembrança dessa morte quando desejava a criança. Sem cairmos nas manifestações patológicas do luto, toda mulher se recorda desse dia como o de uma perda irreparável. O fato de poder engendrar um outro nove meses mais tarde não anula a morte do precedente. A qualidade que atribuímos a cada ser humano, inclusive o feto viável, não pode ser substituída por nenhuma quantidade (BADINTER, 1985, p.87).

Anita não morreu, mas a forma como Olga a teve arrancada dos braços, sem sequer saber, em um primeiro momento, para onde a estavam levando, pode ter causado a mesma “marca indelével”. Imaginamos, ainda, que o fato de Olga não saber se

reencontraria Prestes, ou se sairia viva do campo, também lhe proporcionava o sentimento de que nunca mais teria outro filho e, mesmo que tivesse, Anita era única, e nada substituiria seu lugar no coração da mãe. Todos os sentimentos de Olga, naquele momento, se intensificavam devido à fria realidade de privações que vivia.

O segundo aspecto, a que nos propomos pensar, está ligado ao sofrimento da amamentação:

Entre os argumentos citados com mais frequência predominam duas desculpas: a amamentação é fisicamente má para a mãe, e pouco conveniente. Nos argumentos de ordem física, o primeiro, habitualmente usado pelas mulheres, é sua própria sobrevivência. Não hesitavam em dizer que, se amamentassem seu bebê, privar-se-iam de "um suco precioso, absolutamente necessário à sua própria conservação". Tal razão, destituída de qualquer fundamento médico, podia sempre impressionar a sociedade. Invocava-se, além disso, uma excessiva sensibilidade nervosa, que seria perturbada pelo choro da criança (BADINTER, 1985, p.95).

A amamentação foi má, também, para Olga, não no aspecto físico, que deve, sim, tê-la afetado, mas pelo fato de que, "quando secasse o leite da mãe, elas seriam separadas" (MORAIS, 1994, p.190). Sendo assim, o fim da amamentação implicaria o fim da convivência entre mãe e filha. Viver uma situação limite, tendo Anita como fruto de um relacionamento interrompido por forças maiores, e sendo esse fruto a única representação concreta de alguém com quem possuía laços sanguíneos; diante disso, podemos pensar que Olga não poderia pensar nos aspectos negativos que a gravidez, a amamentação ou a efetiva realidade de ser mãe poderiam significar. As circunstâncias a levaram a viver o amor incondicional, estereotipado, que conhecemos.

Tendo apenas notícias de sua filha por meio das cartas que recebia da sogra, da cunhada e de Prestes, vendo Anita apenas em retratos que a surpreendiam por revelarem uma garotinha bem diferente daquela que acompanhou nos primeiros anos de vida, Olga faz um desabafo: "às vezes perco a paciência e pergunto: quando enfim a ideia de 'pai e mãe' será para essa criança algo vivo, em vez de simples retratos na parede?" (BENARIO. [Carta] dez. 1940). Constatamos, aqui, a revelação de sua inquietude e angústia com relação à criação da filha, longe do pai e mãe, sem conhecê-los na condição de casal, apenas como figuras imóveis e fixas na parede da casa da avó.

Feito tal desabafo, Olga passa a falar sobre sua saúde, com a preocupação fixa de Prestes com relação ao tempo que ela ainda ficará presa, sofrendo com resfriados

constantes. Como podemos ler em seguida, ele parece ter esperança de que, até a chegada do inverno, o caso de Olga tenha se resolvido:

Mas será possível que até lá [chegada do inverno europeu] não se resolva o teu caso? É esta a pergunta quase que permanente das cartas semanais que escrevo à Mamãe, pois, como bem podes imaginar, é como que a ideia fixa que me domina. (PRESTES. [Carta] 03 set. 1940).

Em seguida, ela faz dois outros comentários que sugerem a Prestes que sua situação é mais controlada do que ele imagina. O primeiro é em relação à sugestão que ele lhe faz de pedir que a sogra lhe envie comprimidos de vitamina D, para fortalecer o corpo e evitar os resfriados constantes; ela diz que isso a fez rir, como lemos no trecho: “Este ano meu velho defluxo e resfriado incomodou-me menos, de maneira que podes ficar tranquilo – mesmo sem ‘vitamina D’ que, como sempre ‘pícara’, me fez rir” (BENARIO. [Carta] dez. 1940), já sugerindo que tal fato era impossível de acontecer, pois, como bem explica Gilbert (2010), se os judeus “havam-se tornado, aos olhos dos nazistas, vermes que deveriam ser ‘exterminados’” (GILBERT, 2010, p.257), não havia motivos para permitir que Olga se prevenisse contra resfriados. O segundo comentário acontece em torno das leituras: “acompanho igualmente os acontecimentos pelo jornal, se bem que muito pouco possa ler” (BENARIO. [Carta] dez. 1940): se, enquanto estava na prisão feminina, lia muito, agora, já no campo de concentração, quase não pode mais ler. As restrições aumentam a cada dia.

Antes de encerrar a carta, Olga fala sobre o aniversário de Prestes que se aproximava. Pede que ele imagine as flores que gostaria de enviar-lhe. E deseja que realize seus sonhos neste ano de vida. Ao finalizar, como de costume, envia-lhe um abraço com amor. O gesto do abraço amoroso, para Barthes, “parece realizar por um momento, para o sujeito, o sonho de união total com o ser amado” (1981, p.12). Quando o abraço não se concretiza e fica no plano imaginário, na intenção de acontecer, a ideia do sonho de união total parece ser sentido de uma forma cruel, como é o caso da relação de Olga e Prestes, pois, por mais que este abraço seja de fato desejado, ele não é possível de concretização. No entanto, o fato de que “as cartas substituíam a presença física desejada” (GAY, 1999, p.347), garantia, ao menos, uma forma de tentar controlar o desejo e a saudade.

Pensar no aspecto amoroso dessas cartas faz-nos refletir sobre o que Ovídio relata, em *A arte de amar* (2013, p.60), a respeito da dedicação: “se alguma indisposição

a forçar a ficar no leito, se, doente, ela sentir a maligna influência do céu, que ela sinta então seu amor e sua dedicação”. A preocupação recíproca de Olga e Prestes demonstrava o quanto a distância não era suficiente para que não se dedicassem um ao outro. A insistência em se corresponder foi, também, prova desta dedicação, e um dos motivos de o amor ter resistido a tantos anos de separação.

Podemos ser ousados e assegurar que a correspondência de Olga Benario e Luiz Carlos Prestes, quando reunida e analisada, resulta em um romance epistolar, cheio de mensagens inseridas em suas entrelinhas, que nos levam a refletir sobre o contexto de guerra e de censura em que estão inseridas. Um romance no qual não apenas o casal faz parte, mas também sua filha, a mãe e a irmã de Prestes e, não sem menos destaque, os personagens dos livros que ambos leem. Por fim, compreendemos que as cartas, aqui analisadas, escritas por Olga, revelam uma mulher diferente daquela estereotipada, ora descrita como a encarnação da frieza, ora como a mais pura expressão de um coração que amou. A mulher que encontramos nas epístolas, aquela que se escreveu, é uma mulher que concentra em si resistência e princípios, que luta pelo que acredita, inclusive pelos que amam, uma mulher dedicada e inteligente, guerrilheira, mãe e esposa.

Assim, encerro este capítulo, com a última carta escrita por Olga em abril de 1942 e entregue a Prestes anos depois. Diferentemente das demais epístolas aqui registradas, esta se encontra na biografia de Olga, escrita por Fernando Moraes. Tal carta, não sendo analisada, é registrada com o intuito de permitir que, como leitores, conheçamos a despedida de Olga àqueles que ela amava:

Queridos:

Amanhã vou precisar de toda a minha força e de toda a minha vontade. Por isso, não posso pensar nas coisas que me torturam o coração, que são mais caras que a minha própria vida. E por isso me despeço de vocês agora. É totalmente impossível para mim imaginar, filha querida, que não voltarei a ver-te, que nunca mais voltarei a estreitar-te em meus braços ansiosos. Quisera poder pentear-te, fazer-te as tranças – ah, não, elas foram cortadas. Mas te fica melhor o cabelo solto, um pouco desalinhado. Antes de tudo, vou fazer-te forte. Deves andar de sandálias ou descalça, correr ao ar livre comigo. Sua avó, em princípio, não estará muito de acordo com isso, mas logo nos entenderemos muito bem. Deves respeitá-la e querê-la por toda a tua vida, como o teu pai e eu fazemos. Todas as manhãs faremos ginástica... Vês? Já volto a sonhar, como tantas noites, e esqueço que esta é a minha despedida. E agora, quando penso nisto de novo, a idéia de que nunca mais poderei estreitar teu corpinho cálido é para mim como a morte.

Carlos, querido, amado meu: terei que renunciar para sempre a tudo de bom que me destes? Conformer-me-ia, mesmo que não pudesse ter-te muito próximo, que teus olhos mais uma vez me olhassem. E queria ver teu sorriso. Quero-os a ambos, tanto, tanto. E estou tão agradecida à vida, por ela haver-me dado a ambos. Mas o que eu gostaria era de poder viver um dia feliz, os três juntos, como milhares de vezes imaginei. Será possível que nunca verei o quanto orgulhoso e feliz te sentes por nossa filha?

Querida Anita, meu querido marido, meu Garoto: choro debaixo das mantas para que ninguém me ouça, pois parece que hoje as forças não conseguem alcançar-me para suportar algo tão terrível. É precisamente por isso que esforço-me para despedir-me de vocês agora, para não ter que fazê-lo nos últimas e difíceis horas. Depois desta noite, quero viver para este futuro tão breve que me resta. De ti aprendi, querido, o quanto significa a força de vontade, especialmente se emana de fontes como as nossas. Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo. Prometo-te agora, ao despedir-me, que até o último instante não terão porque se envergonhar de mim. Quero que me entendam bem: preparar-me para a morte não significa que me renda, mas sim saber fazer-lhe frente quando ela chegue. Mas, no entanto, podem ainda acontecer tantas coisas... Até o último momento manter-me-ei firme e com vontade de viver. Agora vou dormir para ser mais forte amanhã. Beijo-os pela última vez.

Olga.³²

³² BENARIO. [Carta] abril. 1942 [para] Prestes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partiremos para as considerações finais deste trabalho cientes de que, muitas vezes, é impossível concluir uma pesquisa. Sempre deixaremos algo por dizer. Detalhes que só com maior tempo ou maior maturidade, poderemos perceber e discutir. Nas análises que fizemos até aqui, procuramos traçar, por meio de algumas missivas, o percurso amoroso e social de uma mulher vítima de uma tragédia que mudou a face do mundo: a morte de seis milhões de judeus mortos em campos de concentração nazista. Afinal, como aponta Kenia Pereira, “trabalhar com o tema do assassinato em massa de milhões de judeus, além de polêmico e árduo, é também uma forma de conscientização...” (PEREIRA, 2013, p.236).

Assim, Olga Benario faz parte dessa população massacrada nas câmaras de gás, desses milhões de judeus que foram exterminados sem compaixão. Mesmo estando condenada à morte, durante as leituras de suas cartas, endereçadas a Luiz Carlos Prestes, percebemos uma mulher amorosa, preocupada tanto com o cotidiano de uma prisão, atenta aos cuidados de sua filha pequena nascida no cárcere, como também uma guerrilheira, política, leitora incansável, apaixonada pelo seu marido. As missivas de Olga endereçadas a Prestes se parecem com uma longa conversa, um diálogo sobre os mais variados temas. Fala-se de tudo: de poesia, de insônia, dos primeiros passos da filha Anita. Provavelmente, devido à censura, estas missivas podem conter também mensagens cifradas. Frases somente decodificadas entre o casal. Assim, estamos de acordo com Emerson Tin, quando afirma que a “carta mantém certa semelhança com o diálogo, ao pressupor um interlocutor presente em ausência, que é o destinatário, além de guardar, por vezes, traços do diálogo, como a coloquialidade e a informalidade. Essa proximidade com o diálogo parece estar na raiz do gênero epistolar, e desde os mais remotos tempos, a carta é definida como uma conversa escrita” ([s/d], p.9).

Para o filósofo Cícero, a carta é um diálogo entre ausentes, e, na contemporaneidade, ela pode ser lida e usufruída como literatura, já que vem revestida de simbologias, metáforas e alegorias de uma trajetória de vida. No caso de Olga, suas epístolas estão entremeadas pelos temas do amor, da guerra e de leituras.

Segundo Roland Barthes (1981), em *Fragmentos de um discurso amoroso*, a carta é a figura que “visa à dialética particular da carta de amor, ao mesmo tempo vazia (codificada) e expressiva (cheia de vontade de significar o desejo)” (BARTHES, 1981, p.32). Assim, percebemos, se constroem também as epístolas aqui analisadas.

Aparentemente, são mensagens sem grandes informações ou significados, mas trazem muito mais do que se vê escrito, elas significam pelo que pretendem dizer. São capazes de transmitir, por meio de discussões literárias e políticas, poemas e descrições do cotidiano, mensagens que reportam à realidade de censura que as permeia e ao sentimento de amor que por ali perpassa.

Estas discussões nos fazem pensar no fato de que Olga Benario havia se tornado uma mulher sem pátria, uma vez que a Alemanha, o país em que nasceu, não correspondia mais àquilo que ela acreditava, e o Brasil, apesar de ser o país de origem de seu marido e, aparentemente, o país que havia escolhido viver, também não era o seu lar. Essas reflexões nos levam a concordar com Maria José de Queiroz (1998), quando ela aponta em *Os Males da Ausência ou A literatura do exílio*:

Todos os exílios configuram uma ideologia – religiosa, mítica, política, econômica ou social [...]. À tristeza e ao sofrimento sucedem a determinação, a coragem, a fortaleza de ânimo. Ao desespero da perda de quanto se deixa para trás se sobrepõem a esperança do recomeço [...]. Do afastamento da casa e da pátria resultam, além da carência afetiva e dos danos civis, de dolorosa repercussão na rotina, a morte degradante (porque à minguagem dos rituais sagrados), a escravidão em terra alheia, a ruptura do hábito, a perda dos bens (QUEIROZ, 1998, p.29-41).

Assim, ao dizer que Olga estava exilada, entendemos que sua realidade era de um exílio forçado por determinações políticas, mas, mesmo dessa forma, como discutimos no capítulo anterior, sua escrita deixa marcas de um sentimento de esperança, de sonhos, de força e de coragem para sobreviver àquela realidade. Percebemos, ainda, a carência afetiva ocasionada pela frieza da solidão e o distanciamento dos que amam, entendendo, também, que a perda de bens, de que nos fala Queiroz, está relacionada a um caráter afetivo, percebendo que lhe são levados aqueles por quem tem carinho, como o marido, a filha, as companheiras da prisão e do campo.

Ainda segundo Maria José de Queiroz, a permanência no campo de concentração “cria um tipo especial de apátrida – o deslocado” (QUEIROZ, 1998, p.599). Então, para aqueles que se encontravam perdidos, com origem desconsiderada e destino desconhecido, a rotina exaustiva do campo, a angústia, ansiedade e o medo ocasionavam “além da perda da identidade, a falta absoluta de um ponto de referência

no mapa [...]. Foi esse o exílio sem emigração – o exílio sem literatura e sem história” (QUEIROZ, 1998, p.599-600).

Olga, ao que parece, encontrou, na troca de cartas, uma forma de se manter, não apenas viva, mas lúcida, no sentido de continuar buscando forças para resistir e não se entregar àquela realidade. Seus estudos e leituras lhe garantiam, de certa forma, a orientação, sabendo entender o contexto em que vivia, suas limitações e restrições. Além disso, apesar de ser uma “deslocada”, a correspondência com Prestes poderia significar ter um destino para seguir, caso conseguisse sobreviver ao campo. Com isso, percebemos que o significado da escrita epistolar depende da intenção e do objetivo que o missivista tem sobre ela, pois, como bem entende Silvina Rodrigues Lopes (2003), “há cartas para tudo” (LOPES, 2003, p. 135). Já para Peter Gay, tanto os diários quanto as cartas “testemunham os desejos e as ansiedades, os prazeres e os traumas, a discórdia interior descoberta ao escrever, provocando às vezes uma luta íntima” (GAY, 1999, 373). Assim, escrever, para Olga, era não só um prazer, mas, com certeza, também uma luta diária, uma ocupação para manter a mente ocupada, para não enlouquecer.

A forma como cada uma das três cartas foi escrita e o distanciamento temporal entre elas, faz-nos notar que, com o passar o tempo, as cartas parecem minguar, elas foram diminuindo e se tornando cada vez mais contidas. Isso se explica, se percebido, dentro da evolução das ideias nazistas, quanto mais forte era a intenção de extinção dos judeus, maiores deveriam ser as restrições sobre eles, e a escrita de cartas longas e detalhadas não parece caber nessa linha de raciocínio. As restrições nos campos de concentração foram tomando proporções maiores, até atingir a restrição ao direito de viver.

Encerramos refletindo, também, sobre o que nos apresenta Cytrynowicz, em relação às palavras de Hannah Arendt, em *As origens do totalitarismo*, comparando os campos de extermínio à imagem medieval do inferno: se pensado sob o ponto de vista das violências inimagináveis que ali aconteciam, esses dois espaços se contrapõem, pois “a concepção medieval de inferno era tolerável para o homem em função da crença em um critério absoluto de justiça ligado à possibilidade de misericórdia no dia do Juízo Final” (CYTRYNOWICZ, 1990, p.87-88); já os nazistas “aniquilaram os conceitos de bem, misericórdia, de justiça, de compaixão. A sua violência não tinha qualquer limite. Daí ser o nazismo um mal radical, um mal sem misericórdia, em que toda violência era possível” (CYTRYNOWICZ, 1990, p.88).

A história de Olga parece estar de acordo com essa ideia, pois foi em um contexto de violência nazista que perdeu sua filha, enfrentou a realidade desumana dos campos de concentração e acabou perdendo a própria vida.

No trabalho de análise dessas cartas, buscando encontrar, nos registros feitos pela própria Olga Benário, o perfil da mulher que ali se escrevia, desconsiderando sua visão estereotipada, encontramos, com base nas vertentes do amor, da guerra e de suas leituras, uma mulher forte, resistente, inteligente, sensível, apaixonada e engajada. Não acreditamos ser possível separar a mulher que ama da mulher que luta, afinal, é na união e no equilíbrio de ambas que percebemos sua constituição como ser humano. Encerramos esse trabalho cientes de que, na escrita dessas cartas, Olga está imortalizada.

REFERÊNCIAS

Biografia de Olga Benario:

MORAIS, Fernando. *Olga*. 16ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Obras sobre Olga Benario:

WAACK, William. *Camaradas: nos arquivos de Moscou: a história secreta da revolução brasileira de 1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

REIS, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes: Um revolucionário entre dois mundos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ASSIS, Luciara Lourdes Silva. *Retratos biográficos de Olga Benario: uma vida escrita*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2011 (Dissertação, Mestrado em Literatura Comparada).

Das figuras:

Figura 1: Capa da biografia *Olga. Navegando na história*. Blog [Internet]. Disponível em: <<http://navegandonahistoria-costa.blogspot.com.br/2012/04/carta-despedida-de-olga-benario-prestes.html>>. Acesso em 28 mai. 2014.

Figura 2: Capa de *Olga, muitas paixões numa só vida*. Alessandro alternativo. Blog [Internet]. Disponível em <<http://elessandroalternativo.blogspot.com.br/2012/06/cinema-nacional-os-10-melhores-filmes.html>>. Acesso em 28 mai. 2014.

Figura 3: Otto Braun. *Spiegel Online*. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/einestages/militaerberater-otto-braun-a-948511.html>>. Acesso em 13 nov. 2014.

Figura 4: Luiz Carlos Prestes. *Marxists*. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/album_fotos/prestes/1941-01.htm>. Acesso em 28 mai. 2014.

Figura 5: Foto dos passaportes falsos. *História Viva*. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/as_muitas_tragedias_de_olga.html>. Acesso em 11 jan. 2015.

Figura 6: Olga presa no Rio de Janeiro. *Textos de Thereza Pires*. Blog [Internet]. Disponível em: <<http://textosdetherezapires.blogspot.com.br/2013/03/ai-esta-o-post-de-fevereiro-de-2010o.html>>. Acesso em 28 mai. 2014.

Figura 7: Olga por Portinari. *CECAC*. Disponível em: <http://www.cecac.org.br/MATERIAS/olga_Benario-Anita_L.Prestes-11_2_11.htm>. Acesso em 28 mai. 2014.

Figura 8: Atestado médico entregue à Leocádia no dia em que pega a neta na prisão. *Jayme Monjardim*. Website [Internet]. Disponível em: <<http://www.jaymemonjardim.com.br/olga/quemfoiolga/conteudo.htm>>. Acesso em 27 jul. 2014.

Figura 9: Walter Dendy Sadler. *Mestres da Arte*. Blog [Internet]. Disponível em: <<http://mestresdarte.blogspot.com.br/2012/03/walter-dendy-sadler.html>>. Acesso em 28 mai. 2014.

Figura 10: Carl Spitzweg. *Um pouco de tudo e muito de nada*. Blog [Internet]. Disponível em: <http://tereoliva.blogspot.com.br/2012_08_01_archive.html>. Acesso em 28 mai. 2014.

Figura 11: Johannes Vermeer. *PICTIFY*. Website [Internet]. Disponível em: <<http://pictify.com/228512/johannes-vermeer-dutch-1632-1675-girl-reading-a-letter-at-an-open-window-1657>>. Acesso em 28 mai. 2014.

Figura 12: Frauengefängnis Barnimstraße (Prisão feminina Barnimstraße). *Wikipédia*. Website [Internet]. Disponível em: <http://de.wikipedia.org/wiki/Frauengef%C3%A4ngnis_Barnimstra%C3%9Fe>. Acesso em 15 dez. 2014.

Figura 13: Campo de concentração de Prettin. *Strassen*. Website [Internet]. Disponível em: <<http://www.strassenweb.de/gro%C3%9F-naundorf-bei-annaburg/schleswiger-weg-1647310.html>>. Acesso em 15 dez. 2014.

Figura 14: Campo de concentração de Ravensbrück. *Ravensbrueck*. Website [Internet]. Disponível em: <<http://www.ravensbrueck.de/mgr/neu/english/index.htm>>. Acesso em 18 jun 2014.

Outras obras:

AMADO, Jorge. *O Cavaleiro da Esperança: vida de Luiz Carlos Prestes*. 1942. Disponível em: <<http://www.jorgeamado.com.br/obra.php3?codigo=12614>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARRETO. Sandra Regina. *Atividade antinociceptiva e avaliação histomorfológica da fotobiomodulação laser na articulação temporomandibular de ratos*. Aracaju, 2013.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. Hortência dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

BEM, Jeanne. *O estatuto literário da carta (Le statut littéraire de la lettre)*. Trad. Cláudio Hiro. *Génèsis: Révue Internationale de Critique Génétique*, nº 13, Paris, 1999, p. 113-115.

BESSEL, Richard. *Nazismo e guerra*. Trad. Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRAUN: *Militärberater Otto Braun*. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/einestages/militaerberater-otto-braun-a-948511.html>> Acesso em 13 nov. 2014.

BRUN, Jean. *Platão*. Trad. de Filipe Jarro. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote, 1985.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na Era Vargas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.

CARREIRO, Tião Carreiro; PARDINHO. *Carteiro*. Disponível em: <<http://letras.mus.br/tiao-carreiro-e-pardinho/589538/>>. Acesso em 29 mai. 2014.

CARRIJO, Fabrizia de Souza. *A busca da adequação entre formas literárias e momento histórico: um estudo comparativo entre O guarani de José de Alencar e o escravo de José Evaristo de Almeida*. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2008 (Dissertação, Mestrado em Estudos Comparados e Literatura Portuguesa).

COELHO, Marcelo. O fim do mundo epistolar: o que perdemos ao abrir mão das cartas?. *Folha*. 11/05/2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/05/1451590-o-fim-do-mundo-epistolar-o-que-perdemos-ao-abrir-mao-das-cartas.shtml>>. Acesso em 29 mai. 2014.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Memórias da barbárie: a história do genocídio dos judeus na segunda guerra mundial*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013.

FREIRE, António. *Platão, aspectos da sua filosofia*. Braga: Livraria Cruz, 1954.

FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAY, Peter. *O coração desvelado: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GILBERT, Martin. *O Holocausto: história dos judeus na Europa na Segunda Guerra Mundial*. Tradução de Samuel Feldberg, Nancy Rozenchan. São Paulo: Hucitec, 2010.

GODINHO, Sérgio. *O carteiro*. Disponível em: <<http://musica.com.br/artistas/sergio-godinho/m/o-carteiro/letra.html>>. Acesso em 29 mai. 2014.

GOETHE. Johann von Goethe. *Spectrum gothic*. Blog [Internet]. Disponível em: <<http://www.spectrumgothic.com.br/literatura/autores/goethe.htm>>. Acesso em 20 nov. 2014.

HELPERICH, Gerard. *O cosmos de Humboldt: Alexander von Humboldt e a viagem à América Latina que mudou a forma como vemos o mundo*. Trad. de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JONES, David Hugh. *Charing cross road*. Disponível em: <<http://www.cineplayers.com/filme/nunca-te-vi-sempre-te-amei/6170>>. Acesso em 28 mai. 2014.

LAJOLO, Marisa. Romance epistolar: o voyeurismo e a sedução dos leitores. In: *Matraga*. n.14. Disponível em: <<http://www.pgletas.uerj.br/matraga/matraga14/matraga14a04.pdf>>. Acesso em 18 mai. 2014.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. de Bernardo Leitão. 7ª ed revista. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2013.

LEVI, Primo. *É isto um homem?*. Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LOPES, Silvina Rodrigues. Na margem do desaparecimento. In: _____. *Literatura defesa do atrito*. Lisboa: Vendaval, 2003.

MAIRE, Gaston. *Platão*. Trad. de Rui Pacheco. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1966.

MAY, Simon. *Amor: uma história*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

NARLOCH, Leandro. *Guia politicamente incorreto da história do Brasil*. São Paulo: Leya, 2011.

NASCIMENTO, Larissa Silva; SANTOS, Michelle dos. *Questões sobre (auto)biografia: as modernas representações do holocausto em Maus, de Art*

Spiegelman, e em Os emigrantes, de W. G. Sebald. Santa Catarina: Outra travessia, 2012.

OPHÜLS, Max. *Letter from an unknown woman*. Disponível em: <<http://www.cineplayers.com/filme/carta-de-uma-desconhecida/7357>>. Acesso em 28 mai. 2014.

OVÍDIO. *A arte de amar*. Trad. Dúnia Marinho da Silva. Porto Alegre: L&PM, 2013.

PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. A temática do holocausto no ensino de literatura brasileira: um poema de Vinícius de Moraes e uma tela de Lasar Segall. *Revista brasileira de literatura comparada*. v.22. p.233-251. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/pdf/revista/2013.22-_tematica_do_holocausto_no_ensino_de_literatura_brasileira_um_poema_de_vinicius_de_moraes_e_uma_tela_de_lasar_segall.pdf>. Acesso em 15 jan. 2015.

PESCE, Mauro. *As duas fases da pregação de Paulo*. Trad. de Mauro Bagno. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

PIGALLO, Oscar. *O Brasil em sobressalto: 80 anos de história contados pela Folha*. São Paulo: Publifolha, 2002.

PRESTES, Anita Leocádia. *Coluna Prestes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

PRESTES, Anita Leocádia; PRESTES, Lygia Prestes (Org.). *Anos tormentosos: Luiz Carlos Prestes: correspondência da prisão (1936-1945)*. 3 v. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

PONTES, Matheus de Mesquita. *Luiz Carlos Prestes e Olga Benário: Construções identitárias através da história e da literatura*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2008 (Dissertação, Mestrado em História Social).

Lei de segurança nacional. Portal Faculdade Getúlio Vargas (FGV). Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/LeiSegurancaNacional>> Acesso em 15 mai. 2014.

QUEIROZ, Maria José. *Os males da ausência, ou A literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere (I)*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record.

ROLAND, Nuno. *Amor por correspondência*. Disponível em: <<http://musica.com.br/artistas/nuno-roland/m/amor-por-correspondencia/letra.html>>. Acesso em 29 mai. 2014.

RUSSO, Renato. *A carta*. Disponível em: <<http://letras.mus.br/renato-russo/1199100/>>. Acesso em 29 mai. 2014.

SILVA, Cláudio Roberto. *Entre literatura, memória e história: a escrita de si em Getúlio Vargas e em Graciliano Ramos*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2014 (Dissertação, Mestrado em Teoria Literária).

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org). *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A Coluna Prestes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

SOSA, Carlos Hernán. La escritura epistolar. *Teresa* revista de Literatura Brasileira. n.8/9. São Paulo, 2008, p.419-422.

SPIEGELMAN, Art. *Maus: a história de um sobrevivente*. Trad. Antonio Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TIN, Emerson. *Cartas e Literatura: reflexões sobre pesquisa do gênero epistolar*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/Emerson02.pdf>> Acesso em 15 jan. 2015.

TODOROV, Tzvetan. *Literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. 4ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2012.

UMBACH, Rosani Ketzer. Violência, memórias da repressão e escrita. In: _____. *Escritas da violência, vol. I: O testemunho*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p.217-228.

VALENTIM, Inácio. *A carta VII, o manifesto e a autobiografia política de Platão*. Revista Opinião filosófica, v. 03; nº 01. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://cfcul.fc.ul.pt/biblioteca/online/pdf/ivalentim/cartaVII.pdf>> Acesso em 18 mai. 2014.

VASCONCELOS, Eliane. Intimidade das confidências. *Teresa* revista de Literatura Brasileira. n. 8/9. São Paulo, 2008. p.372-398.

VILAÇA, Alcides. Carta de amor. *Teresa* revista de Literatura Brasileira. n. 8/9. São Paulo, 2008. p. 226-231.

WYLER, Willian. *The letter*. Disponível em: <<http://www.cineplayers.com/filme/a-carta/3282>>. Acesso em 28 mai. 2014.

ANEXO

CARTAS DE LUIZ CARLOS PRESTES

Este anexo apresenta as cartas escritas por Luiz Carlos Prestes e mencionadas por Olga Benario, com o intuito de que o leitor possa compreender melhor como se deu este relacionamento epistolar.

Segue, primeiramente, a missiva que Prestes envia e tem como resposta a carta escrita por Olga em 24 de setembro de 1937.

Rio de Janeiro, 18/08/1937.

Minha pequena querida.

Apenas algumas linhas, porque não quero que fiques muito tempo sem notícias diretas minhas. Pode ser que minhas cartas te façam escrever mais seguido. Tua ultima carta é a de 2 de junho, isto é, não recebi ainda a resposta às minhas cartas de 22 de junho e de 16 e 31 de julho últimos. Mas tenho a cópia das que escrevestes à nossa Mãe. Desta maneira, conheço os últimos progressos de nossa pequena Anita Leocádia; sei que a 15 de julho ela tinha já dois dentinhos e que, como dizes, quase se pode vê-la crescer. E sua linguagem, já é mais compreensível? Conta-me alguma coisa das tuas conversas com ela.

Minha querida, e a tua saúde como vai? Dizes que está triste e cansada... Mas sei que darás sempre grande atenção à tua saúde, não é verdade? A esperança de que poderemos ainda reviver os dias felizes que vivemos juntos é o que me dá maiores forças para resistir à tristeza de nossa situação atual. Mas como vives tu? Conta-me tudo que for possível; ultimamente tuas notícias são bem reduzidas. Por quê? Quais são tuas leituras? Recebestes os livros que Mamãe te enviou? Espero que responda todas as perguntas de minhas cartas anteriores. Espero também notícias detalhadas da nossa querida, informações de seus progressos.

Da minha vida que te posso ou te devo dizer? A saúde não vai mal; já estou menos magro. A alimentação é agora melhor, mais variada. Passo os dias lendo, de manhã à noite. Somente para ler os jornais, gasto algumas horas, porque leio com grande atenção todo o serviço telegráfico e acompanho pelo mapa todos os acontecimentos. Felizmente já tenho um bom dicionário universal com mapas de todos os países do mundo... Quantas coisas teríamos agora para nossas palestras, hein?

Mas, minha pequena, convém terminar. Aguardo tua resposta e peço-te que me escreva o mais longamente possível. Dá por mim um beijo em cada face de nossa pequena. Com meus maiores votos pela tua saúde e pela nossa querida, abraço-te de todo o meu coração. Muitos beijos do teu

Agora, leremos a carta enviada à Olga como resposta à sua carta de 24 de setembro de 1937.

Rio de Janeiro, 02/11/1937.

Olga, minha pequena querida.

Acabo de receber tua bela carta de 24 de setembro, que me trouxe um pouco de tranquilidade sobre a tua situação e muita alegria com as notícias sobre o desenvolvimento e os progressos da nossa Anita Leocadia. Não posso ainda imaginar quando me será dado conhecê-la, abraçá-la e beijá-la, mas já ficaria bem feliz de poder receber uma fotografia de nossa querida... Mesmo isso é inteiramente impossível? Que pensas tu?

Felicito-te, minha querida, pela resistência verdadeiramente admirável que demonstraste com a amamentação da Anita. Eu mesmo não imaginava que serias capaz, após tudo que sofrestes, de tão grande esforço. Mas é necessário, minha querida, tomar cuidado permanente com a tua saúde. Sei que a Mamãe te ajuda na medida do possível e penso que sempre podes comprar uma alimentação suplementar. É isso verdade?

Bem posso imaginar a alegria com que ajudas à nossa pequena a dar seus primeiros passos. Eu também me alegro com essas informações, mas uma alegria que vem, entretanto, acompanhada pela tristeza de não poder estar ao seu lado nesses momentos. Enfim, devemos nos conformar e pensar que a vida é assim, cheia de contrastes e que as tristezas de hoje tornarão talvez maiores as alegrias de amanhã. Não é verdade? Aprofundamos nossos sentimentos e talvez somente isso seja realmente viver.

Fizeste-me realmente rir, ao te lembrares do cachorro “Stroblin”. Mas tens razão, porque não é conveniente, como método de educação, querer transformar as crianças em “macaquitos” ou papagaios hábeis para satisfazer a vaidade dos pais. As crianças sofrem com tais métodos e geralmente não gostam de repetir as habilidades que lhes são ensinadas. O que há de mais belo na criança é exatamente a ausência de artifícios, a naturalidade. E os dons intelectuais somente poderão se desenvolver com a liberdade, tendo como forças motrizes principais a curiosidade e o espírito de imitação, que são qualidades instintivas das crianças. O principal na educação é saber utilizar essas forças, saber orientá-las de maneira que a criança seja capaz de, quase sem sentir, adaptar-se ao mundo social no qual ela vai viver; mas somente orientar sem palavras, sem levantar obstáculos ao seu desenvolvimento, ou obrigar a criança a fazer coisas que não têm significado ou utilidade para ela. Mas tudo isso que acabo de escrever é a mesma coisa que tu dizes, ou seja, tua manifestação contra o método de adestramento do infeliz “Stroblin”. Quantas coisas teríamos para dizer um ao outro sobre essas questões, e, imaginas, se

³³ PRESTES. [Carta] agosto 1937, Rio de Janeiro [para] Benario.

eu estivesse ao teu lado, quantas vezes não terias já interrompido teu tricô?... Mas não ficarias zangada, não é verdade?

Sabendo das tuas atividades e de que não tens mesmo quase tempo para ler, tenho quase inveja de ti e desejo ardentemente que em nenhum momento fiques numa situação de isolamento e de passividade semelhante à minha. A leitura é uma grande coisa na minha situação, mas a inatividade é terrivelmente enervante. É a primeira vez na minha vida que sou obrigado a passar tanto tempo sem fazer nada. Podes, portanto imaginar como leio. Felizmente tenho uma boa iluminação e, às vezes, fico até 1 ou 2 horas da manhã sem poder dormir, lendo. Durante todo esse tempo estudo francês e faço esforços para aprender o alemão; mas as dificuldades são cada dia maiores. Agradeço-te a linda canção de ninar que me enviastes. Pude compreendê-la bem, mas é triste não conhecer a música ou a melodia e bem podes imaginar o quanto eu desejaria ouvi-la cantada por ti. Havia já muito tempo que eu não via tua letra, de maneira que isso foi também um outro motivo de alegria.

Mas esta carta já começa a ficar muito longa e ainda não te falei de minhas novas leituras e também um pouco do que penso nesses dias sem fim. Mas numa outra carta te direi alguma coisa. Antes de terminar, quero ainda te falar de um pequeno retrato da Mamãe e a Lyginha, que acabo de receber. Após quase três anos sem vê-las, imagina a viva alegria com que recebi esta fotografia? Apesar de todos os sofrimentos da vida, nossa mãe ainda está com boa saúde e no retrato vê-se que a serenidade não a abandona. E agora convém terminar. Imagino-me com a nossa pequena em meus braços e a dizer-me com ternura no ouvido – “ai-dai-dai”... Muitos beijos com meus melhores votos pela saúde de vocês duas. Abraço-te de todo o coração. Teu

Karli

Perguntas se uso barba. Não. A cada 15 dias aproximadamente faço a barba. É melhor, para parecer menos velho, porque ela está embranquecendo atualmente bem depressa.³⁴

Passemos, então, às cartas mencionadas por Olga em sua epístola enviada do campo de concentração de Pretin em 14 de maio de 1938.

Rio de Janeiro, 28/02/1938.

Olga, minha querida.

Tenho diante de mim tua bela carta de 19 de janeiro e agradeço-te de todo o coração tuas palavras, tão plenas de amor, e tudo o que me contas da nossa pequena querida. Mas espero ansioso notícias da tua vida e da tua saúde após a triste separação de 21 de janeiro. Como estás tu, minha pequena?

Felizmente as notícias da nossa filha são bem animadoras. Certamente já recebestes as cartas da Mamãe e da Lygia e sabes,

³⁴ PRESTES. [Carta] 02 novembro 1937, Rio de Janeiro [para] Benario.

portanto, como é a vida atual da nossa Anita Leocadia. Deves saber também da manifestação da nossa querida, quando ela viu meu retrato. Posso imaginar perfeitamente o que se passava então em sua cabecinha... Ela o beijava e repetia as palavras que lhe havia ensinado, porque era a ti que seus olhos buscavam ansiosamente, naquele instante. Mas nossa pequena acostumou-se bem depressa com suas novas mães, o que é inteiramente natural na sua idade, e eu calculo o quanto ela é mimada. Temo apenas pela sua saúde com a mudança de alimentação, inevitável, apesar dos esforços de nossa Mãe. Mas felizmente a nossa pequena está bem e agora, com os bons ares e o sol da praia, deverá ficar ainda mais forte.

Desta maneira, toda a minha preocupação, neste momento, se volta para a tua saúde, pois compreendo o quanto sofre o teu coração. Escreve-me e conta-me, em tuas próximas cartas, como vives atualmente.

De minha parte, o que te posso dizer? Minha saúde não vai mal e já estou menos magro. Agradeço-te o oferecimento de ajudar-me no estudo de alemão; lamentavelmente, a distância torna quase impossível qualquer coisa de prático nesse sentido. Não obstante as dificuldades, acredito, contudo, estar fazendo pequenos progressos. Quanto às minhas leituras, nada de novo ou interessante para dizer-te. Leio atualmente o livro de Wells [“Uma breve história do mundo”], a respeito do qual já te falei numa outra carta, e bem podes imaginar o quanto eu desejaria poder conversar contigo sobre cada um de seus capítulos. Não concordo com muitas observações do autor, mas é digna de admiração a síntese da história do desenvolvimento da sociedade humana feita por ele, porque nos faz sentir e entender como o curso da história se encontra sob o império de leis gerais internas. Quer dizer: não obstante o homem dotado de consciência seja o fator que age na História, os resultados que realmente derivam dessas ações não são os intentos desejados, ou, se parecem, contudo, no início, corresponder ao fim perseguido, têm, finalmente, consequências distintas daquelas que foram desejadas. É mais ou menos como na mecânica – a intensidade e a direção da resultante de diversas forças são totalmente diferentes das de cada uma dessas forças. Mas não é possível nesta carta dizer mais, não é verdade?

Devemos esperar com paciência, minha querida, tempos melhores, quando poderemos a uma distância menor conversar mais livremente, não é verdade? Vou terminar, portanto. Com meus maiores votos pela tua saúde, abraço-te de todo o meu coração. Teu

Karli.³⁵



Rio de Janeiro, 14/03/1938.

Minha pequena querida.

Agradeço-te de todo coração tua bela e querida carta de 12 de fevereiro. Tuas palavras traduzem bem toda energia com que te armaste para resistir ao último golpe que tiveste que sofrer – a triste separação de nossa querida Anita Leocadia. Mas tua carta

³⁵ PRESTES. [Carta] 28 fevereiro 1938, Rio de Janeiro [para] Benario.

tranquilizou-me bastante quanto ao teu estado de espírito e à tua saúde. Não quero falar-te aqui do passado, mas asseguro-te, minha pequena, que posso entender perfeitamente o quanto foram grandes teus sofrimentos durante estes dois anos. Tem sido muito duro não poder de alguma maneira diminuir teus sofrimentos... Mas não é o momento de trazer à tona tais lembranças, não é verdade? Regozijêmo-nos com a felicidade de nossa querida Anita Leocadia. Certamente dispões das mesmas notícias que eu recebi da nossa filha, de maneira que já sabes de seus novos progressos. Seu crescimento é verdadeiramente notável e já posso imaginar que ela será da tua altura. Em breve nós dois receberemos um novo retrato da pequena – é o que me promete nossa Mãe – e então poderei conhecer seu sorriso e tu poderás constatar que nossa querida está feliz e vivendo cercada de carinho.

Quero felicitar-te pelos progressos nos estudos do português. Posso avaliá-los pelas tuas justas apreciações sobre a obra-prima de Alencar. Sei que não acreditas em todos os exageros românticos do autor, mas entendo também que não concordas com o pessimismo científico do grande naturalista Humboldt, que disse que na natureza brasileira tudo é grande, menos o homem... Mesmo sem chegar à idealização da figura de Peri, o grande sábio (porque Humboldt foi um verdadeiro sábio) foi injusto com nossos indígenas, que lutaram heroicamente durante séculos contra a escravidão. Mas, voltemos ao estudo do português. Agora é necessário ler alguns de nossos escritores mais modernos e conhecer nossos dois maiores poetas – Gonçalves Dias e Castro Alves. Talvez a Mamãe possa enviar-te alguns livros destes autores. Mas junto com esta carta envio-te dois belos sonetos, escritos com naturalidade e inspiração. Poderás captar o verdadeiro sentido de inúmeras palavras. Espero que estas poesias possam te dar um pequeno prazer, pois sei como é bom, em nossa situação atual, poder sair por um instante da triste realidade e voltar nossos pensamentos para algo de belo, para algo capaz de fazer nascer em nós o sentimento da perfeição. Compreenderás que estou te mandando o melhor do que me veio casualmente à vista.

Falas-me também de teus trabalhos manuais e asseguro-te que te invejo, pois desejaria bastante também poder fazer alguma coisa. Receberei com alegria um dos teus trabalhos de tricô, ainda que o calor que faz aqui torne quase impossível usá-los. O “Pullover” cinza, que me fizeste ainda aqui no Rio, eu usei muito pouco. Mas às vezes gosto de apreciá-lo. Tu conheces o meu amor por tais relíquias, não é verdade?

A respeito da minha vida, nada tenho de novo para contar-te. A saúde não vai mal e faço o possível para ocupar meu tempo durante estes dias sem fim. Nada te disse ainda da minha distração preferida, porque já a conheces – quebrar a cabeça com problemas. É sempre um pequeno prazer recordar-me, após um grande esforço, da demonstração de um teorema ou deduzir uma fórmula já esquecida. Hoje acabo de quebrar a cabeça até reencontrar a fórmula do lado do decágono regular e, o que foi mais difícil, do progresso gráfico de sua construção. Eis minhas loucuras matemáticas... Minha leitura atual é um livro sobre a história da Revolução francesa, recebido há alguns dias de Paris. Mas, minha querida, é necessário terminar. Espero que continues a tomar muito cuidado com a tua saúde e que possas comprar também, junto com o meio litro de leite, algumas frutas. Com

os meus melhores votos pela tua saúde, abraço-te de todo o meu coração. Teu.

Karli³⁶

Soneto de Coelho Neto

Ser mãe é desdobrar fibra por fibra
o coração; Ser mãe é ter no alheio
lábio que suga o pedestal do seio,
A vida onde o amor, cantando, vibra.

Ser mãe é ser um anjo que se libra
sobre um berço dormindo; É ser anseio,
é ser temeridade, é ser receio,
é ser força que os males equilibra.

Todo o bem que a mãe goza é bem do filho,
espelho em que se mira afortunada,
Luz que lhe põe nos olhos novo brilho.

Ser mãe é andar chorando num sorriso,
Ser mãe é ter um mundo e não ter nada,
Ser mãe é padecer num paraíso.

As velhas árvores (de Olavo Bilac)

Olha estas velhas árvores, - mais belas,
Do que as árvores moças, mais amigas,
Tanto mais belas quanto mais antigas.
Vencedoras da idade e das procelas...
O homem, a fera e o inseto, à sombra delas
Vivem, livres da fome e de fadigas;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E alegria das aves tagarelas.
Não choremos jamais a mocidade,
Envelheçamos rindo, envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem.
Na glória de alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!

A próxima carta é a resposta de Luiz Carlos à carta de Olga de 14 de maio de 1938.

Rio de Janeiro, 14/06/1938.

Minha pequena querida.

³⁶ PRESTES. [Carta] 14 março 1938, Rio de Janeiro [para] Benario.

Minha alegria é grande com a tua querida carta de 14 de maio, que está aqui diante de mim. Entendo que a tua saúde está bem melhor e que já estás mais tranquila quanto a nossa pequena querida. Felizmente a nossa filha goza sempre de boa saúde e, certamente, suas fotos completaram a descrição da última carta de Lyginha que recebeste. Aguardo com curiosidade tuas observações sobre essas duas fotos, das quais já te falei em minha última carta, pois espero que já estejam em tuas mãos.

Tuas observações sobre os dois sonetos brasileiros deram-me um grande prazer. Creio que tens inteira razão quando pensas ter atingido esse grau de maturidade interior de que falas, porque eu também penso que estes dois últimos anos foram de grande importância em minha vida. Aprendemos a melhor distinguir o essencial da vida e nossos melhores sentimentos se aprofundaram. Observo em mim mesmo uma maior unidade entre o sentir e o pensar, entre o coração e a cabeça. Entendo também que, a situação que te encontras, como me dizes, restou muito pouco da minha “travessa garota”, após tantos sofrimentos. Mas penso que isso não pode ser eterno, porque a nossa separação terminará um dia e então voltaremos inevitavelmente ao nosso inesquecível passado de crianças felizes... Vejo perfeitamente que meus cabelos tornam-se grisalhos, mas continuo a pensar com otimismo no futuro. Dias de alegria virão ainda e estou certo de reencontrar então o meu “enfant terrible” de ontem e poder ser eu mesmo um “enfant gâté”... Estás de acordo, não é verdade?

Espero ainda a resposta às perguntas das minhas cartas de maio, pois desejo conhecer os detalhes de tua vida atual. Já sei que podes ler os jornais e que sabes mais do que eu a respeito dos acontecimentos no Brasil. Eu nada sei, porque o meu isolamento continua o mesmo e estou proibido de ler os jornais. Mas asseguro-te que a minha situação não mudou e que até aqui, no meu cantinho, não se fizeram sentir os acontecimentos de que falas. Minha vida é sempre a mesma e a única coisa que muda são as minhas leituras. Agora estou vivendo entre as velhas civilizações da China e da Índia. Nossa Mãe me mandou um livro magnífico de um historiador americano, que nos faz viver entre os filósofos, os artistas e os escritores do Oriente antigo. É um verdadeiro prazer ler o que escreveram os grandes homens da Idade de Ouro da Índia. Lamentavelmente não me é possível transcrever aqui alguns passagens, que leria com prazer. Mas quero te dar um exemplo dos termos poéticos com os quais os matemáticos da Índia do século VIII expunham os dados de sua ciência e como davam aos problemas matemáticos uma graça bem característica da Idade de Ouro da Índia. Eis um exemplo da maneira como se exprimem esses velhos algebristas: “De um enxame de abelhas uma quinta parte fixou-se numa flor de Kadamba; um terço numa flor de Silindhra; três vezes a diferença desses dois números se instalou numa flor de Kutaja; uma abelha, que restava, esvoaçava no ar. Diga-me, encantadora mulher, qual era o número de abelhas”... Ainda que possa dar-te uma informação sobre a beleza de tais flores, terás sem dúvidas um pequeno prazer em buscar a solução desse problema, apresentado com tamanha gentileza a uma mulher encantadora... E tu, já recebeste o pacote de livros da Mamãe? Aguardo tua opinião sobre os livros enviados a fim de fazer outras indicações.

Falas-me da primavera na Europa e das folhinhas verdes das árvores que olham por cima do muro e bem podes imaginar como desejaria poder somente olhar essas folhinhas. Aqui não posso ver uma só folha verde e podes imaginar o que penso e com que “saudades” das flores de antigamente. Antes de terminar quero dizer-te que a minha saúde vai bem e que durmo sempre bem, mas lamentavelmente muito pouco. Para poder dormir até 6 horas, deito em geral depois das dez ou onze horas da noite. Mas, minha querida, é preciso terminar. Tomo pelo pensamento tuas mãos entre as minhas e, com meus maiores votos pela tua saúde, abraço-te de todo o coração. Teu

Karli.³⁷

Por fim, seguem a epístola de Prestes, citada por Olga em sua carta de dezembro de 1940, escrita no campo de concentração de Ravensbrück e, consecutivamente, a resposta de Luiz Carlos à referida carta (esta resposta foi escrita em alemão).

Rio de Janeiro, 03/09/1940.

Minha boa e querida amiga.

Escrevo-te hoje por esta via por me parecer ser atualmente a mais rápida e, além disto, me permitir fazer uso dos serviços do bom amigo tradutor com que contam, agora, as nossas queridas. Escrevendo assim no meu “brasileiro”, parece que me sinto um pouco mais à vontade e te posso dizer algo mais do que as “frases feitas” das minhas incríveis cartas em alemão. Aviso-te, no entanto, que não tenho deixado de te escrever diretamente todos os meses e que me admirei mesmo de não haveres recebido até maio as minhas cartas de fevereiro e março, mandadas todas por via aérea. Das tuas, a última recebida é ainda de maio, se bem que posteriormente tenha também lido as linhas que escrevestes em abril às nossas queridas.

Mas tratemos d’outro assunto, já que nas circunstâncias atuais não podemos nem pensar na possibilidade de uma correspondência mais regular ou menos demorada entre nós dois. Das últimas notícias que me mandastes causou-me especial alegria a que se refere à tua correspondência com a Clotilde. Mas precisas agora informá-la do que poderás receber, ao menos em roupas e alimentos, pois a sua satisfação será grande se te puder mandar algo de mais concreto do que as notícias do sobrinho. Eu, por exemplo, se estivesse por aí, tão perto, já lhe teria pedido alguns daqueles frios com que os suecos enchem (ou enchiam, porque agora a coisa já deve ser diferente) as suas mesas e até mesmo um pouco de caviar!... Principalmente para o inverno que se avizinha não seria mal, não é verdade? Mas será possível que até lá não se resolva o teu caso? É esta a pergunta quase que permanente das cartas semanais que escrevo à Mamãe, pois, como bem podes imaginar, é como que a ideia fixa que me domina. Evidentemente, a minha confiança em ti, nas tuas forças, na energia moral com que consegues dominar o próprio físico, não tem limites, mas, quando penso que já estás há quase cinco anos nessa dura

³⁷ PRESTES. [Carta] 14 junho 1938, Rio de Janeiro [para] Benario.

situação, não posso deixar, naturalmente, de recluir pela tua saúde. Não quero, no entanto, te acompanhar nos tristes pensamentos a que te referes em tua carta e asseguro-te mesmo que aqui, durante essas minhas longas horas de meditação, acabo sempre por construir uma teoria que me leve à conclusão de que ainda teremos momentos de felicidade. É verdade que preciso fazer uso de toda a minha habilidade dialética e que, às vezes, chego a rir dos próprios sofismas com que procuro me convencer...

Vejamos, porém, o que te posso contar aqui da minha vida. A situação é sempre a mesma e a saúde vai resistindo sem maiores novidades. A minha vida se processa numa regularidade e monotonia que bem podes calcular. Durante o dia posso esticar um pouco as pernas num pequeno pátio, onde ando para diante e para trás uns 15 passos e tomo diariamente o meu banho de sol. Geralmente, às 5 ou 5 e meia da manhã já estou acordado e então aqueço um pouco d'água para o chimarrão, estupidamente solitário. Quanto à alimentação, faço o possível para dominar a falta de apetite inevitável na inatividade em que me encontro e, conquanto ainda não me tenha pesado, creio que estou agora com meu peso normal de mais ou menos 60 quilos. As insônias, felizmente, não são comuns e geralmente consigo dormir regularmente as horas necessárias.

Quanto ao mais, organizo diariamente com meus livros um plano de trabalho e faço questão de executá-lo. Felizmente recebo um jornal diário e tu bem podes compreender que, no momento em que vivemos, essa leitura sempre me fornece material em abundância para as horas de meditação. Além disto, tenho recebido ultimamente uma grande quantidade de revistas norte-americanas que me são enviadas do México e que já vou conseguindo ler com relativa facilidade. Mas a prática do inglês não me fez abandonar o estudo do alemão, no qual prossigo, apesar de serem menores do que desejava os meus progressos. Atualmente estou lendo em alemão dois livros de viagens de Richard Katz e alguns números de revistas "Wir und die Welt"; mas o esforço ainda é grande para bem compreendê-los.

Antes de terminar quero ainda falar-te da nossa filha, de quem espero que, ao receberes estas linhas, já tenhas mais algumas notícias. A Mamãe e a Lyginha informam-me continuamente de seus progressos e, pelos retratinhos tirados em maio, já pudera apreciar o quanto está ela forte e desenvolvida. Na semana última, porém, recebi um novo retrato, tirado agora em agosto, o qual, além de me dar uma ótima ideia da sua ótima saúde, me fez compreender que me deste uma filha que possui um palminho de cara realmente encantador. O seu olhar tem uma profundidade que me admirou para sua idade, a par de uma ternura que encanta e comove. Mas qualquer descrição seria aqui impossível e só quando receberes o mesmo retrato poderás bem avaliar os sentimentos que me dominam ao te dar estas informações. E por hoje, minha querida, convém aqui terminar.

Peço-te que, em retribuição às informações que te dou acima da minha vida, me digas sempre algo de concreto sobre a tua situação e a tua saúde. Confesso-te que muito, e preocupam as gripes sucessivas de que tens sido vítima. Isto deve ser consequência, em boa parte, da falta de sol e de vitaminas, principalmente vitamina D. Como preventivo contra as gripes, não te permitiriam receber, por intermédio da Mamãe ou da Clotilde, um fortificante qualquer, dos muitos que hoje se fabricam com tal fim?

Com imensas saudades, abraça-te com carinho o teu

Carlos.³⁸

Rio de Janeiro, 17/04/1941.

Minha querida Olga.

Estou muito contente de poder te dar um sinal de vida. Recebi tuas cartas de dezembro (via México) e de 28/01 (via Correio aéreo). É impossível para mim, entretanto, registrar no papel mesmo a mínima parte dos sentimentos e dos pensamentos que em mim produziram tuas carinhosas palavras. Naturalmente muito me alegrou o que dizes a respeito de tua saúde, de tua situação, de teus sonhos e de tuas leituras, e sinto o meu coração bastante aliviado. Recebestes as minhas cartas de outubro, novembro e janeiro? Não poderias agora escrever para as nossas queridas no México? E também para Clotilde? Gostaria de conversar contigo sobre a nossa pequena Anita, mas... em português. Que me dizes das novas “fotos”, “uma carinha bem diferente...”, mas? Uma “moreninha” bonita, não é verdade? A minha próxima carta, escrita em português e enviada via México, te explicará o motivo por que hoje escrevo pouco. De saúde vou bem. Escreve-me logo e recebe com muitas “saudades” o abraço com todo o amor do teu

Carlos.

P.S. – Às nossas três queridas estão com saúde. A última carta delas é de 1º/4.³⁹

³⁸ PRESTES. [Carta] 03 setembro 1940, Rio de Janeiro [para] Benario.

³⁹ PRESTES. [Carta] 17 abril 1941, Rio de Janeiro [para] Benario.